



UNIRIO

Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
Programa de Pós-graduação em Ciência Política

ROMANTIEZÉR THEODORO GOMES DA SILVA

ESQUERDA E DIREITA NA PERSPECTIVA DOS FIÉIS DA IGREJA
UNIVERSAL DO REINO E DEUS: eleições, conservadorismo, economia
e desigualdade social.

RIO DE JANEIRO

2025

Catálogo informatizado pelo(a) autor(a)

S586 Silva, Romantiezêr Theodoro Gomes da
Esquerda e direita na perspectiva dos fiéis da Igreja
Universal do Reino de Deus: eleições, conservadorismo
economia e desigualdade social. / Romantiezêr Theodoro
Gomes da Silva. -- Rio de Janeiro : UNIRIO, 2025.
107

Orientador: Ivo José de Aquino Coser.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência
Política, 2025.

1. Igreja Universal. 2. Esquerda. 3. Direita. I. Coser,
Ivo José de Aquino, orient. II. Título.



Romantiezér Theodoro Gomes da Silva

**ESQUERDA E DIREITA NA PERSPECTIVA DOS FIÉIS DA IGREJA
UNIVERSAL DO REINO E DEUS: eleições, conservadorismo, economia
e desigualdade social**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Linha de Pesquisa: Comportamento Político e Eleitoral.

Orientador: Prof. Dr. Ivo José de Aquino Coser.

RIO DE JANEIRO

2025

Romantiezér Theodoro Gomes da Silva

**ESQUERDA E DIREITA NA PERSPECTIVA DOS FIÉIS DA IGREJA
UNIVERSAL DO REINO E DEUS: eleições, conservadorismo, economia
e desigualdade social.**

Dissertação apresentada ao programa de
Pós-graduação em Ciência Política da
Universidade Federal do Estado do Rio de
Janeiro, como parte dos requisitos
necessários para a obtenção do título de
Mestre em Ciência Política.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. Ivo José de Aquino Coser
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof.^a Dr.^a Luciana Fernandes Veiga
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof. Dr. Antônio Carlos Alkmim dos Reis
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida e por me sustentar até aqui.

À minha esposa Alessandra por todo apoio e suporte, sem o qual não teria conseguido, mesmo com a gestação e o nascimento dos nossos filhos. Aos meus meninos, Miguel e Pedro, que hoje são a razão do meu existir.

Ao meu pai, Romantiezzer Theodoro (1946-2011), por nunca ter deixado de me incentivar e acreditar em mim, e por ser uma referência de homem, marido e pai. À minha mãe por ter me ensinado a servir e a persistir. À minha irmã pela amizade e companheirismo. À minha tia Aurelita por sempre acreditar em mim e por seus muitos conselhos.

Aos meus amigos Ivo Oliveira, Vanessa Benfica, Antônio Corrêa e Flávia Corrêa, por todo apoio e por, desde 2020, dividir as demandas da liderança de casais na nossa Comunidade Evangélica.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UNIRIO e a seu corpo docente, especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. Ivo Coser. Sou muito grato pelas oportunidades e pelo aprendizado.

Aos professores, Dra. Luciana Fernandes Veiga (UNIRIO) e Dr. Antônio Carlos Alkmim dos Reis (PUC-Rio), por terem aceitado compor a banca de qualificação. Seus comentários, críticas e conselhos contribuíram para o aprimoramento do trabalho e para meu crescimento como pesquisador.

Por último, mas não menos importante, agradeço a todos os meus amigos de turma, em especial à Marina Ozório, Michelle Stravinski e Pedro Bahia, pelo companheirismo, preocupação e trocas ao longo desse período.

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo identificar de que maneira os evangélicos neopentecostais da Igreja Universal do Reino de Deus compreendem os conceitos de esquerda e direita, abordando a temática da influência religiosa sobre o voto do eleitor. A pesquisa realizou entrevistas entre novembro de 2023 e janeiro de 2025 e busca entender se esses conceitos interferem na hora de decidir o voto para presidente da República e se influenciam sua visão sobre economia, conservadorismo e desigualdade social. Sobre o voto, a indagação foi quanto à escolha para presidente nas eleições de 2018 e 2022. A questão principal é descobrir as concepções dos entrevistados sobre esquerda e direita e até onde esses conceitos os influenciam. A pesquisa utilizou o método qualitativo por meio da técnica de entrevistas em profundidade. A hipótese é que os evangélicos dessa igreja, em virtude de seu entendimento sobre esquerda e direita, apesar de terem preocupações sociais, se autodefinem normalmente como pessoas de direita na medida em que associam a esquerda com pautas identitárias, mas não com agendas como pobreza e desigualdade social. O resultado aponta que apesar do conservadorismo associado à religião, a maioria dos entrevistados entendem que não há óbice a um cristão ter um pensamento político de esquerda e que muitos votam ou já votaram na esquerda, mas alguns discordam dessa opção. A conclusão é que é preciso considerar a diversidade de visões dentro do grupo, a mobilidade do voto em razão da economia e a maior ou menor identificação do governo do momento com as questões comportamentais.

Palavras-chave: Igreja Universal. Economia. Conservadorismo. Esquerda. Direita.

ABSTRACT

The present dissertation aims to identify how the neo-Pentecostal evangelicals of the Universal Church of the Kingdom of God understand the concepts of left and right, addressing the theme of religious influence on the voter's vote. The research carried out interviews between November 2023 and January 2025 and seeks to understand whether these concepts interfere when deciding to vote for President of the Republic and whether they influence their views on the economy, conservatism and social inequality. Regarding voting, the question was about the choice for president in the 2018 and 2022 elections. The main question is to discover the interviewees' conceptions about left and right and to what extent these concepts influence them. The research used the qualitative method through the in-depth interview technique. The hypothesis is that the evangelicals of this church, due to their understanding of left and right, despite having social concerns, normally define themselves as right-wing people to the extent that they associate the left with identity agendas, but not with agendas such as poverty and social inequality. The result shows that despite the conservatism associated with religion, the majority of those interviewed understand that there is no obstacle to a Christian having left-wing political thoughts and that many vote or have already voted for the left, but some disagree with this option. The conclusion is that it is necessary to consider the diversity of views within the group, the mobility of votes due to the economy and the greater or lesser identification of the government of the moment with behavioral issues.

Keywords: Universal Church. Economy. Conservatism. Left. Right.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada do templo da IURD em Mesquita	73
Figura 2 - Fachada do templo da IURD em Nova Iguaçu	73
Figura 3 - Fachada do templo da IURD em São João de Meriti	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - CENSO – Religião – 1991	36
Tabela 2 - CENSO – Religião – 2000/2010	36
Tabela 3 - DataFolha – 2020	37
Tabela 4 - Agenda Semanal da IURD.....	45
Tabela 5 - População Do Estado Do Rio De Janeiro	66
Tabela 6 - Estado do Rio de Janeiro - Religião.....	67
Tabela 7 - População/Quantidade de Igrejas e Templos	67
Tabela 8 - Falas Seleccionadas Dos Entrevistados.....	68

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Assembleia de Deus
ADI	Ação Direta de Inconstitucionalidade
ADPF	Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
ESEB	Estudo Eleitoral Brasileiro
EUA	Estados Unidos da América
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
LOTERJ	Loteria do Estado do Rio de Janeiro
NDR	Nova Direita Religiosa
PIB	Produto Interno Bruto
PNDH-3	Programa Nacional de Direitos Humanos
PSB	Partido Socialista Brasileiro
PT	Partido dos Trabalhadores
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
TV	Televisão
STF	Supremo Tribunal Federal
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 REFERENCIAL TEÓRICO	17
1.1 Religião e Democracia	17
1.2 Conceituando Esquerda e Direita	21
1.3 Identidade Religiosa No Brasil	27
2 CONTEXTUALIZAÇÃO	32
2.1 Introdução	32
2.2 As ondas do Pentecostalismo Brasileiro e o movimento Neopentecostal	35
2.3 A Igreja Universal do Reino de Deus	40
2.4 A Nova Direita Religiosa (NDR) norte-americana e sua influência no Brasil	47
2.5 (In)Tolerância e Neopentecostalismo	54
3 METODOLOGIA E RESULTADOS	61
3.1 Da Metodologia	61
3.2 As entrevistas com fiéis da IURD	65
3.3 Análise de conteúdo das entrevistas	74
3.3.1 Introdução	74
3.3.2 Do aspecto político	75
3.3.3 Do aspecto econômico	81
3.3.4 Do aspecto moral	90
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
4.1 Evangélicos À Esquerda/Progressistas No Brasil	97
4.2 Conclusão	98
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICE A - FORMULÁRIO DE ENTREVISTA	106

INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado por um aumento do secularismo e teve um foco crescente nos aspectos materiais da vida. O Movimento Iluminista no século XVIII contribuiu para questionar os valores da fé cristã que, na visão dos pensadores ocidentais, parecia estar perdendo sua relevância, ficando circunscrita a setores específicos da coletividade. No entanto, no século XXI a religião não apenas manteve sua influência, como também cresceu em muitas partes do mundo (Berger, 2001). Os princípios religiosos continuam a ser uma parte essencial da vida diária de muitas pessoas, moldando não apenas sua fé, mas também influenciando o funcionamento de instituições, grupos e sociedades em escala global. Esse fenômeno desafia as expectativas de secularização irreversível e destaca o papel contínuo e significativo da religião na coesão social e na formação de identidades culturais, refutando assim previsões simplistas sobre seu declínio na era moderna.

O cristianismo desempenhou um papel central na formação do Ocidente. Desde princípios éticos e morais que fundamentaram normas sociais e legais até o desenvolvimento de pensamento filosófico e teológico, sua influência foi expressiva. A igreja também colaborou na promoção da educação e alfabetização, estabelecendo Universidades que foram criadas ainda na Idade Média. As divisões religiosas da Reforma Protestante no século XVI desafiaram a autoridade da Igreja Católica Romana, moldando a história europeia e resultando na diversidade de denominações cristãs observada hoje (Berutti; Faria; Marques, 2001). A evangelização cristã também desempenhou um papel significativo na expansão colonial na América e na disseminação global da fé cristã, deixando um legado profundo e duradouro na sociedade ocidental. Segundo Weber, a remoção dos antigos “obstáculos espirituais” da religião católica proporcionou uma maior liberdade aos homens, que passaram a viver numa nova “conexão do espírito da moderna vida econômica com a ética racional da ascese protestante”, que produziu um novo *ethos* no sistema econômico (Weber, 2008, p 32). Contudo, a Contrarreforma ou Reforma Católica iniciou um processo de mudança e renovação do catolicismo em resposta ao protestantismo, o que manteve o catolicismo forte na Itália, Espanha e Portugal (Berutti; Faria; Marques, 2001).

Os portugueses trouxeram a religião católica para a nova colônia. Mesmo com a independência, o catolicismo continuou como religião oficial no período da

Monarquia. Outras religiões foram permitidas, mas é com a República que esses credos puderam se manifestar publicamente e seus integrantes se reunirem em templos próprios e caracterizados. Foi nesse contexto que as primeiras igrejas protestantes como Presbiterianos, Batistas e Luteranos se instalaram no país (Mafra, 2001).

Os evangélicos têm crescido continuamente na sociedade brasileira, atraindo a atenção de pesquisadores das ciências sociais que buscam compreender melhor suas dinâmicas e seu impacto no comportamento eleitoral das pessoas. Nesse sentido, surgem questionamentos sobre quais suas preferências políticas, se o grupo é capaz de influenciar no resultado das eleições, qual é a sua relevância política e social, dentre outros. Compreender esses aspectos não apenas proporciona uma visão mais completa da dinâmica eleitoral brasileira, mas também contribui para uma compreensão mais profunda dos fatores que moldam a política e a sociedade no Brasil contemporâneo.

Ao longo da história, diversos grupos se identificaram com ideais que acabaram associados a uma ideologia ou pensamento dito “de esquerda”. Outros, com ideais que foram relacionados a um pensamento “de direita”. Observa-se que os evangélicos, de uma maneira geral, fazem uma avaliação positiva da “direita”, da meritocracia e de concepções conservadoras (Spyer, 2020). A discussão sobre estes termos permeou fortemente a sociedade brasileira a partir das eleições nacionais de 2014. Na verdade, o assunto já estava presente no cenário das eleições de 2010 (Vital da Cunha; Lopes; Lui, 2017).

A presente pesquisa busca saber como e de que maneira a compreensão dos conceitos de esquerda e direita interferem na hora que o eleitor evangélico vai decidir seu voto para presidente da República. Indago ainda como esses conceitos impactam esse eleitor em sua visão sobre pobreza e justiça social, além de questionar quanto ao voto para presidente nas eleições de 2018 e 2022. Secundariamente, meu objetivo é entender por qual motivo eles demonstram tanta insatisfação ou desconfiança em relação ao que se pode chamar de “esquerda”. Seja nas redes sociais, seja em discursos proferidos dentro das igrejas ou nas conversas do dia a dia, é notória a oposição desse grupo à ideia de esquerda e a termos como marxismo, comunismo, socialismo etc. Isso acontece mesmo sem que tentem definir um conceito claro de “esquerda”, ou porque esta seria tão nociva às pessoas, em particular aos cristãos.

E por qual razão é importante pesquisar a relação dos evangélicos com a política? Desde a formação da Constituinte em 1988, o grupo tem desempenhado um papel crescente na política brasileira. A partir do pleito de 2010, discussões sobre progressismo e conservadorismo têm sido cada vez mais marcantes nos processos eleitorais (Vital Da Cunha; Lopes; Lui, 2017). Líderes religiosos, políticos e ativistas com discursos conservadores e muitas vezes extremistas frequentemente se apresentam como porta-vozes desse grupo, que é bastante diversificado. No entanto, o que pensam esses fiéis sobre essas discussões? Eles compartilham as mesmas orientações ideológicas de seus líderes? Essas perspectivas influenciam mesmo seus votos?

O presente estudo julga necessário compreender o aspecto subjetivo do pensamento dos evangélicos sobre os termos “esquerda” e “direita”, em especial da denominação neopentecostal escolhida. A escolha por esta igreja se deve pelo fato de ser ela a terceira maior denominação do país, sendo a maior dentre as neopentecostais (Mariano, 2014). É numericamente expressiva, cada vez mais atuante no cenário nacional e possui uma relevância significativa para a dinâmica política contemporânea no país. Por isso é importante compreender as opiniões de seus integrantes sobre política, eleições e democracia. Dados do Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB), vinculado à Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), em 2022 mostram que a maior igreja do país é a Assembleia de Deus (AD) que, com seus diversos segmentos, chega a 31,8%. A segunda é a igreja Batista que, também com suas ramificações, chega a 12,4%. A Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que não é uma denominação fragmentada, é a terceira, com 5,3% dos evangélicos¹.

Vejamos um dos trechos de uma entrevista realizada em Mesquita para esta pesquisa.

Você considera que já sofreu algum tipo de preconceito ou atitude de intolerância por ser evangélico?

Sim, já fui chamada de doida, disseram que eu ia dar dinheiro para pastor. Já disseram que eu posso ir em qualquer igreja, menos na Universal, é a única em que não se deve ir. Eu mesma já discriminei. Mas a Universal é uma igreja que te dá determinação para seguir em frente (Ana, 09 dez. 2024).

¹ Estudo Eleitoral Brasileiro (ESEB). **Centro de Estudos de Opinião Pública (CESOP)**. Disponível em: <https://www.cesop.unicamp.br/por/eseb> Acesso em: 15 jul. 2024.

Ao longo da conversa, a entrevistada acima materializou sua fé na instituição IURD. Apesar de ser da igreja Presbiteriana de Nilópolis, cidade vizinha, a entrevistada afirmou ir quatro vezes por semana à IURD. Segunda ela, tal assistência se dá devido aos temas dos cultos: “segunda-feira é o dia da prosperidade, quinta-feira é a terapia do amor, sexta-feira é a sessão do descarrego e sábado é o jejum das causas impossíveis” (Ana, 09 dez. 2024).

Caso semelhante é o do entrevistado José, que afirmou: pertence à “igreja AD de Vilar dos Telles, mas frequento a Universal de Vilar dos Telles às segundas, quartas, domingos e às vezes na sexta, há mais de 20 anos” (José, 13 dez. 2024). Esses são exemplos da importância da fé e da denominação IURD para esse grupo da população, onde se encontram inúmeros eleitores, e aqui me refiro à importância da pesquisa para a linha de Comportamento Político e Eleitoral de nossa Universidade.

Meu intuito com esta investigação é provocar uma reflexão, por meio da seguinte hipótese: os evangélicos da IURD dos municípios em análise, com base em seu entendimento sobre esquerda ou direita, se autodefinem normalmente como pessoas de direita, na medida em que associam a esquerda com pautas identitárias, mas não com agendas como pobreza e justiça social.

Além disso, cumpre questionar: há uma base concreta para acreditar que este grupo, de forma generalizada, rejeita amplamente a ideia de esquerda, de progressismo? De que forma esse termo é associado pelos sujeitos em questão a outros aspectos do cenário político, econômico, social e religioso do país?

O foco deste trabalho será com fiéis pertencentes à denominação escolhida em três igrejas locais, nas cidades de Mesquita, Nova Iguaçu e São João de Meriti, todas na Baixada Fluminense. Além disso, a IURD possui um canal de televisão, um jornal semanal chamado Folha Universal, distribuído em seus templos, site próprio, elege políticos e tem ampla influência sobre o partido Republicanos², embora isso não seja claramente admitido por nenhuma das partes. Essas foram as razões que me levaram a escolher essa denominação como objeto de pesquisa.

² Roda Viva - Marcos Pereira - 25/09/2023. TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TD1jYTr7NAA>. Acesso em: 15 jul. 2024.

Como objetivo geral tenho: investigar como os membros da IURD das três igrejas locais interpretam os conceitos de "esquerda" e "direita". Os objetivos específicos são:

1. Identificar o perfil dos evangélicos da IURD;
2. Descrever as percepções e imaginários dos fiéis sobre esquerda, direita, progressismo e conservadorismo;
3. Avaliar se essas concepções ideológicas influenciam a escolha do voto para presidente;
4. Analisar como esses pontos de vista impactam o entendimento dos fiéis sobre pobreza e desigualdade social.

De igual maneira, é importante saber se é possível que fiéis dessa igreja votem em partidos de esquerda e/ou tenham posicionamentos mais progressistas; se votam preferencialmente na direita, mas tem uma ou outra posição progressista em relação a algum tema relevante, combinando preferências ideológicas. Por fim, a intenção é contribuir para o avanço do conhecimento sobre o comportamento político-eleitoral do segmento.

A teoria focará na clássica definição de esquerda e direita de Bobbio que, define a primeira como uma ideologia mais propensa às políticas de intervenção do Estado na economia, ao contrário da segunda, que entende que o mercado é capaz de se autorregular, sem interferência estatal. Reforça o autor, no entanto, que o ponto central e divisor entre os dois pensamentos seria uma atitude favorável ou não às políticas de mudança no *status quo* (Bobbio, 2011). Além deste clássico, é relevante a obra do brasileiro André Singer que aborda a distinção entre esquerda e direita como necessária para se compreender a análise do comportamento eleitoral no Brasil (Singer, 2000).

No aspecto da teoria democrática, selecionei os autores Joseph Schumpeter e Anthony Downs. Para análise do contexto brasileiro, selecionei a tese seminal de Paul Freston de 1993 que faz um apanhado histórico do protestantismo assim como das fases do pentecostalismo brasileiro. Ricardo Mariano (2014), Juliano Spyer (2020) e Christina Vital da Cunha (2015; 2017) e outros também serão referenciados neste trabalho.

A presente dissertação estrutura-se na seguinte forma: o capítulo 1 vai tratar do referencial teórico. Nele pretendo iniciar a discussão tecendo breves comentários

sobre a relação entre religião e democracia, por entender que a regulamentação da vida civil inclui a sociedade como um todo, e assim, não pode estar orientada pelos princípios de nenhuma religião (Locke, 2019). A defesa da tolerância religiosa pode ser concebida como uma reivindicação da laicidade do Estado em favor de uma liberdade de escolha religiosa de seus cidadãos.

Em seguida, apresento os conceitos básicos de esquerda e direita para fins de justificar a temática a ser abordada nesta pesquisa. Ato contínuo, planejo identificar como esses conceitos são interpretados no Brasil atualmente e por fim, tratar da identidade religiosa no Brasil.

No capítulo 2 proponho-me a apresentar o contexto do protestantismo no Brasil. Falar desde a chegada dos assim chamados protestantes históricos, como luteranos, presbiterianos e batistas, ainda no período colonial, passando pelo surgimento do movimento pentecostal no início do século XX e suas ondas (Freston, 1993) ou vertentes (Mariano, 2014), chegando ao movimento neopentecostal nos anos 1970. Em seguida tratar do histórico e atuação da Igreja Universal. Além do mais, penso ser importante falar do que acontece nos Estados Unidos da América (EUA), de onde o Brasil importa inúmeros comportamentos, o que não seria diferente com os movimentos pentecostais/neopentecostais, e assim falar da direita religiosa e sua influência no contexto brasileiro. Para finalizar o capítulo, pretendo abordar a tolerância e sua relação com o Neopentecostalismo.

Já o capítulo 3 será dedicado à metodologia, à análise das entrevistas e das fontes utilizadas. Na intenção de captar o pensamento desse grupo que, diferentemente dos católicos, é bastante fragmentado em muitas denominações, optei pela realização de entrevistas com integrantes da igreja a partir de um questionário semiestruturado elaborado por mim. A entrevista em profundidade é um mecanismo que gera uma riqueza de informações coletadas e proporciona a possibilidade de registro das reações dos entrevistados.

A forma de recrutamento mais comum em pesquisas qualitativas é por critério de conveniência. No caso desta pesquisa, os entrevistados foram indicados por pessoas conhecidas deste pesquisador que tinham contato com os fies da IURD. Também foram realizadas entrevistas nas portas dos templos da IURD. Todas as conversas se deram com pessoas que pertencem ou frequentam templos nas três cidades acima mencionadas. As entrevistas foram realizadas entre novembro de 2023

e janeiro de 2025.

A partir dos dados coletados, foi realizada uma análise de conteúdo das entrevistas para entender quais argumentos dos entrevistados contidos por trás de suas falas explicam suas opiniões sobre os conceitos objetos desta pesquisa.

Por fim, o quarto e último capítulo apresentará a conclusão, onde indago sobre o papel dos “evangélicos progressistas” e destaco as possíveis contribuições do estudo. No apêndice, encontra-se o questionário semiestruturado utilizado.

Este trabalho busca abordar a temática da influência religiosa sobre o voto do eleitor sem emitir qualquer juízo de valor sobre a IURD. Por essa razão, meu objetivo será examinar as interpretações dos fiéis sobre os conceitos já elencados acima e contribuir para aprofundar o entendimento acerca do tema.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Religião e Democracia

As sociedades humanas não apresentam a mesma estabilidade que o mundo natural, o meio ambiente. Por esse motivo, é necessário a colaboração dos homens entre si para manter o equilíbrio de seu mundo. Nesse aspecto, o discurso religioso é eficaz nessa tarefa legitimadora de manutenção da ordem. Nas palavras de Berger “a religião legitima de modo tão eficaz porque relaciona com a realidade suprema as precárias construções da realidade erguida pelas sociedades empíricas” (Berger, 1985, p. 45). Dessa forma, a religião se integra à essência do ser humano e à cultura de uma sociedade.

Os valores religiosos podem influenciar normas sociais, políticas e jurídicas. Em um Estado Teocrático, a autoridade política é vista como derivada diretamente de uma divindade ou de princípios religiosos sagrados; as instituições religiosas são integradas ao aparato estatal e os líderes religiosos desempenham um papel central nas decisões políticas e governamentais, como por exemplo o atual Irã (Hoodfar; Sadr, 2019). Por outro lado, em um Estado Democrático moderno, existe uma cisão entre religião e Estado, muitas vezes chamada de separação entre Igreja e Estado. Essa divisão assegura que nenhuma religião específica detenha controle direto sobre o governo e é crucial para proteger a liberdade religiosa e garantir a igualdade de todos perante a lei.

A Reforma Protestante abalou a hegemonia da Igreja Católica, pois contestou muitas práticas e doutrinas, como a venda de indulgências e a autoridade papal. O movimento levou à criação de várias novas denominações cristãs, como o luteranismo, o calvinismo e o anglicanismo, além de transformar profundamente a Europa e ter repercussões globais duradouras (Berutti; Faria; Marques, 2001).

Dentro desse contexto de uma maior liberdade de pensamento e um século após a reforma, o filósofo inglês John Locke, que era protestante, afirmava que os homens possuem uma liberdade natural e ampla, submetida apenas às leis da natureza. Segundo o autor, a “liberdade consiste em não se estar sujeito à restrição e à violência por parte de outras pessoas; o que não pode ocorrer onde não há lei: e não é, como nos foi dito, uma liberdade para todo homem agir como lhe apraz” (Locke, 1994, p. 115). Assim, o homem, tem autonomia para fazer suas escolhas, tomar

decisões e usufruir dos bens naturais, desde que não haja nenhuma interferência na liberdade e nos bens do outro e que ele usufrua daquilo que lhe é necessário. A liberdade de um homem encontra limite apenas na liberdade do outro.

Ressaltou o autor em sua Carta Acerca da Tolerância, de 1689, a importância da separação entre religião e Estado, e que a regulamentação da vida civil, que inclui a sociedade como um todo, não pode estar orientada pelos princípios de nenhuma religião. A defesa da tolerância religiosa pode ser concebida como uma reivindicação da laicidade do Estado em favor de uma liberdade de escolha religiosa de seus cidadãos. Argumenta ainda o pensador que ninguém, ao nascer, está subordinado a alguma crença, mas une-se livremente à sociedade na qual acredita ter encontrado a verdadeira religião (Locke, 2019).

Na referida Carta, Locke ressalta a importância da separação entre religião e Estado ao comparar o Judaísmo com o Cristianismo.

Isto porque a comunidade civil dos judeus, diferente neste aspecto de todas as outras, era uma teocracia absoluta; lá não havia, nem podia haver, qualquer diferença entre a comunidade civil e a igreja. As leis ali estabelecidas que diziam respeito ao culto de uma Divindade invisível eram as leis civis daquele povo e faziam parte de seu governo político, onde o próprio Deus era o legislador. (...). Mas não existe, de modo algum, tal coisa prescrita pelo Evangelho com respeito a alguma comunidade civil cristã. (...) Na verdade, Ele ensinou aos homens como, pela fé e pelas boas ações, eles podem obter a vida eterna; mas não instituiu a comunidade civil. Não prescreveu a seus seguidores nenhuma forma nova e peculiar de governo, assim como não pôs a espada na mão de nenhum magistrado, outorgando-lhe o poder de usá-la para obrigar os homens a abandonar sua antiga religião e receber a sua (Locke, 2019, p. 269-270).

O pensamento de Locke serviu significativamente para o desenvolvimento do conceito de separação entre religião e Estado, influenciando profundamente as discussões políticas e filosóficas ao longo dos séculos seguintes. Foi o que aconteceu anos depois, em que as ideias dos puritanos, nome dado aos calvinistas na Inglaterra, sobre liberdade, participação política e não submissão a um governo injusto, contribuíram para a secularização da sociedade e a colocação da religião dentro da esfera privada do homem, tendo como resultado “a inserção do indivíduo no mundo” (Quintana, 2004, p. 104). Foi a alma puritana “que inspirou o desenvolvimento inicial do capitalismo” (Giddens, 1996, p. 43). Tal condição deu uma maior liberdade de participação aos homens na sociedade e na defesa de seus direitos universais, servindo conseqüentemente para o aprimoramento das instituições políticas e

propagação dos ideais de liberdade e igualdade, ajudando assim a consolidar a própria noção de democracia.

O próprio Lutero acreditava na autoridade secular. Entendia que o príncipe poderia dar ordens aos seus súditos, desde que essas ordens estivessem nos limites de sua competência e autoridade.

Assim, se um príncipe ou um senhor secular ordenar-lhes a adesão ao papado, a crença nisto ou naquilo e a entrega de livros, a sua resposta deveria ser: não é adequado que Lúcifer esteja ao lado de Deus. Meu bondoso senhor, devo-lhe obediência com minha vida e meus bens. Ordene-me o que se enquadra nos limites de sua autoridade e obedecerei. Mas se ordenar-me acreditar, ou entregar meus livros, não obedecerei. Pois então o senhor torna-se [terá se tornado] um tirano e se excede [se excedido], dando ordens num terreno no qual não tem direito ou poder (Lutero, 2005, p. 45).

A secularização foi um processo histórico e social pelo qual as instituições e a cultura se tornaram menos orientadas pela religião e mais por preocupações racionais, como ciência, políticas públicas e interesses econômicos. Representa a diminuição da influência da religião na vida pública e privada. Esse processo, que se acentuou com o Movimento Iluminista no século XVIII, contribuiu para questionar os valores do cristianismo. A religião, na visão ocidental, estava perdendo sua relevância, ficando circunscrita a setores específicos da coletividade. Nas palavras de Berger: “a modernização leva necessariamente a um declínio da religião, tanto na sociedade como na mentalidade das pessoas” (Berger, 2001, p. 10).

No entanto, o século XXI não viu a diminuição da religião como se esperava. Diversas crenças não apenas mantiveram sua influência, como também se fortaleceram em diversas partes do mundo. Os princípios religiosos continuam a ser uma parte essencial da vida diária de muitas pessoas, refutando assim previsões simplistas sobre seu declínio na era moderna (Berger, 2001).

Na Argentina, a Igreja Católica desfrutou de um estatuto privilegiado (Montero; Nicácio; Vaggione, 2021). Na contramão desse movimento, o Uruguai o status da Igreja tornou-se progressivamente mais frágil, levando o país a ser reconhecido como um dos mais secularizados do mundo. O Brasil, por sua vez, adotou-se um arcabouço jurídico essencialmente liberal, o que não impediu a presença abundante de símbolos religiosos nos espaços públicos e um acordo celebrado com a Santa Sé³.

³ Decreto 7.107/2010 **Planalto**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7107.htm. Acesso em: 31 jan. 2025.

Essa mudança nos rumos do processo de secularização levou alguns autores a fazer referência ao momento intelectual da atualidade como pós-secular (Mapril *et al.*, 2017). Nos últimos anos, a religião, que nunca desapareceu totalmente, ganhou maior visibilidade quando o tema se refere ao uso de símbolos religiosos em locais públicos, a participação de líderes religiosos nas instituições políticas, polêmicas envolvendo pesquisas genéticas, controle de natalidade, aborto, eutanásia e união homoafetiva. Observa-se também que as esferas secular e religiosa não estão tão separadas na modernidade quanto sugeria a narrativa weberiana (Perlatto, 2013). Como resultado dessa mudança, as explicações tradicionais do processo de secularização, visto como um avanço contínuo e sem interrupções, têm sido contestadas. O que leva à conclusão de que as religiões permanecem como elementos centrais nas sociedades e que as relações entre religião e democracia são complexas e diversas, variando conforme o contexto histórico, cultural e político de cada sociedade.

Dentro da doutrina democrática, Joseph Schumpeter definiu a democracia como um método institucional de tomada de decisões políticas, um sistema de regras de seleção das elites e de escolha dos dirigentes políticos que tomarão as decisões que podem garantir o bem comum da comunidade que os escolheu pelo voto⁴. Com relação à religião, o autor entende que os valores religiosos certamente são compatíveis com uma democracia (Schumpeter, 2010). Já Anthony Downs aduz que os eleitores levam em consideração as vantagens e/ou desvantagens de se eleger determinado candidato/partido. Afirma que o comportamento dos eleitores é analisado a partir do pressuposto de que agem com racionalidade⁵, calculando se o produto de seu voto compensa os custos de se informar e refletir sobre determinado partido ou candidato (Downs, 2013), e aqui entra a variável da economia neste trabalho.

A liberdade democrática é composta de algumas dimensões, uma delas é a liberdade individual, na qual se insere a liberdade religiosa. A liberdade de crença é

4 “A democracia é um método político, isto é, um certo tipo de arranjo institucional para chegar a uma decisão política (legislativa ou administrativa) e, por isso mesmo, incapaz de ser um fim em si mesmo, sem relação com as decisões que produzirá em determinadas condições históricas. E justamente este deve ser o ponto de partida para qualquer tentativa de definição” (Schumpeter, 2010, p. 291).

5 “Os benefícios que os eleitores consideram, ao tomar suas decisões, são fluxos de utilidade obtidas a partir da atividade governamental. Realmente, essa definição é circular, porque definimos utilidade como uma medida de benefícios, na mente de um cidadão, que ele usa para decidir entre caminhos alternativos de ação. Diante de diversas alternativas mutuamente exclusivas, um homem racional sempre escolhe aquela que lhe traz a maior utilidade, *ceteris paribus*; isto é, ele age para seu próprio e maior benefício. Essa é a conclusão direta que se pode tirar da definição de racionalidade dada no Capítulo I” (Downs, 2013, p. 57-58).

reconhecida como um componente essencial das democracias modernas, na medida em que garante que os cidadãos tenham direito de escolher sua religião, mudar, ou não ter nenhuma, sem sofrer nenhuma coerção ou discriminação, seja do Estado, seja dos seus concidadãos (Locke, 2019).

O processo de secularização das sociedades europeias ocidentais promoveu uma separação formal entre Igreja (religião) e Estado, o que foi fundamental para a construção das democracias avançadas, já que nenhuma religião pode interferir no funcionamento estatal, muito menos sobrepular as demais. A questão é que ainda hoje a religião continua a ser uma força poderosa e influente na vida pública e privada.

No Brasil, apenas a religião cristã tem ganhado espaço no debate público de forma significativa. Aumentou sua participação nos meios de comunicação e na política passou a pautar temas de seu interesse. Ainda assim, isso é um movimento restrito a católicos conservadores e a uma parte dos evangélicos, excluídos, nos dois casos, as alas mais progressistas.

A liberdade e a tolerância são fundamentais para o aprimoramento da sociedade. Como dissemos mais acima, a religião é eficaz em legitimar ou deslegitimar pessoas, grupos e conceitos. Se atuar a favor da liberdade e da igualdade, a religião colabora com a democracia. Se ao contrário, atuar a favor do radicalismo, do preconceito e favorecendo apenas alguns grupos, ajudará a diminuir a democracia, como faz a nova direita religiosa americana, que veremos mais à frente.

1.2 Conceituando Esquerda e Direita

Não é uma tarefa simples conceituar os termos esquerda e direita. Ambos começaram a ser usados no contexto da Revolução Francesa (1789-1799)⁶.

⁶ O século XVIII foi um período de crise para os velhos regimes europeus. A França era um Estado Absolutista, com uma sociedade hierarquizada e estratificada. O Terceiro Estado, formado por trabalhadores urbanos, camponeses e a pequena burguesia, sustentava toda a sociedade com sua força de trabalho, incluindo o Primeiro Estado (Clero) e o Segundo Estado (rei e nobreza), pagando altos tributos à coroa. As despesas com a Guerra dos Sete Anos contra a Inglaterra, a ineficiência dos gastos públicos e a corrupção arruinaram as finanças do país. Trabalhadores e camponeses viviam na extrema miséria e a burguesia, embora numa condição mais abastada, almejava poder político e liberdade econômica para conduzir seus negócios, dentro e fora da França (Doyle, 2002). Nesse contexto de grande insatisfação popular, o rei convocou os Estados Gerais, uma espécie de assembleia que reunia representantes dos três estados. O intuito era deliberar sobre a situação do país e aprovar as medidas necessárias, o que incluía aprovar novos impostos. Como cada estado tinha um voto, primeiro e segundo estados votavam de acordo com seus interesses mútuos, desfavorecendo sempre o terceiro estado (HOBSEBAWM, 1996). Diante desses acontecimentos, os representantes do terceiro estado instituíram a Assembleia Nacional como legítima representação do povo e com objetivo de criar um sistema político, rejeitando o absolutismo, os privilégios do clero e da nobreza e instaurando uma nova forma de governo representativo. A Revolução Francesa foi eminentemente burguesa, com expressiva participação da massa camponesa e dos trabalhadores.

Naquele período, foi instituída a Assembleia Nacional como legítima representação do povo francês com objetivo de criar um novo sistema político. Durante as reuniões da Assembleia, os jacobinos sentavam-se à esquerda e os girondinos à direita. Os jacobinos, representantes da burguesia liberal e radical e do proletariado, eram a favor de mudanças, defendiam posições de cunho popular e estavam determinados a perseguir os objetivos ainda não alcançados pela Revolução, apostando no “terror” como arma. Os girondinos, representantes da burguesia moderada, eram a favor da conservação, tinham intenções liberais e como objetivo manter o poder econômico e o controle sobre as classes populares (Hobsbawm, 1996). Foi nessa instituição, que os termos esquerda e direita começaram a adquirir um caráter ideológico.

Hoje, esquerda e direita não se referem mais ao local de assento num parlamento ou às estritas convicções dos jacobinos ou girondinos. Ao longo da história, diversos grupos se identificaram com ideais que acabaram associados a uma ideologia ou pensamento dito “de esquerda”. Outros, com ideais que foram relacionados a um pensamento “de direita”.

Norberto Bobbio, jurista e filósofo italiano, afirma que esquerda e direita são “lugares do espaço político” e que são termos relativos, aos quais se pode atribuir “diversos conteúdos conforme os tempos e as situações” (Bobbio, 2011, p. 105-106).

A relatividade dos dois conceitos também se demonstra pela observação de que o caráter indeterminado dos conteúdos, e, portanto, a sua possível mobilidade, faz que uma certa esquerda, ao se deslocar para o centro, possa se tornar uma direita com respeito a uma esquerda que permaneceu imóvel, e, simetricamente, uma certa direita que se desloca para o centro torna-se uma esquerda com respeito a uma direita que não se movimentou (Bobbio, 2011, p. 108).

Assevera ainda o referido pensador que as expressões esquerda e direita passaram a ser usados no século XIX para que se pudesse compreender o universo da política:

Neste ponto, pode-se também observar que esquerda e direita são termos que a linguagem política passou a adotar no decorrer do século XIX, e preserva até hoje, para representar o universo conflituoso da política (Bobbio, 2011, p. 108).

Para Bobbio, do ponto de vista econômico, a esquerda pode ser vista como uma ideologia mais propensa às políticas de intervenção do Estado na economia para reduzir as desigualdades sociais e ampliar o acesso das pessoas aos serviços públicos essenciais. Do contrário, a direita entende que nessa seara o mercado é capaz de autorregular-se funcionando por meio da livre concorrência, sem intervenção estatal. Assim, a atuação do setor privado tenderia a ser mais eficiente, de maneira que os recursos seriam mais bem alocados e distribuídos na sociedade, o que contribuiria para ampliar as oportunidades e reduzir as desigualdades. No entanto, o ponto central e divisor entre os dois pensamentos seria uma “atitude favorável ou não às políticas de mudança no *status quo* nas estruturas sociais e políticas” (Bobbio, 2011, p. 89-91). A direita seria contra essas mudanças, enquanto a esquerda seria favorável.

Em outro aspecto, segundo a obra do pensador italiano, a esquerda valoriza a igualdade, na medida em que busca reduzir as desigualdades, tratando os iguais de forma igual e os desiguais de forma desigual na medida de suas desigualdades. A direita por sua vez, aceita as desigualdades como fruto das diferenças de esforço e das circunstâncias, não distinguindo se todos os indivíduos têm ou não as mesmas oportunidades. Para a direita, as desigualdades não podem ser eliminadas, salvo com um alto custo para a liberdade (Bobbio, 2011). A eficiência e o mérito se sobrepõem à igualdade.

Um outro ponto de vista mencionado na obra de Bobbio, é associação de esquerda e direita às ideias de progressismo e conservadorismo. A esquerda é vista como progressista, inovadora, pois busca reformas que promovam a justiça social e a igualdade, enquanto a direita é vista como conservadora, tradicionalista, na medida em que prefere manter as tradições e diversos aspectos do contexto social.

Durante as entrevistas, a ideia de conservadorismo no geral se manifestou com um sentido positivo, associado “à família”, “às coisas simples da vida” e à “manutenção de um padrão”. Transcrevo aqui a única fala que expressou uma opinião negativa sobre o conservadorismo: “conservador é um ignorante. Ele só pensa no futuro para si mesmo. Ele quer crescer, mas não quer mudanças para os outros, ele quer manter tudo como está” (Ronald, 18 nov. 2024).

Já o progressismo, foi descrito na maior parte das entrevistas como “um movimento que vai para frente, pode ser para o bem ou para o mal” (Catarina, 20 dez.

2024) e como algo que “está sempre em progresso, querendo desenvolver, mudar, querendo transformar, às vezes coisas que não precisavam ser mudadas” (Vicente, 20 jul. 2024).

Destaca-se ainda que a direita teria uma “postura tradicionalista favorável à continuidade”, enquanto a esquerda uma “postura aberta ao novo ou progressista” (Bobbio, 2011, p. 93).

Bobbio ressalta que a esquerda tem uma visão mais otimista da natureza humana, acreditando que as pessoas são essencialmente boas e que a sociedade pode ser moldada para melhorar o comportamento humano. A direita, tem uma visão mais pessimista, vendo a necessidade de estruturas fortes e normas para conter as imperfeições humanas e manter a ordem social (Bobbio, 2011, p.75).

Independente da diretriz a ser considerada correta, nas democracias contemporâneas os dois conceitos desempenham papel relevante na disputa eleitoral. Isso porque, para o jurista, é por meio da política que os problemas devem ser solucionados e são os grupos políticos, os partidos, que vão elaborar propostas para solucionar esses problemas. Cada grupo ao defender essas propostas por óbvio terá como base a sua ideologia. Esse é o sentido do texto do autor que diz: “esquerda e direita indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente à ação política” (Bobbio, 2011, p. 51).

Finalizo o debate sobre as ideias do pensador italiano trazendo à baila o argumento de que, apesar das inúmeras contestações sobre o futuro da esquerda e da direita, “a díade sobrevive”. Analistas e atores políticos seguem debatendo os rumos dessas ideologias (Bobbio, 2011, p. 79).

Neste ponto pode-se também observar que esquerda e direita são termos que a linguagem política passou a adotar no decorrer do século XIX, e preserva até hoje, para representar o universo conflituoso da política. Mas este mesmo universo pode ser representado, e foi de fato representado em outros tempos, por outras duplas de opostos, algumas das quais têm um valor descritivo forte, como “progressistas” e “Conservadores”, outras tem um valor descritivo fraco, como “brancos” e “negros” (Bobbio, 2011, p. 108).

No contexto brasileiro, André Singer, Cientista Político e professor da Universidade de São Paulo (USP), ao tratar dos conceitos de direita e esquerda a partir de sua pesquisa sobre a conjuntura das eleições presidenciais de 1989 e 1994,

afirma que a identificação ideológica precisa ser incorporada à análise do comportamento eleitoral.

O autor diz que após 1989, com o surgimento de um partido de esquerda ideologicamente nítido e ao mesmo tempo competitivo eleitoralmente, fica mais clara a distinção esquerda/direita, na medida que uma define-se em oposição à outra.

A direita posiciona-se, ou melhor “(o)posiciona-se”, como tal, em reação à esquerda. É nesse sentido que, a nosso ver, a presença competitiva do PT, tanto em 1989 quanto em 1994, estruturou a disputa partidária em torno do campo ideológico-eleitoral. Observe-se que, tanto no segundo turno de 1989 quanto em 1994, os partidos, candidatos e, como iremos demonstrar, o próprio público situado à direita (e parte do centro) mobilizaram-se em oposição à esquerda (Singer, 2000, p. 19).

Essa disputa partidária tendo a esquerda de um lado e a direita e o centro de outro, pode ser observada não só nas eleições presidenciais de 1989 e 1994 como afirma o autor naquela pesquisa. Em todas as eleições desde a redemocratização, um partido de esquerda chegou ao segundo turno, com exceção das duas eleições que foram definidas em primeiro turno (1994 e 1998), onde o partido de esquerda ficou em segundo lugar, o que reforça a distinção entre esquerda e direita/centro.

Singer acredita que o vínculo do eleitor com um partido se dá por meio da ideologia, de maneira que o eleitor discerne o partido para além das propostas mais aparentes. “É a ideologia que vai permitir ao cidadão reconhecer os partidos para além das políticas imediatas que defendem, e desse modo, saber o papel mais amplo que jogam no processo político” (Singer, 2000, p. 24). O autor acredita que o trinômio ideologia/classe/partido são fatores que orientam o eleitor no momento da sua escolha e que este pode variar seu voto a cada eleição entre direita e esquerda. Por exemplo: numa eleição o fator mais discutido é a corrupção, na outra o fator relevante é o desemprego. Se o eleitor entende que um partido de direita é mais duro no combate à corrupção e um de esquerda tem as melhores propostas para a classe trabalhadora, ele pode alternar seu voto, escolhendo na primeira eleição a direita e na segunda a esquerda. A esses fatores, acrescenta-se a classe do eleitor, que faz com que este incline-se a determinada ideologia ou a determinado partido. Para o autor, a ideologia serve para que o eleitor compreenda a posição de classe do partido.

Desse modo, a ideologia teria um papel importante na direção do sufrágio, uma vez que funcionaria como um sinalizador da posição de classe dos

partidos. A ideologia é uma linguagem comum aos partidos e aos eleitores. Nessa gramática, estar à esquerda significa favorecer mudanças em direção à igualdade e estar à direita significa recusá-las em nome da ordem (Singer, 2000, p. 24).

As pessoas em geral não sabem o que significa esquerda e direita, mesmo assim, orientam sua decisão na hora de votar por meio de posicionamentos que se inserem nas ideias de direita e esquerda, o que se dá por meio de um conhecimento intuitivo dessas posições ideológicas.

Esse sentimento permite ao eleitor colocar-se na escala em que uma posição que está de acordo com suas inclinações, embora não as saiba verbalizar. E a mesma intuição o conduz a situar os candidatos (e os partidos) nessa escala a votar coerentemente (Singer, 2000, p. 143).

A aceitação a uma bandeira ideológica não requer alta sofisticação, é como a adesão a uma imagem, ou seja, a uma posição dentro do contínuo esquerda/direita, que mesmo sendo difusa, sinaliza uma orientação política geral dos eleitores, para os quais, novos conteúdos podem ser incorporados aos termos esquerda e direita. É nesse ponto que entra a ideologia, pois apesar do uso coerente da escala ideológica, muitos eleitores não sabem o que significa esquerda e direita. O autor entende que a identificação ideológica está fortemente associada ao voto. Mesmo no voto retrospectivo, o eleitor faz tudo que está ao seu alcance para economizar na hora de fazer a escolha eleitoral.

No Brasil eleitores de esquerda e direita são mais favoráveis à intervenção estatal na economia, o centro é que é menos favorável. A “direita é ainda mais estatista que a esquerda”, pois enxerga o Estado como melhor instrumento para realizar as mudanças dentro da ordem (Singer, 2000, pág. 153).

Assim, as clivagens esquerda-direita não se dão tanto em favor da igualdade, mas sim em torno de saber se as mudanças se darão por meio da autoridade reforçada do Estado ou contra ela. A direita quer a igualdade por meio de forte intervenção estatal e autoridade reforçada; a esquerda é moderada quanto à intervenção estatal e contra o reforço da autoridade; a direita é contra a intervenção estatal na economia, mas a favor da autoridade estatal repressiva para manutenção da ordem e da estabilidade política e econômica. As opiniões mais democráticas são do centro, enquanto os extremos são menos democráticos. A esquerda tende a ser mais democrática que a direita devido ao sistema de crenças do público que, à direita,

entende que um Estado forte pode com mais facilidade promover as mudanças almejadas.

Embora classicamente as diferenças entre esquerda e direita estejam vinculadas à questão da mudança (ou conservação) e da igualdade (ou desigualdade baseada no mérito individual), o que o autor conclui para o Brasil é que o eleitorado em geral deseja mudanças igualitárias, não havendo quanto a isso diferenças substantivas, apenas um pouco mais de desejo de mudanças por parte do eleitorado de esquerda. Seria quanto à forma como essas mudanças devem ser alcançadas que se daria a diferença. Enquanto a esquerda estaria associada à ideia de mobilização social e de contestação da autoridade repressiva do Estado, a direita, em oposição, estaria associada à ideia de que as mudanças só ocorrerão mediante um reforço da autoridade do Estado. O conservadorismo dos eleitores que se colocam à direita não se expressaria em uma rejeição às mudanças, mas no apego à autoridade e à ordem. Quanto à intervenção estatal para adoção de medidas igualitárias, é o centro que tenderia a ter a posição menos estatizante (Carreirão, 2002, p. 56).

Singer ressalta ainda que muitas pessoas veem a direita como o governo em exercício no momento e a esquerda como a oposição a esse governo, pois no Brasil, e no exterior, a esquerda é identificada como uma força de oposição (Singer, 2000, p. 142).

Entendo que uma leitura atual dos termos esquerda e direita é aquela que faz uma distinção entre valores progressistas e conservadores, onde a esquerda seria mais favorável às mudanças no *status quo* da sociedade, se pautando pela defesa da igualdade, ainda que com uma certa restrição da liberdade, da justiça social, dos mais vulneráveis e por um papel mais ativo do Estado na economia. Enquanto isso, a direita seria mais favorável à conservação desse *status* e arrolaria como prioridades a defesa da liberdade, da propriedade privada, da manutenção da ordem e das tradições e por um papel mínimo do Estado na regulação econômica.

1.3 Identidade Religiosa No Brasil

O campo religioso brasileiro tem passado por transformações significativas que impactaram tanto as identidades sociais quanto as dinâmicas políticas do país. Em um Brasil predominantemente católico, natural que a maioria dos políticos se identificassem com essa religião, ainda que nem sempre fossem devotos,

“praticantes”. Apesar de as igrejas evangélicas históricas não serem completamente contrárias ao envolvimento político, predominava no cenário nacional uma postura de distanciamento dessas questões. Sustentavam a ideia de que religião e política não deveriam se misturar. Os pentecostais também se caracterizavam pela autoexclusão da política e, sociologicamente, pela evangelização das camadas mais pobres (Freston, 1993). O primeiro evangélico eleito no país foi o pastor metodista Guaracy Silveira, de São Paulo. Ele foi eleito deputado constituinte em 1933 pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB) e deputado em 1946 pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)⁷.

A situação começou a mudar no final dos anos 1970 com a abertura política do governo militar e o retorno das mobilizações sociais. Essas mudanças também afetaram a esfera religiosa. Segundo Joanildo Burity, na obra *Identidade e Política no Campo Religioso*, a construção de uma identidade é um processo em constante atualização. Uma identidade está sempre em falta e “precisa ser preenchida, mas nunca encontra o ponto final de equilíbrio, pois o nome da falta é o desejo do Outro” (Burity, 1997, p. 24). As igrejas evangélicas não ficaram de fora desse processo de busca e atualização de suas identidades, cujas principais mudanças se deram a partir da década de 1980.

As igrejas (católica e evangélicas) não passaram incólumes por tudo isso. Mesmo aquelas (ou setores delas) que reagiram mais ferrenhamente contra a onda politizante, não conseguiram escapar às demandas do momento ou às acusações de que sua suposta neutralidade levava água ao moinho da ordem vigente. (...) Interagindo com o clima crescente de resistência ou contestação políticas, no país e no continente, algumas igrejas (ou grupos e setores dentro das que majoritariamente reagiam ao processo) começaram a se colocar a questão da relevância e da eficácia da fé em termos de sua capacidade de inserção social e de promoção ou participação na mudança política (Burity, 1997, p. 37).

Nas eleições de 1982 foram eleitos 12 deputados evangélicos. Nessa mesma década, foi formada a primeira bancada evangélica no Congresso Nacional, o que se deu na eleição da Assembleia Constituinte de 1987 com a eleição de 32 parlamentares evangélicos⁸.

⁷ CUNHA, Magali; EVANGELISTA, Ana Carolina. Relação do campo religioso com a política. **Revista Religião e Poder**. 23/10/2020. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/relacao-do-campo-religioso-com-a-politica> Acesso em: 23 jan. 2025.

⁸ Idem.

A partir dessas novas configurações, as denominações IURD e a AD começaram a participar ativamente do campo político, apoiando candidatos de forma explícita. O número de políticos começou a crescer e embora ser evangélico não garanta, por si só, mais votos, o apoio institucional de uma igreja tem um impacto significativo no desempenho eleitoral. Ao invés do mote “política não é lugar para crente”, adotou-se na época o lema “irmão vota em irmão”⁹, que incentivava os fiéis a votarem em seus correligionários dentro da mesma denominação, ou votar pelo menos em candidatos evangélicos, ainda que de outra denominação.

Assim, se até a década de 1980 os evangélicos pentecostais se viam como um grupo ressentido, humilhado cultural e socialmente, composto por indivíduos que ocupavam os estratos sociais mais subalternizados, ao longo das três décadas seguintes passaram a organizar uma gramática social dentro da qual essas mulheres e homens pudessem ser exaltados, como numa corruptela de um dos versículos bíblicos mais populares no meio evangélico pentecostal “os humilhados serão exaltados” - Mateus 23:12 (Gracino; Goulart; Frias, 2021, p. 560).

No aspecto financeiro, as igrejas neopentecostais e pentecostais ¹⁰ se destacam por organizarem grandes campanhas com o objetivo de eleger seus candidatos. No aspecto ideológico, essa dinâmica fortalece a relação entre fiéis e candidatos, criando um vínculo que, em muitos casos, assume um caráter clientelista. Para os pentecostais, a participação no Poder Legislativo é importante por dois motivos:

a) como forma de sobrevivência em uma ordem social em que as relações entre o Estado e os grupos religiosos sempre foram muito assimétricas e onde a agenda política dos movimentos feministas e pela diversidade sexual vem se impondo e orientando as políticas públicas no campo da educação, da saúde e das relações familiares; b) como forma de construção (minoritária) de uma agência coletiva com pretensões de reconhecimento e influência (Burity; Machado, 2014, p. 602-603).

Assim, as igrejas neopentecostais, foram um dos principais motores da transformação da identidade evangélica. Tanto pela nova forma de se relacionar, pois promoveram a participação dos pentecostais/neopentecostais na seara partidária,

⁹ GRACINO Junior, Paulo; GOULART, Mayra; FRIAS, Paula. “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v.23, nº 51, p. 547-579, maio/ago. 2021.

¹⁰ Veremos melhor essa classificação no capítulo 2, mas em resumo, os pentecostais focam na experiência direta e pessoal com Deus e valorizam a prática de dons e sinais sobrenaturais como evidências da presença divina. Os neopentecostais acreditam que há uma constante guerra espiritual, na Teologia da Prosperidade e não adotam um padrão rígido de vestimenta e em seus costumes.

quanto pelo perfil de conquistar milhares de fiéis ao destacar práticas como o exorcismo, curas e soluções para questões econômicas e familiares. Os programas de televisão (TV) das igrejas foram decisivos. Por sua vez, a Teologia da Prosperidade desviou o foco das expectativas de salvação e vida celestial para a busca de uma vida plena de bênçãos no presente, moldando mais um aspecto da identidade do grupo (Burity; Machado, 2014, p. 604).

O Neopentecostalismo se consolidou, nas últimas décadas, como uma religião pública, moldando a identidade evangélica.

Estamos em definitivo no contexto da religião pública, ativado pela emergência de uma minoria religiosa fortemente mobilizada em torno da autopercepção tanto de seu peso numérico e de sua representatividade sociocultural como dos entraves ao seu reconhecimento em setores importantes do Estado e da sociedade (Burity; Machado, 2014, p. 613).

Reivindicar uma identidade religiosa exclusiva não é mais um privilégio da Igreja Católica. O pentecostalismo, ao pleitear essa identidade exclusiva, questiona os próprios fundamentos da “cultura católica brasileira” e isso aprofunda a ruptura entre catolicismo e cristianismo, conceitos que antes eram sinônimos. O pentecostalismo é uma religião emocional e a igreja católica não é mais a única a comparecer no espaço público. Assim, a identidade religiosa de um cristão no Brasil não é mais sinônimo de ser católico (Oro, 2011).

Isto significa que o pentecostalismo exacerba a ruptura entre catolicismo e cristianismo no Brasil. Ou seja, se, durante séculos, os termos “católico” e “cristão” eram sinônimos, esta equivalência não existe mais, pois hoje, e em grande medida devido ao pentecostalismo, larga parcela da sociedade se diz cristã sem ser católica (Oro, 2011, p. 386).

Nos últimos anos o segmento neopentecostal deixou de ser um ramo menosprezado do protestantismo para se tornar um grupo que influencia as práticas e costumes entre os evangélicos, além de possuírem voz ativa nos meios de comunicação e terem reconhecida sua relevância por políticos, empresários e pela imprensa tradicional. Além disso, trata-se de uma religião popular, que veio de baixo, composta em sua maioria por pessoas comuns, não se tratando de expressões religiosas elitizadas.

Embora existam pessoas ricas e intelectualizadas no processo que foi discutido acima, estamos realmente lidando principalmente com pessoas comuns. Alguns dos porta-vozes mais estridentes da política evangélica conservadora vêm de origens muito humildes, alguns deles com apenas alguns anos de educação formal (e formação teológica) (Burity, 2021, p. 11-12).

Um dos principais fatores desse processo foi a adoção de um modelo corporativo de representação política, como a IURD fez, ao lançar candidaturas oficiais. Essa abordagem fortaleceu a influência política do grupo e intensificou as disputas no meio evangélico, levando outras denominações a se engajar na política eleitoral (Burity; Machado, 2014). Assim, diversas igrejas começaram a seguir o exemplo da IURD, apresentando suas próprias plataformas políticas e estabelecendo negociações com líderes de diferentes partidos.

Nesse contexto, o pentecostalismo e o neopentecostalismo estão se firmando como religiões públicas de base popular no Brasil. A política associada a essas correntes ainda não possui um “projeto” voltado para a conquista do Estado, mas sim uma articulação que busca hegemonia e maior espaço para seus grupos. (Burity; Machado, 2014).

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Introdução

A colonização portuguesa estabeleceu o catolicismo como religião oficial, um status que perdurou até o final da monarquia e a instauração da república. Embora outras religiões fossem permitidas no período do império, é na fase republicana que elas puderam manifestar-se publicamente e reunir-se em seus próprios templos. Foi nessa conjuntura que as primeiras igrejas protestantes como Presbiterianos, Batistas e Luteranos se estabeleceram no país (Mafra, 2001).

O movimento pentecostal no Brasil começou no início do século XX com o nascimento da primeira igreja dessa vertente, a Congregação Cristã do Brasil, fundada por Louis Francescon em São Paulo no ano de 1910. Porém, a denominação que moldou e difundiu o modelo pentecostal foi a Assembleia de Deus, fundada por Daniel Berg e Gunnar Vingren no Pará, em 1911 (Mafra, 2001).

Posteriormente, vieram as igrejas Quadrangular, O Brasil para Cristo e Deus é Amor. Nos anos 1960 e 1970, para surpresa das denominações históricas e também das pentecostais, surgiram denominações que em muito se diferenciavam da estrutura evangélica conhecida que foram as igrejas Universal do Reino de Deus e a Igreja da Graça, o que ficou conhecido como “onda neopentecostal” (Freston, 1993; Mariano, 2014).

O crescimento do número de evangélicos a partir dos anos 80, influenciou até mesmo os Censos, que passaram a usar as terminologias “pentecostais” e “tradicionais” em suas pesquisas (Freston, 1993, p. 28). No final da mesma década, o quantitativo de evangélicos em cargos eletivos aumentou significativamente, assim como a diversidade de igrejas representadas. É a religião voltando “à esfera pública nas sociedades de mercado” (Freston, 1993, p. 3), fazendo esse grupo não só a se envolver em conversas e discussões marcando sua posição, mas também com candidaturas políticas, aumentando assim a proporção de candidatos bem como o número de eleitos.

Com o fim da Guerra Fria indagou-se o que viria no lugar do socialismo? Haveria uma contraposição ao capitalismo ou o fortalecimento deste? Nesse contexto, o mundo ficou permeado pela desconfiança em relação a uma formulação democrática de baixa intensidade e a projetos políticos alternativos ao até então

soberano empreendimento neoliberal. Houve um descrédito do cidadão comum, um declínio significativo do comparecimento eleitoral, desalinhamento partidário e uma ampliação da desconfiança nas instituições tradicionais. (Silva, T. 2017).

O segundo turno das eleições presidenciais de 1989, entre Collor e Lula, deixou evidente o receio do que a vitória de um político de esquerda representaria numa nação conservadora, católica, capitalista e oligárquica. Entre os evangélicos muito se falava sobre o fechamento de igrejas, a ponto de o então candidato Lula ter que vir a público desmentir tais boatos. O bispo Edir Macedo chegou a dizer que votaria em Collor por uma orientação divina (Mariano; Pierucci, 1992). Posteriormente, num contexto muito menos beligerante, em 2002, Lula venceu as eleições para seu primeiro mandato com apoio dos evangélicos, dentre eles a Igreja Universal¹¹.

Depois de um período de relativa estabilidade nas relações políticas e institucionais, com o Partido dos Trabalhadores (PT) vencendo três eleições, e ainda venceria uma quarta, a partir dos protestos de junho de 2013 o debate público ficou bastante polarizado e com um tom mais agressivo. Nesse ponto, as redes sociais ajudaram a divulgar fatos, opiniões e desinformações. O governo da presidente Dilma, reeleita em 2014, foi alvo de diversos protestos ao longo de 2015. Ao final daquele ano, foi admitido o processo de impeachment que culminou com sua remoção definitiva do cargo em 2016, encerrando-se assim 13 anos de governos petistas. Na pauta de discussões, a corrupção, a ineficiência do Estado, segurança pública, mas também temas como sexualidade, aborto, drogas, intervenção militar e a rivalidade entre esquerda e direita. Os evangélicos, que majoritariamente deram seu voto aos governos petistas até as eleições de 2010 (Rennó; Peixoto, 2011), começaram a rever sua posição nas eleições de 2014 (Vital da Cunha; Lopes; Lui, 2017), dando uma guinada a partir de 2018.

O termo “evangélico” não possui um significado único mesmo entre os próprios integrantes do grupo. Estes se diferenciam dos católicos em diversos aspectos, um deles é o caráter fragmentário de sua organização, que não possui uma estrutura uniforme e centralizada como a igreja romana, do contrário, é dividido em diversas denominações.

¹¹ Bispos da Universal decidem apoiar Lula. **Folha de São Paulo**. 08/10/2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0810200241.htm>. Acesso: em 18 jul. 2024.

Uma das características dos protestantes é que estariam sempre se rebelando contra suas versões anteriores, reproduzindo um movimento de contestação, e assim retomando a “experiência do enamoramento com Deus” (Spyer, 2020, p. 45). Para os eles, é inadmissível que alguém possa controlar ou institucionalizar “a relação das pessoas com a divindade” (Spyer, 2020, p. 46). O contato íntimo e direto do homem com Deus prevalece sobre as instituições religiosas. Dessa forma, os primeiros “revolucionários” da Reforma Protestante se tornaram conservadores, que passaram a ser contestados pelos grupos e gerações que se seguiram. Estes, após se estabilizarem como um segmento distinto, foram contestados por um novo grupo, prosseguindo dessa maneira até os dias de hoje, mais recentemente com os pentecostais e neopentecostais.

Protestantes históricos, evangélicos, pentecostais, neopentecostais. Cada termo representa uma categoria distinta, que se subdivide em inúmeros outros ramos. Os protestantes históricos não se referem a si mesmos como evangélicos. Na verdade, esse termo restringe-se a identificar presbiterianos, luteranos e metodistas. Pentecostais (Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil e outros) e neopentecostais (Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja da Graça) não fazem uso do termo protestante. Batistas, congregacionais e metodistas wesleyanos são identificados como evangélicos no sentido estrito do termo (Spyer, 2020). Essas distinções, que encontram suas raízes nas diferentes origens de cada grupo, ajudam a explicar as variações na liturgia de culto, na existência de seminários ou faculdades vinculadas à denominação, na forma de relacionamento com a comunidade local, no linguajar, nas músicas etc.

Essa diferenciação, reforça o entendimento de que os evangélicos não podem ser vistos como um bloco uniforme. Assim, como não possuem unidade em sua estrutura de formação de igrejas, também não podem ser considerados como portadores de idênticas opiniões nos contextos político, econômico e social.

Nesse sentido ainda, é pertinente esclarecer que a realidade diária do evangélico comum não guarda relação com as práticas de suas lideranças em seus templos e redes sociais. Novas compreensões sobre a ideia de ser cristão, de ser uma “nação cristã” têm sido trazidas ao debate público. Tão importante quanto compreender as posições das lideranças cristãs, é compreender os movimentos da

base evangélica que busca se envolver e estar mais próxima da sociedade, num novo formato de vivência da religiosidade (Reis, 2021).

2.2 As ondas do Pentecostalismo Brasileiro e o movimento Neopentecostal

As igrejas pentecostais surgiram focadas na experiência direta e pessoal com Deus. São conhecidas por valorizar a prática de dons espirituais, como o falar em línguas (glossolalia), curas, profecias e outros sinais sobrenaturais como evidências da presença e ação de Deus. Uma das principais diferenças entre os pentecostais e outras vertentes do cristianismo é a ênfase nas manifestações espirituais e no poder do Espírito Santo de agir de maneira visível e direta na vida dos crentes.

O pentecostalismo surgiu no século XX com a motivação explícita de recuperar a atualidade da experiência cristã. Diante da modernidade que questiona a tradição, o pentecostalismo quer oferecer uma experiência indiscutível e acessível. No lema pentecostal 'Jesus Cristo é o mesmo: ontem, hoje e sempre' (Hb13:8), o acento cai sobre o hoje. No limite (e a história do pentecostalismo brasileiro parece demonstrá-lo), a Igreja se transforma num acontecimento, numa experiência atomizada, pontual (Antoniazzi, 1994, p. 22).

Apesar de não ter sido a primeira igreja pentecostal do país, foi a AD que difundiu o modelo a partir do Norte do Brasil.

O movimento pentecostal chegou ao Brasil já no início do século 20, com a fundação da Congregação Cristã no Brasil e da Assembleia de Deus. Ambas cresceram e se espalharam, principalmente nos bairros periféricos das cidades, e são hoje forças importantes entre as organizações evangélicas que atuam no país. Suas características originalmente são a disciplina em relação à vivência do texto bíblico, uma postura modesta e a incorporação de aspectos sobrenaturais à experiência religiosa (Spyer, 2020, p. 56).

Cada Censo realizado no Brasil mostrava o declínio no número de católicos e o aumento no número de evangélicos¹². Enquanto a Renovação Carismática Católica penetrava na classe média, muitos católicos mais pobres e de origem rural, ligados ao catolicismo tradicional, ingressavam nas igrejas pentecostais. Como vemos nas tabelas abaixo extraídas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), até

¹² Censo 2010: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião. **Agência IBGE.** Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao> Acesso em: 10 out. 2024.

1991, os dados do Censo dividem os evangélicos em tradicionais e pentecostais. A partir do ano 2000, o censo passou a disponibilizar os evangélicos totais e por denominação.

Tabela 1 - CENSO – Religião – 1991

Tabela 137 - População residente, por religião						
Variável - População residente - percentual do total geral						
Brasil						
Ano - 1991						
Religião						
Total	Católica Romana	Católica Apostólica Romana	Evangélicas	Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus	Evangélica tradicional	Evangélica pentecostal
100,00	82,97	...	...	...	2,99	5,57
Fonte: IBGE - Censo Demográfico						

Fonte: IBGE

Tabela 2 - CENSO – Religião – 2000/2010

Tabela 137 - População residente, por religião													
Variável - População residente - percentual do total geral													
Brasil													
Ano x Religião													
2000							2010						
Total	Católica Romana	Católica Apostólica Romana	Evangélicas	Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus	Evangélica tradicional	Evangélica pentecostal	Total	Católica Romana	Católica Apostólica Romana	Evangélicas	Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus	Evangélica tradicional	Evangélica pentecostal
100,00	...	73,57	15,41	1,24	...	...	100,00	...	64,63	22,16	0,98	...	...
Fonte: IBGE - Censo Demográfico													

Fonte: IBGE¹³

A informação mais recente com relação ao percentual de brasileiros por religião vem de pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisas Datafolha, publicada pelo site G1 em 2020¹⁴.

Comparando os dados do Censo de 2010 com a pesquisa Datafolha, é possível observar que em uma década houve um aumento significativo no número de evangélicos, de 22,2% para 31% da população brasileira.

¹³ IBGE - Censo 2010. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado>. Acesso em: 29 jan. 2025.

¹⁴ 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião, diz Datafolha. **G1**, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 29 jan 2025.

Tabela 3 - DataFolha – 2020**Religião dos brasileiros**

- Católica: **50%**
- Evangélica: **31%**
- Não tem religião: **10%**
- Espírita: **3%**
- Umbanda, candomblé ou outras religiões afro-brasileiras: **2%**
- Outra: **2%**
- Ateu: **1%**
- Judaica: **0,3%**

Fonte: G1

No rastro desse crescimento numérico dos evangélicos, o pentecostalismo, segue crescendo e reivindicando uma identidade religiosa que questiona os fundamentos da “cultura católica brasileira” (Oro, 2011, p. 386). A igreja evangélica se transforma numa comunidade em ascensão que dá voz às camadas mais pobres da população.

A tese de Paul Freston “Protestantes e política no Brasil: da constituinte ao Impeachment” foi pioneira no estudo do pentecostalismo brasileiro. Nela, o autor divide as denominações em históricas (Luterana, Presbiteriana, Metodista e Batista) e pentecostais (Congregação Cristã, Assembleia de Deus, Quadrangular, O Brasil para Cristo, Deus é Amor e Universal).

Prossegue o autor afirmando que o pentecostalismo no Brasil se deu em três ondas. A primeira, com a fundação das igrejas Congregação Cristã no Brasil (1910) e Assembleia de Deus (1911); a segunda nos anos 50 e 60 com as igrejas Quadrangular (1951), O Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962); a terceira nos anos 70 e 80 com a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça Deus (1980).

Com relação à terceira onda, em particular com relação à Igreja Universal, o autor escreve que “o posicionamento ideológico da igreja tem sido de apoio a candidaturas conservadoras (Maluf e Collor) e hostilidade à esquerda” (Freston, 1993, p. 97). Alguns negam a IURD como uma igreja evangélica, vendo-a como sincrética

e que ela não aceita a doutrina e a ética clássicas do pentecostalismo, embora a maioria dos cristãos a considere uma igreja evangélica (Freston, 1993, p. 98). A IURD se diferencia dos pentecostais por ser mais liberal na questão do vestuário e do embelezamento feminino e em nenhuma área há controles disciplinares. Enquanto os pentecostais do início do século XX se caracterizaram pela autoexclusão da política e os protestantes históricos elegeram apenas um deputado evangélico na década de 1930, na Assembleia Nacional Constituinte nos anos 80 foram eleitos 32 deputados evangélicos, sendo 14 pentecostais da AD (Freston, 1993). O número foi crescendo a cada legislatura. Na atual legislatura foram eleitos 76 deputados declaradamente evangélicos. Foram 25 da AD, 15 da igreja Batista, 14 da IURD, além de outros¹⁵.

Com relação ao sincretismo, o neopentecostalismo faz uso de diversos símbolos e rituais, diferenciando-se das demais igrejas protestantes. Além disso, diferente dos católicos, dos protestantes históricos e dos pentecostais, a IURD tem uma atuação agressiva em desfavor das religiões de matriz africana.

No livro “Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil”, escrito em 2014, Ricardo Mariano discorre sobre o que ele classifica como três vertentes do pentecostalismo, que seriam: o pentecostalismo clássico, o deuteropentecostalismo e o neopentecostalismo. O autor dialoga com as três ondas de Freston, porém entende que segunda onda foi uma repetição da primeira, com 40 anos de diferença, por isso usa o termo deuteró (segundo). Mariano chama de Neopentecostalismo, o que Freston chamou de terceira onda.

Prossegue em seu livro afirmando que a finalidade de classificar o pentecostalismo em três vertentes, tem o objetivo de “ordenar a realidade observada, tornando-a inteligível e passível de análise” (Mariano, 2014, p. 24). Afirma o autor que os neopentecostais “estão se acomodando rapidamente à sociedade inclusiva, à cultura e à religiosidade popular” (Mariano, 2014, p. 36). Para o autor, essas igrejas não carregam o peso teológico, litúrgico e estético dos evangélicos em geral. Além disso, a filiação religiosa com o objetivo de atingir fins terrenos comprova o menor sectarismo e ascetismo dos neopentecostais. Mariano afirma que os pentecostais criaram verdadeiros mosteiros (a igreja e a casa), e neles se fecharam. Já os

¹⁵ Pesquisa do Iser levanta mapa da identidade religiosa dos deputados e deputadas federais. **Religião e Poder**. Disponível em <https://religioepoder.org.br/artigo/pesquisa-do-isser-levanta-identidade-religiosa-dos-deputados-e-deputadas-federais-diplomados/> Acesso em: 12 out. 2024.

neopentecostais optaram por abandonar o puritanismo, cedendo terreno às forças secularizantes. É muito forte no neopentecostalismo a guerra espiritual contra o Diabo, a pregação enfática da Teologia da Prosperidade e o fato de que não adotam um padrão rígido de vestimenta e costumes (Mariano, 2014, p. 36).

Paralelo ao movimento neopentecostal, alguns grupos evangélicos optaram por deixar de lado uma pregação de conteúdo apocalíptico, segundo a qual: a preocupação com a salvação da alma e sua entrada no céu seriam mais importantes do que a vida nesta terra era; os problemas terrenos deveriam ser suportados na esperança da recompensa de uma nova casa celestial; acreditava-se que as riquezas afastavam o homem de Deus.

Esses grupos voltaram seus olhos para a Teologia da Missão Integral, cujo lema, "o Evangelho todo, para o homem todo, para todos os homens", nasceu do encontro mundial de lideranças evangélicas realizado em Lausanne na Suíça em 1974, e que ficou conhecido como Pacto de Lausanne. A referida teologia acredita que não basta apenas salvar a alma e pensar na eternidade. Do contrário, é importante se preocupar com questões práticas da vida, como saúde, educação, desigualdade social, participação na sociedade etc. Segundo a Teologia da Missão Integral, todo ser humano tem direito a condições mínimas de existência.¹⁶

A ideia da Missão Integral é reconhecida por muitas lideranças evangélicas, sendo seu principal expoente no Brasil o Pr. Ariovaldo Ramos (Vital da Cunha, 2021, p. 24). Ela rechaça a Teologia da Prosperidade e muitos pastores e fiéis que aderiram a ela se aproximaram mais das ideias da esquerda. Os neopentecostais, em especial a IURD, se voltaram para as Teologias da Prosperidade e do Domínio, que explicaremos mais adiante.

Na seara política, houve uma presença marcante dos crentes a partir da constituinte em 1986, em especial de deputados neopentecostais. A entrada destes na política tem uma motivação de purificar a política, vista como desmoralizada, e defender no parlamento projetos de seu interesse que lhes tragam benefícios, "como apoio a programas e projetos sociais, concessões de rádios e televisões" (Oro, 2011, p. 390). Políticos evangélicos "tendem a reproduzir as relações clientelísticas que atravessam a história política do Brasil", tanto que a pauta religiosa incidiu fortemente

¹⁶ Pacto de Lausanne. **Movimento de Lausanne**, 1974. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/recursosmultimedia-pt-br/covenant/pacto-de-lausanne>. Acesso em: 09 out. 2024.

nas eleições de 2010. As demandas trazidas pelos neopentecostais são tão significativas “que eles constituem atores sociais que não podem mais ser desconsiderados” (Oro, 2011, p. 390).

2.3 A Igreja Universal do Reino de Deus

Edir Macedo Bezerra, atual líder da IURD, nasceu em Rio das Flores, interior do Rio de Janeiro em 18 de fevereiro de 1945. Veio para a cidade do Rio com a família aos 11 anos. Trabalhou na Loteria do Estado do Rio de Janeiro (LOTERJ) e no IBGE. Deixou o cargo para ser pastor em tempo integral. É casado, tem três filhos, é formado em Teologia e tem mais de 30 títulos publicados¹⁷.

Na página da igreja na internet, ao buscar informações históricas, encontrei alguns poucos parágrafos que diziam que as pregações do então pastor Edir Macedo começaram num coreto¹⁸ no bairro do Méier, subúrbio do Rio de Janeiro. O primeiro espaço de pregação foi alugado onde funcionava uma antiga funerária, no bairro da Abolição, também no subúrbio do Rio. O primeiro culto recebeu 225 pessoas e, posteriormente, as reuniões diárias reuniam mais de 400 pessoas.¹⁹ A igreja está presente em 143 países e tem aproximadamente 12.500 templos espalhados pelo mundo²⁰. No Estado do Rio de Janeiro, o crescimento do número de fiéis da IURD foi de 6% em uma década, entre 2000 e 2010 (Alkmim, 2018, p. 8-9).

O livro “O Reino”, informa que Edir Macedo frequentava os cultos da Igreja de Nova Vida desde os anos 1960, juntamente com Romildo Ribeiro Soares, o Missionário R. R. Soares. A Nova Vida foi fundada por Roberto McAlister, e Edir Macedo tinha divergências com a visão dessa igreja.

O Canadense McAlister era adepto de um pentecostalismo de classe média, ‘elitista’ aos olhos de Edir, que gostaria de torná-lo mais popular. Para ele, as estratégias de pregação de McAlister eram pouco efetivas, considerava sua igreja fria, sem garra, sem vontade de crescer, ‘quase uma Igreja Católica’. Ao lado dos jovens colegas de grupo, defendia um discurso mais contundente

¹⁷ História do Bispo. **Universal**. Disponível em: <https://www.universal.org/a-universal/historia-do-bispo-macedo/>. Acesso em: 13 out. 2024.

¹⁸ Coreto: tipo de quiosque construído em praça pública, ao ar livre, destinado a apresentações musicais ou teatrais. **Michaelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/coreto/>. Acesso em 13 out. 2024.

¹⁹ História da Universal. **Universal**. Disponível em: <https://www.universal.org/a-universal/nossa-historia/>. Acesso em: 13 out. 2024.

²⁰ Somente no 1 semestre de 2023, Universal amparou 5,4 milhões de pessoas necessitadas no Brasil e no exterior. **Universal**. Disponível em: <https://www.universal.org/noticias/post/somente-no-1o-semester-de-2023-universal-amparou-54-milhoes-de-pessoas-necessitadas-no-brasil-e-no-exterior/>. Acesso em: 13 out 2024.

e o combate aos cultos afro-brasileiros. Propunha visitar terreiros de umbanda e de candomblé para tentar a conversão dos frequentadores. (Nascimento, 2019, p. 33).

Ante a discordância com o líder da igreja, em 1975 Macedo e Soares, ao lado de outras três pessoas, saíram e fundaram a Cruzada do Caminho Eterno. Após dois anos, em 1977, Macedo, Soares e Roberto Augusto Lopes, que tinha saído com eles da Nova Vida, fundaram a Igreja Universal. Soares era o pastor presidente da Universal. Edir era pregador e tesoureiro do grupo, mas sem poder decisório (Nascimento, 2019, p. 34).

Em 1980, a cúpula da Universal decidiu que a direção da igreja deveria ser de Macedo e não de Soares. Este saiu com direitos autorais de uma determinada obra e decidiu montar a própria igreja, que viria a ser a Igreja Internacional da Graça de Deus. Com o cunhado fora de cena, Macedo começou decidir os rumos da igreja, apesar de dividir o comando com Lopes. Macedo possui uma liderança carismática. Weber nos ensina que esse tipo de liderança se apresenta com carisma e qualidades excepcionais ligadas à sua personalidade. A autoridade deste líder, na visão dos liderados, se dá em virtude da fé e convicção nos poderes sobrenaturais, assegurado pelos dons e capacidades extraordinárias que o líder possui (Weber, 2002). Assim, Macedo entendeu que era necessário criar um posto que o distinguisse dos demais pastores dentro da estrutura da IURD. Logo em seguida, ele e Lopes foram nomeados Bispos (Nascimento, 2019).

Nos tempos da Igreja Nova Vida, Macedo, Lopes e Soares tiveram contato com a nova espiritualidade americana que ficaria conhecida como Teologia da Prosperidade, aplicando-a em suas novas igrejas (Mariano, 2014). Essa teologia surgiu nos EUA nos anos 1940, fortalecendo-se na década de 1970. Seu principal expoente foi Kenneth Hagin, um pastor batista que passou pela AD e posteriormente fundou seu próprio ministério (Mariano, 2014).

Segundo essa teologia, o ideal de salvação está associado ao fato de que Deus dá aos homens bênçãos materiais aqui na terra, mudando o foco dos cristãos, que no pentecostalismo era o céu, a vida após a morte. Essa teologia promete aos fiéis “prosperidade material, poder terreno e redenção da pobreza nessa vida” (Mariano, 2014, p. 159). É justamente no neopentecostalismo que vemos uma visão empreendedora, empresarial e um discurso motivacional. A recompensa por servir a

Deus não é apenas um lugar no Paraíso, mas também viver bem enquanto estiver aqui na terra.

Tendo se desenvolvido a partir dos caminhos abertos pela referência moral e pelas práticas do pentecostalismo, esse movimento funde a ideia do culto exuberante, emocional e interativo com uma lógica meritocrática mais explícita e de busca do sucesso material (Spyer, 2020, p. 62).

Para os adeptos da Teologia da Prosperidade, a Bíblia promete abundância e riqueza aos fiéis, e isso é um sinal da bênção divina. Ensina ainda que Deus deseja que seus seguidores sejam prósperos, saudáveis e bem-sucedidos em todos os aspectos da vida. A fé, a declaração positiva e a doação financeira podem atrair bênçãos materiais e físicas, como prosperidade financeira e cura.

A pobreza e o sofrimento são um problema para todas as religiões que, em geral, trazem uma mensagem de fé, superação e redenção. Como já mencionado, os pentecostais no Brasil se caracterizavam sociologicamente pela evangelização das camadas mais pobres e desfavorecida (Freston, 1993), e foi nessas camadas que o neopentecostalismo veio a se expandir. A partir dos anos 1970, o crescimento e a modernização do país, a maior mobilidade social, a ampliação do crédito e maiores opções de lazer e entretenimento, fizeram com que o sectarismo e o ascetismo evangélico, dessem lugar a uma tendência de acomodação aos costumes seculares da sociedade de consumo.

Diferente de outrora, agora, muitos crentes, além de desejosos, reuniam condições econômicas de desfrutar das boas coisas que o mundo podia oferecer. Para isso, entretanto, primeiro era preciso substituir suas concepções teológicas, ao menos desinteressados de coisas e valores terrenos. Com sua diversidade interna o pentecostalismo poderia dar conta dessa nova demanda e de outras. E deu, entre outras formas, com o surgimento da Teologia da Prosperidade. Essa doutrina, reinterpretando ensinamentos e mandamentos do Evangelho, encaixou-se como uma luva tanto para a demanda imediatista de resolução ritual de problemas financeiros e de satisfação de desejos de consumo dos fiéis mais pobres, a grande maioria, como para a demanda (infinitamente menor) dos que almejavam legitimar seu modo de vida, sua fortuna e felicidade (Mariano, 2014, p. 149).

Foi muito interessante, numa das entrevistas, encontrar um “eco” dessa teologia da prosperidade. Uma das entrevistadas, Ana, auxiliar de serviços gerais e aposentada, ao ser indagada sobre a natureza da IURD, se pentecostal, neopentecostal ou outra, disse que ela é “misturada”. Afirmou que: “a Universal é

diferente, é uma igreja que determina às pessoas lutarem, mudarem sua história. Eles nos perguntam: ‘você crê?’ E é assim que temos que fazer, nos determinar a mudar de vida” (Ana, 09 dez 2024).

A resposta dessa mesma entrevistada sobre direita e esquerda seguiu uma ideia de proatividade e de economia: “Não entendo muito, mas penso que sou mais de direita porque a gente precisa de estratégia econômica para se programar, para organizar a nossa vida” (Ana, 09 dez 2024).

Na IURD, associada à Teologia da Prosperidade é pregada também a Teologia do Domínio. Ela acredita que a Bíblia autoriza os cristãos a expandir territorialmente os domínios de sua fé e a conduzir uma colonização cristã dos povos. O maior número de pessoas convertidas ao evangelho cumpriria a promessa bíblica de regresso do Messias e a implantação do “paraíso” na terra.

Voltando ao Brasil, a versão da Teologia do Domínio que mais influenciou o campo evangélico brasileiro foi a do pastor Peter Wagner, professor do Fuller Theological Seminary, de Pasadena, Califórnia, influente difusor da doutrina pentecostal e da Teologia do Domínio (Rosas, 2015). A versão de Wagner (2012) é que Deus havia dado a autoridade a Adão sobre a Terra. Com o pecado original, esta foi perdida, porém resgatada por Jesus, através do sacrifício na cruz e na vitória sobre o diabo. No entanto, a luta contra o diabo, que impede que as bênçãos de Deus para os seres humanos cheguem à Terra, deve ser travada de forma ininterrupta e em todos os espaços da sociedade, casa, trabalho, escola e política (Gracino; Goulart; Frias, 2021, p. 561).

O próprio Macedo, em seu livro *Plano de Poder*, afirma que Deus tem uma visão estadista e que no Gênesis, ao dizer para o homem ter domínio sobre a criação, ele estava dizendo que, num paralelo com a atualidade, o “seu povo” deveria exercer liderança dentro da sociedade, principalmente na política.

Sendo assim, do ponto de vista de Deus, com quem você acha que Ele desejaria que estivesse esse poder e domínio? Nas mãos do seu povo, ou não?

(...)

Ainda nos dias atuais, há muitas pessoas que, apesar de confessarem uma fé cristã, não conseguem identificar e assimilar o objetivo de Deus sobre esse aspecto para o seu povo (o projeto de poder político de nação).

(...)

Insistimos em que a potencialidade numérica dos evangélicos como eleitores pode decidir qualquer pleito eletivo, tanto no Legislativo quanto no Executivo, em qualquer que seja o escalão, municipal, estadual ou federal.

(Macedo; Oliveira, 2008, p. 12; 20; 25).

Ele ainda enfatiza a força numérica dos evangélicos como eleitores, defendendo sua participação ativa na política para colaborar com um projeto nacional alinhado aos ideais cristãos. Apesar de não sugerirem que as igrejas se tornem partidos políticos, os autores destacam a importância de estratégias políticas e de maior engajamento por parte dos fiéis para alcançar êxito eleitoral.

É como hoje: o que falta aos cristãos para se estabelecerem politicamente? Na verdade, a resposta para essa pergunta é bastante complexa, mas podemos resumi-la: ações bem coordenadas, que começam a partir de uma conscientização política, estratégias, união em torno dessa nobre causa, que depende em parte dos líderes religiosos que estão à frente do rebanho de Deus.

O não-engajamento e o não-comprometimento por parte dos cristãos, naturalmente, vinham contribuindo de forma negativa com o grande projeto de nação pretendido por Deus. (Macedo; Oliveira, 2008, p. 52).

Prosseguindo na história da IURD, dentro de sua estratégia de crescimento, em abril de 1978 a igreja começou a pagar por 15 minutos diários na programação da Rádio Metropolitana no Rio de Janeiro. A propaganda religiosa no rádio impulsionaria a rápida expansão no número de fiéis. Na rádio ao vivo, os rituais de cura impressionavam e o templo da Abolição começava a ficar conhecido como “a igreja dos milagres” (Nascimento, 2019, p. 44). Macedo debochava da apresentadora do programa anterior, de religião de matriz africana, causando polêmica e ganhando audiência. Seu programa ganhou mais 45 minutos na rádio metropolitana. Um ano após sua fundação e seis meses após a estreia no rádio, a IURD alugou um horário na extinta Rede Tupi para apresentar o programa “O Despertar da Fé”, com trinta minutos todos os dias na TV (Nascimento, 2019).

Os programas de rádio e TV impulsionavam a busca pela cura, o exorcismo e a prosperidade. Em abril de 1983, a Universal já tinha 27 programas de rádio no ar. No mesmo ano, o programa “O Despertar da Fé”, já na Bandeirantes, passaria a ser exibido em rede nacional. Com o crescimento, a solução foi alugar salas de cinema nas áreas centrais das grandes cidades. No início alugavam horários ociosos nas salas, posteriormente passaram a comprar os estabelecimentos e convertê-los em templos. Em julho de 1980 a igreja tinha 21 templos em 5 estados; sete anos depois, saltou para 356 templos em dezoito estados. A igreja funcionava como um pronto atendimento espiritual com templos funcionando 16 horas por dia, e às sextas 24 horas, com pastores e obreiros. O fiel de baixa renda sofrido e desamparado batia à

porta da Universal em busca de acolhimento, um pronto-socorro das almas (Nascimento, 2019). Em 1984, a IURD comprou a rádio Copacabana do Rio de Janeiro e continuava negociando espaço em outras emissoras.

O alcance da pregação radiofônica mapeava a inauguração de novas sedes. Em geral, a partir da mobilização feita por pastores num programa de rádio, montava-se um núcleo, num clube, por exemplo, e os fiéis eram convocados para um grupo de oração. Quando se atingia um número de pessoas razoável, alugava-se um imóvel para inaugurar um novo templo. O dinheiro arrecadado nesses espaços ajudava a financiar mais horários para difundir a mensagem religiosa em rádios (Nascimento, 2019, p. 51-52).

Em 1988, um empresário intermediou junto ao grupo Bandeirantes a venda de uma de suas emissoras à IURD, que foi a Rádio São Paulo. Somente após o fechamento do negócio foi revelado que o comprador era Edir Macedo. Em seguida, o negócio da vez passou a ser a TV Record. 50% da emissora pertencia a Sílvia Santos e 50% à família Machado de Carvalho. À beira da insolvência, a Record foi fundada em 1953, quando a TV ainda estava em fase de implantação no Brasil. A Record foi vendida por 45 milhões de dólares na época. Odenir Laprovita Vieira, homem de confiança do bispo Macedo, comerciante e dono de imóveis assinou o contrato. Meses depois, um novo contrato passaria a emissora para Edir Macedo (Nascimento, 2019).

Sobre os cultos, acontecem todos os dias e em diversos horários. Os templos estão sempre de portas abertas. É interessante observar que a igreja adota uma programação semanal fixa e padronizada para todos os templos do país. A partir da consulta ao site da IURD, elaborei a tabela abaixo²¹.

Tabela 4 - Agenda Semanal da IURD

Dia da Semana	Programação
Domingo	Encontro com Deus
Segunda-feira	Prosperidade com Deus
Terça-feira	Corrente dos 70
Quarta-feira	Escola da Fé Inteligente

²¹ Agenda semanal 2024. **Universal**. Disponível em: <https://www.universal.org/agenda/>. Acesso em: 20 fev. 2025.

Quinta-feira	Terapia do Amor
Sexta-feira	Sessão do Descarrego
Sábado	Jejum das Causas Impossíveis

Fonte: Elaboração própria.

Os temas escolhidos visam atender as necessidades dos fiéis. Sucesso, cura, amor e milagres, estão entre os assuntos pregados todas as semanas aos seguidores. O planejamento rígido dos temas a serem seguidos em todos os templos do país demonstra o alto grau de domínio da liderança central e a falta de autonomia das igrejas locais.

Ao visitar os cultos da igreja, observei que são marcados pela simplicidade. Não há músicos ou cantores. Uma mesma pessoa conduz o culto, prega, faz as orações e entoa os cânticos, auxiliado por um playback. A música não tem grande importância nos cultos, cujo foco é a conversão, a luta contra o Diabo e o recebimento das recompensas celestiais. Há sempre obreiros assessorando o dirigente do culto.

Numa das reuniões, ao invés de pregar, o dirigente selecionou uma pregação gravada e a colocou no telão, tecendo apenas alguns comentários depois. O tema do sermão foi sobre casamento e foi ministrado por Renato Cardoso e Cristiane Cardoso, respectivamente genro e filha de Edir Macedo.

O assunto prosperidade é presente sempre no momento das ofertas, independente do dia da semana. Curiosamente, a igreja não tem atividades de assistência social para os fiéis. Acreditam que ao se converter, as pessoas não precisam mais de piedade, pois podem lutar para conseguir vencer qualquer situação, como nos explica Mariano.

Pois quem encontrou Cristo não necessita de caridade. Apesar de boa parte deles vez ou outra precisar da solidariedade dos irmãos, já que são esmagadoramente pobres, pouco escolarizados e, por isso, mais suscetíveis às agruras do desemprego, a assistência social da igreja geralmente se restringe aos de fora, aos perdidos ou não libertos dos demônios responsáveis pela miséria. Os fiéis, financeiramente em apuros são instados a participar das correntes da prosperidade. Em promessas de bênçãos e estímulos para trabalhar por conta própria (Mariano, 2014, p. 185).

É possível dizer que um dos pontos altos da IURD foi a eleição de Marcelo Crivella para prefeito da cidade do Rio de Janeiro em 2016. A cidade, de maioria católica, elegeu um bispo evangélico. Licenciado de sua igreja, Crivella foi senador e

chegou a ser ministro do Governo Dilma. Posteriormente, afastou-se do governo da petista e chegou a votar por seu impeachment. Elegeu-se prefeito do Rio vencendo Marcelo Freixo, mostrando que a força política dos evangélicos se sobrepôs à não participação ou rejeição dos demais segmentos, um prelúdio da eleição presidencial de 2018, onde o conservadorismo e a religião foram fatores relevantes durante as campanhas.

A religião, um indicador da segmentação social, que igualmente diferencia o eleitorado, tornou-se determinante para a eleição do bispo evangélico Marcelo Crivella, em uma cidade diversa, do ponto de vista religioso, mas com uma maioria que se declara católica.

A filiação evangélica, significativa principalmente nos bairros com o menor status socioeconômico e segmentação geracional (os mais idosos), situados na periferia e favelas da cidade, foi um fator primordial para a eleição de Crivella, conforme as informações aqui tratadas.

(...)

No caso das eleições de 2016, a máquina política e eleitoral evangélica, traduzindo esta força política em um conceito, se sobrepôs à não participação ou a rejeição ao sistema político eleitoral pelos demais segmentos religiosos – especialmente os católicos e os sem religião – que optaram principalmente pela abstenção. O que não compensou os votos brancos e nulos associados à Crivella, nem a transferência dos votos válidos do primeiro para o segundo turno (Alkmim, 2018, p. 23).

2.4 A Nova Direita Religiosa (NDR) norte-americana e sua influência no Brasil

Como já mencionado, a ascense protestante e a remoção dos antigos padrões da religião católica inauguraram uma fase de maior liberdade aos homens que, a partir de uma ética racional, passaram a ter uma maior participação na sociedade. A ideia de liberdade democrática envolve, dentre outras, a liberdade religiosa. No início da colonização norte-americana, o protestantismo identificou-se fortemente com esse ideal de liberdade. As principais denominações eram as igrejas “Batista, Metodista, Presbiteriana e Congregacional” (Murrin, 2007, p. 28-29). A colônia de Rhod Island foi fundada por Roger Williams, migrante inglês batista, tendo como base “princípios da democracia política, da separação entre Igreja e Estado e da completa liberdade religiosa para todas as pessoas” (Weaver, 2008, p. 33-34). Esses princípios atraíram imigrantes de várias nacionalidades, aumentando a diversidade étnica, cultural e religiosa.

Para Charles Taylor, o avanço do processo de secularização é resultado de reformas e negociações entre cristãos e humanistas seculares a fim de criar um denominador comum entre os religiosos e os não-religiosos.

Nesta perspectiva, o secularismo é imanente à produção do “moderno liberal” e implica a criação daquilo que é posicionado como o seu oposto, nomeadamente, religião, magia, bruxaria. É principalmente um problema político associado à prática disciplinar do Estado secular e ao seu poder soberano sobre os religiosos (Taylor, 2017, p. 3).

Acrescente-se a esse processo de secularização, um maior questionamento da crença no criacionismo bíblico, e o fato de que a ortodoxia da cultura protestante gradativamente entrou em declínio, reduzindo a hegemonia sociocultural e política do protestantismo norte-americano no início do século XX. No intuito de combater esse enfraquecimento, surgiu o movimento fundamentalista, que se caracterizava por uma defesa veemente e literal das “escrituras” e dos princípios cristãos. Além disso, buscava combater as linhas mais modernistas dentro das igrejas.

O pensamento fundamentalista ficou isolado nas décadas de 1920 e 1930, mas voltou a ganhar visibilidade no espaço público nos anos 1940. Com o objetivo de evangelizar, os fundamentalistas começaram a utilizar as emissoras de rádio, ampliando seu alcance a milhões de ouvintes. A partir desse ponto, o termo fundamentalista deixou de se referir exclusivamente à ala mais conservadora do protestantismo, passando a significar um grupo separatista. Isso excluía tanto os cristãos conservadores quanto os progressistas. Eles se viam como os que não haviam se corrompido na fé e na prática. Apostaram no pregador Billy Graham como alguém que unificaria os protestantes americanos, mas “Graham era de uma vertente ecumênica e pluralista do protestantismo” (Silva, I. 2016, p. 45).

No final da década de 1970 e início da década de 1980 entra em cena Jerry Falweel com suas obras *Listen, America!* e *Moral Majority Report*. As publicações eram um tipo de manual de divulgação dos ideais fundamentalistas. Esta última deu nome e serviu de base a uma organização de lobby político, de matriz evangélica e que foi determinante na mobilização de cristãos conservadores e no avanço da chamada NDR. A organização Maioria Moral era composta por protestantes conservadores, evangélicos conservadores e fundamentalistas, além de católicos, judeus, mórmons e conservadores sem afiliação religiosa específica, mas que apoiavam a agenda moral proposta. Funcionou entre 1979 e 1989 e tinha entre Jerry Falwell, um de seus fundadores (Silva, I. 2016).

Falwell se opôs ao princípio tradicional batista da separação entre religião e política, acreditando que a nação estava em um momento de decadência moral. Ele

via a igreja americana como corrompida pelos teólogos liberais e a criação da Maioria Moral era uma busca por um reavivamento. Os fundamentalistas estavam cansados dos liberais, radicais, esquerdistas e comunistas se manifestando abertamente, e assim emergiram definitivamente do isolamento, dando origem à NDR. Em resposta ao humanismo secular, a NDR fez esforços para controlar os símbolos da cultura pública, aderindo à chamada Guerra Cultural. Acreditavam que os verdadeiros cristãos americanos, eles no caso, eram ameaçados por uma minoria que tentava destruí-los “devido à inatividade da maioria e ao receio de se tornarem um país pós-cristão” (Dolin, 2005, p. 172).

Os fundamentalistas eram contra dinheiro público em programas sociais e econômicos, foram contra a lei que proibiu a discriminação racial nas escolas públicas e não concordavam com a atuação do Estado a serviço de uma visão ampla de cultura para todos. Pretendiam na verdade capturar o poder de condução das políticas públicas que se encontra nas mãos do Estado (Hunter, 1991).

Esse neofundamentalismo de Falwell buscou impor sua agenda política/religiosa às administrações públicas federais e estaduais nos EUA e lançou as bases da NDR. A Maioria Moral fazia mais lobby junto aos políticos do que buscava consenso entre os eleitores protestantes, fundamentalistas ou não. Achavam que os EUA estavam imersos no humanismo secular, numa teologia liberal, no darwinismo social e ameaçado pelo comunismo. Com sua derrocada no final da década de 80, a Maioria Moral foi incorporada a uma nova organização chamada “Liberty Federation”, também criada por Falwell para ser o braço político da NDR. Esta aliou-se ao Partido Republicano e passou a ser vista como a solução para a América. A associação dessa nova organização com o Partido Republicano confirma o argumento de Jonathan Haidt que diz que as pessoas se ligam elas mesmas “em equipes políticas que compartilham narrativas morais” (Haidt, 2021, p. 12).

Anthony Giddens afirma que a NDR nos EUA tende a ser associada à direita religiosa protestante. Além disso, ela é mais neoliberal do que neoconservadora. Para ela, os mercados possuem papel relevante no sistema capitalista pois criam as condições básicas da liberdade individual e o bom funcionamento destes é a âncora institucional da ordem social, sendo mais importantes para a democracia do que a constituição do próprio Estado (Giddens, 1996), pensamento oposto às ideias da esquerda.

No Brasil, com o golpe militar de 1964, o novo regime perseguiu aqueles considerados de esquerda dentro e fora das instituições públicas. Sendo um governo de direita que buscava combater a ameaça do comunismo, teve o apoio de católicos e evangélicos. Os moralistas acreditavam que seria a hora do conservadorismo cristão mudar a face da política e da cultura brasileiras.

A aliança dos evangélicos com o regime remodelou assim a política do Brasil durante a ditadura; talvez mais importante ainda, este novo eixo regime-religioso, fundado na moralidade, no anticomunismo e na oposição ao cristianismo de esquerda, marcou os anos de formação e, em última análise, a forma da atual democracia do Brasil (Cowan, 2021, p. 62)²².

Como resultado, pessoas que compartilhavam ideias associadas ao comunismo e ao socialismo foram perseguidas e/ou silenciadas. Nas igrejas, os espaços foram fechados aos cristãos progressistas.

Existia, no Brasil da ditadura, um mundo cristão de esquerda em formação – o potencial para uma comunidade ampla e inclusiva de progressistas de várias igrejas. No entanto, este mundo nunca emergiu verdadeiramente, certamente não de uma forma tão influente quanto a da direita cristã. Os protestantes progressistas ganharam alguma visibilidade no Brasil, ao longo de décadas; um punhado de protestantes de esquerda chegou a servir na legislatura nacional, Lysâneas Maciel e Benedita da Silva as mais famosas entre eles. No entanto, em 1990, esses números só podiam parecer mais excepcionais do que nunca, já que o conservadorismo dominava o clero e os políticos evangélicos – um estado de coisas que, de muitas maneiras, persistiu até agora. (...) o caminho para um poderoso protestantismo progressista no Brasil não foi, em geral, percorrido (Cowan, 2021, p. 98).

Enquanto o progressismo evangélico era marginalizado, o conservadorismo, associado às igrejas da época, era apoiado pelo regime militar e ganhava mais força na sociedade. O evangélico que antes não se envolvia com política por considerá-la mundana e em desacordo com suas convicções, ganhou espaço no regime militar, pois ambos estavam em uma verdadeira cruzada contra o comunismo, o ecumenismo e a teologia progressista. “Muitos [...] se viram ainda mais traídos quando os crentes conservadores cooperaram com as forças de segurança para facilitar a detenção, tortura e até mesmo o desaparecimento de progressistas” (Cowan, 2021, p. 78).

²² “Evangelicals’ alliance with the regime thus reshaped Brazil’s politics during the dictatorship; perhaps more importantly, this novel regime-religious axis, founded on morality, anticomunism, and opposition to left-wing Christianity, marked the formative years and ultimately the shape of Brazil’s current democracy” (COWAN, 2021, p. 62).

Embora diversos setores tenham mudado sua postura de aprovação ao regime, os evangélicos em sua maioria seguiram concordando com este até o seu fim.

Com o fim do regime militar e a redemocratização no Brasil, a direita que passou por um tempo recolhida, com uma postura “envergonhada”, mudou a partir das eleições nacionais de 2014, assumindo definitivamente uma postura ativa em defesa do conservadorismo. Enquanto isso, a esquerda protestante voltada para o ecumenismo e a justiça social e que pouco avançou desde a abertura democrática até os dias atuais, voltou a perder espaço para as forças reacionárias. Ressalte-se que “enquanto os progressistas tentavam arrancar a cultura constitucional do Brasil de duas décadas de repressão militar autoritária, os evangélicos de direita lutavam para preservá-la” (Cowan, 2021, p. 82).

Para Nancy Fraser, o neofundamentalismo norte-americano, marcado por uma visão religiosa conservadora, e o neoliberalismo, focado em políticas de livre mercado, frequentemente se alinham em agendas que defendem a redução do Estado, o fortalecimento da iniciativa privada e uma moralidade baseada em princípios tradicionais. A autora também discute como o neoliberalismo encontrou aliados entre grupos religiosos conservadores nos EUA, incluindo o neofundamentalismo, e a forma como esses grupos compartilham a defesa de um Estado mínimo e a promoção de valores conservadores, especialmente em questões como direitos reprodutivos e a moralidade sexual (Fraser, 2017). Argumenta a autora que ao focar apenas no reconhecimento cultural e ignorar a redistribuição econômica, esse modelo contribuiu para o aumento das desigualdades. Toda essa conjuntura nos Estados Unidos, marcada pela combinação de neofundamentalismo e neoliberalismo, ressoou nas igrejas neopentecostais brasileiras, especialmente na IURD.

O neopentecostalismo ao adotar a teologia da prosperidade, ensina que as promessas de abundância e prosperidade de Deus são um direito e assim, devem ser reivindicadas pelos fiéis. Deus é colocado numa posição de devedor que tem a obrigação de dar ao fiel aquilo que ele pede, pois, a prosperidade na vida do crente é uma manifestação de que este se colocou no centro da vontade divina. O fiel é visto como um credor que sempre tem algo a receber de Deus.

No entanto, o que se verifica hoje – e a igreja faz questão de observar – é um rebanho que quer mudar de vida. Não se trata de enriquecer somente. Trata-se de ser e de não ser. De não ser mais assalariado, de não ser mais empregado, de não ser mais locatário, de não ser mais devedor. Deve-se

passar a ser: empreendedor, dono de imóvel próprio, negócio próprio, associar os prazeres e luxos da vida à própria existência – o que não envolve esvaziar a vida de sentido por meio do excesso. O fiel da Universal é aquele que vê a sua vida como peça fundamental num campo de batalha entre a vitória e a derrota. Seu público é combatente, portanto, e a Igreja é o arsenal de armas para a batalha (Waitz, 2019, p. 61).

Essa teologia norte-americana torna as pessoas mais próximas da direita política, uma vez que são incentivadas não a serem beneficiários de programas estatais ou dependentes de algum tipo de suporte, mas agentes proativos em busca de melhoria de vida, de prosperidade o que implica em crescimento econômico, profissional e mudança de classe social.

O capitalismo moderno tornou-se, assim, a estrutura normalizada na qual o divino opera e o evangelho da prosperidade alivia o crente de qualquer suspeita de que o próprio sistema econômico era contrário à vontade e ordem divinas neste mundo (Løland, 2021, p. 60).

Alguns fiéis da IURD que adotam esse ideal de vida pregado pela igreja, não acreditam, por exemplo, na eficácia do programa Bolsa Família. Um dos entrevistados afirmou que a condição das pessoas só vai mudar com trabalho e estudo. Quem tem o bolsa-família não tem nada, devido à falta de incentivo em progredir na vida.

As pessoas saem da pobreza, com empregos e investimentos. Somado a isso, tem a educação por meio de cursos, faculdades. Nada de bolsa isso ou aquilo, isso não vai fazer o pessoal sair da pobreza.

Não entendi, você disse bolsa?

É, o governo dar bolsa-família, aumentar o bolsa creche. O povo continua na mesmice, não muda de vida. O povo só muda de condição se trabalhar e estudar.

E para quem vive na extrema pobreza, na miséria, você acha que o bolsa-família tem relevância?

Tem relevância, mas para começar. O bolsa-família tinha que ter um incentivo, só vai ganhar o bolsa-família se o pai e a mãe também estivessem na escola ou fazendo um curso, tinha que ter uma progressão. As pessoas que vivem na extrema pobreza, vão ganhar o bolsa família, mas nunca vão sair da extrema pobreza. Tinha que condicionar a matricular a pessoa num curso de cozinha, de padaria, de cabeleireiro. Incentivaria a pessoa a ter uma profissão. Assim, a pessoa teria um rumo, sem depender eternamente de bolsa família. Quem ganha bolsa-família não tem nada por que o governo não incentiva ela a progredir. Hoje as pessoas estão dependentes do bolsa família (Caio, 25 jun. 2024).

Spyer argumenta que essa individualidade neoliberal dos neopentecostais encontra raízes na própria ideia de relação com Deus. A relação do fiel com Deus para se chegar à própria salvação é direta e individual. Apesar do sentimento de coletividade dentro das igrejas “a visão mais ou menos compartilhada entre setores

evangélicos é a de que a pobreza é um problema individual que cabe a cada um enfrentar por si mesmo. Essa é também a visão do mercado” (Spyer, 2020, p. 177).

A liderança da IURD soube perceber as mudanças na sociedade brasileira e nutrir seu rebanho com uma pregação voltada para as teologias da prosperidade e do domínio.

O bispo Macedo estruturou sua Igreja com perfil evangelístico híbrido, aberto à cultura popular e aos conflitos das massas nas grandes metrópoles. Percebeu que havia enormes contingentes desesperançados e que as religiões tradicionais não estavam lhes transmitindo sentido à vida. Estabeleceu uma mensagem e uma ritualística que encontraram sintonia com o senso comum do público frustrado com as ofertas religiosas costumeiras. Fez sincretismo entre várias correntes religiosas presentes no imaginário popular e apresentou, de modo agradável, uma mensagem flexível com os comportamentos.

[...]

Em termos religiosos, não criou nada de novo, mas soube sintonizar e sintetizar com harmonia o vasto imaginário das diferentes crenças populares das culturas locais e as angústias das crises sociais. Para tudo estabeleceu diretrizes pragmáticas, satisfazendo os anseios do público e colhendo vultosos resultados financeiros pela estreita vinculação do culto com o dinheiro, inspirado na Teologia da Prosperidade americana (FERRARI, 2007, p. 210-211).

As ideias da NDR norte-americana são análogas às do governo de Donald Trump que, recentemente empossado para um segundo mandato, já assegurou a criação de um “Escritório da Fé”. Segundo ele, é preciso investigar ações na sociedade americana contra cristãos e erradicar qualquer tendência anticristã, pois houve uma tentativa de criminalizar o cristianismo no país²³.

No Estado do Rio de Janeiro, essa radicalização pode ser vista na atuação das milícias, grupos paramilitares que dominam territórios e exploram atividade econômica, que favorecem uma base para os governos de extrema direita. Em muitas comunidades elas tem se associado às igrejas evangélicas, agindo contra outros grupos religiosos e contra o próprio Estado.

Tanto a milícia quanto algumas das principais seitas evangélicas atuais são formas de organização ‘paraestatais’ e, com o devido acento para a força da expressão, são formas de organização sociais ‘pós-estatais’. Ou seja, são grupos que organizam assistência social, amparam as pessoas, criam

²³ Trump cria ‘ministério da Fé’ na Casa Branca e promete defender cristãos. **Uol**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2025/02/06/trump-anuncia-investigacao-contra-ataques-aos-cristaos-nos-eua.htm> Acesso em: 10 fev. 2025.

vínculos de sociabilidade e conforto religioso, desenvolvem atividades econômicas e, no caso da milícia, oferecem ainda segurança diante da crise do Estado. São forças sociais organizadas e crescentes que prescindem do Estado e que o tomam, inclusive, como um inimigo a ser combatido, radicalmente reduzido ou no máximo instrumentalizado (Botelho, 2020, p. 131/132).

2.5 (In)Tolerância e Neopentecostalismo

O tema da tolerância está intimamente ligado à ideia de liberdade. Tolerar é reconhecer que as pessoas têm o direito à liberdade de pensamento, de expressão, de ação. Tolerar é permitir que essas liberdades sejam exercidas, para que o desejo do indivíduo seja manifestado.

Como já abordado acima, John Locke foi o primeiro grande pensador da Era Moderna que tratou do tema em sua “Carta Acerca da Tolerância” de 1689. Para ele, a regulamentação da sociedade civil não pode estar orientada pelos princípios de nenhuma crença já que ninguém ao nascer está subordinado a alguma fé (Locke, 2019). A religião é privada, enquanto a tolerância é pública e representa uma virtude política.

Isahia Berlin argumenta que a liberdade negativa se refere à ausência de interferência externa na ação de um indivíduo ou de um grupo. É a liberdade em que não há barreiras ou impedimentos, o que pode ser materializado por leis e medidas de coerção social. Já a liberdade positiva, diz respeito a capacidade de agir de acordo com a própria vontade e autodeterminação. É o desejo do indivíduo de agir, de fazer, ser sujeito em vez de objeto, ser senhor e não escravo. A capacidade de agir de acordo com a própria vontade e autodeterminação (Berlin, 2002). Qualquer princípio ou valor, até mesmo a liberdade, está sujeito a ser ponderado e até mesmo descartado em favor de outro, por isso, o pluralismo deve ser um valor inegociável.

Já o pluralismo guarda em si uma natureza radicalmente diversa: ele é tanto um estilo de pensamento quanto uma experiência que nasce da vida ordinária dos sujeitos. (...) O pluralismo de valores (PV) sustenta que para as questões éticas, existem várias respostas razoáveis, calcadas em valores distintos e conflitivos. Nessa visão, não se trata de condenar uma moral em favor de outra em nome de um fim único e verdadeiro, mas de reconhecer a existência de diversos fins razoáveis e que, em certas circunstâncias, não é possível estabelecer um acordo entre eles (Coser, 2019, p. 14).

Como afirmou Susan Mendus, “se houver uma questão de tolerância, é necessário que haja algo a ser tolerado; deve haver alguma crença, prática ou modo

de vida que um grupo possa achar errado, equivocado ou indesejável” (Mendus, 1989 p. 66). A tolerância requer um controle da aversão e administrar isso produz uma tensão entre os próprios interesses, crenças e desejos, podendo haver também a aceitação de que outras pessoas possam ter outros comportamentos, que muitas vezes podem ser bastante desagradáveis.

O que é tolerado não é algo trivial, pelo contrário, é algo a que se dá importância, pois a tolerância ocorre diante de um conflito, onde os valores, as ideias são antagônicas e divergentes. Tolerância não é indiferença ou ceticismo e não implica em silenciar sobre alguma divergência. O ser humano tolera aquilo que considera objetivamente errado, aquilo que ofende, mas acaba aceitando sua existência.

A tolerância é crucial para se manter uma sociedade pluralista, onde diferentes valores e modos de vida coexistem, como enfatizou McKinnon. A autora ressalta que “o Estado deve proteger uma variedade de modos de vida que se opõem uns aos outros como consequência do seu direito e dever de cultivar e proteger a qualidade moral da vida dos seus membros” (McKinnon, 2006, p. 63). Ela sugere que a prática da tolerância requer uma deliberação cuidadosa e uma disposição para compromissos, a fim de equilibrar os interesses e direitos conflitantes em uma sociedade diversificada (McKinnon, 2006).

O contato com opiniões diversas contribui para o aperfeiçoamento das ideias. Não posso considerar o outro como um cidadão de segunda categoria. A tolerância se manifesta por meio do debate e o confronto de ideias é crucial para a busca da verdade (Mill, 1998). A única justificativa para a interferência na liberdade de um indivíduo é prevenir que este cause danos aos outros. Mill defende que a tolerância não é apenas um princípio moral, mas também uma condição necessária para o desenvolvimento de uma sociedade livre.

Jeremy Waldron argumenta que o discurso de ódio causa danos significativos à dignidade das pessoas e à coesão social. Ele define discurso de ódio como aquele que deliberadamente desumaniza, degrada ou deslegitima indivíduos ou grupos com base em características como raça, religião, etnia, ou orientação sexual (Waldron, 2012). Para ele, o discurso de ódio não apenas ataca os indivíduos diretamente afetados, mas também envia uma mensagem mais ampla de exclusão e inferioridade, prejudicando o tecido social (Waldron, 2012). Ele propõe que as sociedades liberais

devem impor restrições ao discurso de ódio, não tanto para proteger as pessoas de serem ofendidas, mas para preservar a dignidade de todos os membros da sociedade e assegurar que todos possam se sentir incluídos e respeitados no espaço público (Waldron, 2012).

As verdades particulares são arbitrárias. No espaço da razão pública as doutrinas abrangentes devem ser razoáveis para incorporar a tolerância. Porém, existem doutrinas abrangentes não toleráveis, como as que negam a igualdade e a liberdade, valores da cultura política ocidental.

Encontrei um exemplo de arbitrariedade numa das entrevistas realizadas. Uma cuidadora de idosos relatou ter sido demitida, segundo ela, por ser evangélica:

Você considera que já sofreu algum tipo de preconceito ou atitude de intolerância por ser evangélico?

Sim, já sofri e sofro muitos preconceitos na minha profissão.

Em 11 (onze) anos como cuidadora nunca trabalhei para evangélicos. Sempre fui tratada de forma preconceituosa. Já fui demitida por ser evangélica.

Quando o Papa veio ao Brasil eu trabalhava numa casa em que a senhora que eu cuidava era católica e sempre que ela escutava um barulho de helicóptero corria para janela para ver se era o Papa. Falei que ela “não tinha que adorar o papa, toda hora ia na janela ver o papa, tinha que tomar o remédio e não parava para tomar porque estava na janela”. Após esse episódio, ela pediu para o filho me demitir.

Na casa atual, quando eu coloco no canal evangélico, a senhora que eu cuido gosta, e até fica mais calma ao ver a programação, mas o filho manda tirar porque não gosta (Ester, 08 mar. 2024).

Tolerância é um conceito normativo independente, não é um valor. É uma atitude regida por outros princípios e baseada numa fundamentação mais ampla, como a paz social, o aperfeiçoamento humano e contato com um cardápio de opções de “boa vida”.

Atualmente, a intolerância religiosa não é semelhante àquela praticada pela Igreja Católica na Idade Média contra pessoas de outros credos ou minorias. As ações do grupo majoritário naquela época, se praticadas hoje seriam amplamente condenadas e corretamente classificadas como atos de intolerância. Por outro lado, não sendo hoje um caso de violência física, é mais difícil caracterizar a intolerância religiosa. Palavras e atos de reprovação sem o uso da força são mais subjetivos, e mais fáceis de serem camuflados sob o manto da liberdade de expressão ou até mesmo da liberdade religiosa do agressor, do que pratica a intolerância. O problema

é que esses são os casos mais frequentemente praticados, pelo menos em países “tolerantes” e pluralistas, onde a presença do Estado tenderia a inibir o uso da força (Mariano, 2014, p. 119). É bem verdade que, atualmente, mesmo nesses países, temos visto os mais variados episódios de intolerância, principalmente religiosa. As denúncias por intolerância religiosa no nosso país cresceram 80% em 2024²⁴.

No Brasil, o predomínio da Igreja Católica e sua influência nos altos escalões do poder temporal desde os tempos coloniais, limitavam fortemente a liberdade religiosa dos demais grupos. Embora os evangélicos também já tenham sido alvos de intolerância religiosa, principalmente até a primeira metade do século XX (Mendonça; Velasques Filho, 1990), desde o século XIX com a escravidão e o racismo, até os dias atuais as religiões de matriz africana sempre foram os segmentos religiosos mais discriminados e atacados. O candomblé e a umbanda foram rebaixados e desqualificados nos planos moral e religioso com o termo “baixo espiritismo” (Mariano, 2014, p. 127).

Além do discurso público, muitas vezes de dentro dos templos, os neopentecostais tem sido propagadores de intolerância religiosa. Há ainda o fenômeno dos “traficantes evangélicos”. Nas mais diversas comunidades do Rio de Janeiro, outrora com muitos templos de religião de matriz africana, hoje o que se vê são muitas igrejas. Pinturas e imagens católicas e das religiões afro deram lugares a versículos e palavras de ordem, demarcando a nova presença do evangélico, do “gospel” nas comunidades cariocas (Vital da Cunha, 2015).

Recentemente, em 06 de julho de 2024, “traficantes evangélicos” proibiram igrejas católicas de celebrar missas, casamentos e batizados em bairros da zona norte do Rio de Janeiro. Naquele final de semana, missas, homilias e festas juninas foram canceladas. O traficante autor da proibição idealizou o “Complexo de Israel”, um conjunto de favelas na Zona Norte do Rio. Mandou colocar a Estrela de Davi (símbolo judaico), no topo da comunidade Cidade Alta e desenhou as bandeiras de Israel por toda parte. Seu bando é chamado de Tropa do Arão²⁵. A Estrela de Davi e a bandeira do Estado de Israel hoje são fortemente associadas ao neopentecostalismo brasileiro.

²⁴ Denúncias por intolerância religiosa aumentam 80% em 2024. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/08/denuncias-por-intolerancia-religiosa-aumentam-80-em-2024.shtml>. Acesso em: 9 ago. 2024.

²⁵ Após ameaças do traficante Peixão, igrejas católicas fecham as portas no Complexo de Israel, diz irmandade. **G1**. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/07/06/igrejas-catolicas-fecham-as-portas-no-complexo-de-israel.ghtml>. Acesso em: 9 ago. 2024.

Caso trágico foi a destruição de um terreiro em 2019 na cidade de Duque de Caxias na Baixada Fluminense que funcionava há mais de 50 anos. Os traficantes obrigaram a própria sacerdotisa do terreiro a destruir todos os símbolos dos orixás. Além disso, ameaçaram voltar e atear fogo no local²⁶.

Por fim, trago à baila um caso que ocorreu em 2014, também em Duque de Caxias, onde um terreiro foi queimado e tiros foram disparados contra os carros dos frequentadores. Este foi o oitavo ataque ao local. Em 2018, uma pastora da Igreja Luterana foi ao local ajudar na reconstrução e organizou a arrecadação de cerca de R\$ 12 mil reais para obras de reconstrução²⁷.

Mas antes de se chegar às vias de fato, como nos exemplos citados acima, primeiro houve a fala, o discurso. No caso das religiões afro, não se trata apenas de uma divergência, de uma discordância quanto a uma visão de mundo. O aconteceu foi todo um processo de reprovação, de desqualificação. O enquadramento de uma comunidade religiosa (uma visão de mundo) como algo vil, maléfico, demoníaco.

Waldron nos ensina que o discurso de ódio ataca não apenas as características ou as ações de uma pessoa ou seu grupo, ele atinge a dignidade, inferiorizando a pessoa ou grupo (Waldron, 2012). Esse discurso cria um ambiente social menos seguro e acolhedor para as minorias, marginalizando não somente o indivíduo e o grupo, mas enfraquecendo o tecido social (Waldron, 2012). A liberdade de expressão não pode justificar discursos que minam a dignidade e a igualdade dos demais. O argumento de que a competição entre pontos de vista favorece um “mercado de ideias” não leva em conta os danos causados por discursos sem limites que desprezam a igualdade e o respeito mútuos. Para o autor “uma democracia liberal deve assumir a responsabilidade afirmativa pela proteção da atmosfera de respeito mútuo contra certas formas de ataque cruel” (Waldron, 2012, p. 9). Nesse sentido também, Ricardo Mariano afirma que:

Apesar disso, o exercício dessas liberdades, mesmo que restrito e regulado pelo aparato jurídico-político, pode acarretar a irrupção de lutas culturais e até de conflitos religiosos. Isto é, o contexto democrático de liberdade,

²⁶ Terreiro de candomblé é destruído em Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/07/12/terreiro-de-candomble-e-destruido-em-duque-de-caxias-na-baixada-fluminense.ghtml>. Acesso em: 9 ago. 2024.

²⁷ ‘Se em nome de Cristo eles destroem, em nome de Cristo vamos reconstruir’: evangélicos ajudam na reconstrução de terreiro. **G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/se-em-nome-de-cristo-eles-destroem-em-nome-de-cristo-vamos-reconstruir-evangelicos-ajudam-na-reconstrucao-de-terreiro.ghtml>. Acesso em: 9 ago. 2024.

tolerância e pluralismo religiosos não resulta automaticamente numa coexistência harmônica (o que supõe uma concepção bastante ingênua de democracia) entre diferentes religiões presentes num determinado território. Pressupõe antes, a ocorrência de disputas, antagonismos, conflitos e competição entre grupos religiosos, mas, decerto, com a expectativa de que sucedam majoritariamente dentro dos limites da lei e da responsabilidade (Mariano, 2014, p. 125).

No Brasil, notoriamente, as igrejas históricas não são empenhadas em discriminar e atacar as religiões de matriz africana, o que não significa que não haja intolerância por parte de seus pastores e membros, mas não chega a ser uma postura institucional dessas denominações. A ideia de “guerra santa”, do bem contra o mal, anjos e demônios, Deus e o Diabo é uma característica presente nas denominações pentecostais e principalmente nas neopentecostais. Dentro dessa ideia de “guerra”, a igreja é vista como uma tropa, um exército do “bem” engajado numa luta contra o mal. Do lado oposto, estão as trevas, a maldade, manifestadas no outro, no diferente, naqueles que ainda não foram “alcançados pelo evangelho” pela mesma crença. Apesar do evangélico entender que esse outro é alguém que precisa conhecer a fé dele, em muitos casos pessoas e crenças são eleitas como alvo de ataque. Determinados grupos deixam de ser enquadradas apenas na categoria de “não alcançados” e são colocadas numa categoria de inimigo, virando alvo de intolerância, que se inicia com palavras, pregações, mas que de alguma forma chegam às vias de fato. Não estou afirmando que neopentecostais são responsáveis por ataques físicos a pessoas ou locais. Estou dizendo que o discurso de muitas lideranças desse segmento é por vezes agressivos e que são amplamente divulgados por canais próprios de comunicação. Quem profere um discurso intolerante não é capaz de prever seu alcance, se o receptor dessa mensagem já assimilou outros discursos de ódio já recebidos e se o ouvinte desses discursos propagará ainda mais a mensagem de ódio, o que é bem provável, e se transformará aquelas falas em atitudes beligerantes.

Tal situação apenas reforça o grau de responsabilidade das autoridades religiosas com seus discursos. Os neopentecostais identificam as religiões afro com a maldade, com o demônio, como representantes do Diabo que desviam a humanidade da bondade e da proximidade com Deus. Vide o nome do livro amplamente conhecido do bispo Edir Macedo: “Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios”. Muitas vezes uma simples prática ritualística de uma religião de matriz africana é vista como

um ataque das forças do mal, contra a qual os crentes, instrumentos de Deus na construção de um mundo melhor, devem empenhar-se numa guerra para vencer e suplantar tais forças. É nesse ponto que, na minha opinião, reside o grau máximo da intolerância contra as religiões afro no Brasil, quando a solução para a discordância é a eliminação do outro. Não é apenas uma tentativa de enquadrar, de circunscrever a outra crença a um determinado espaço ideológico na sociedade, mas sim na erradicação daquela fé, o que se daria por discursos altamente agressivos, intimidação pública aos participantes, ataques e destruição de templos e agressão física aos participantes.

3 METODOLOGIA E RESULTADOS

3.1 Da Metodologia

O método qualitativo mostrou-se adequado como metodologia para esta pesquisa, pois o sujeito de estudo é o indivíduo, sua opinião e suas convicções. O seguinte trecho do livro *Método de Pesquisa em Ciências Sociais* ajuda a justificar a opção escolhida:

Ao contrário das ciências naturais, que estudam fenômenos com os quais se estabelece uma relação sujeito-objeto, a relação nas ciências sociais é sujeito-sujeito: o mundo social é constituído por sujeitos ativos (e não objetos passivos): as ciências sociais estudam “objetos” que são dotados de intencionalidade e que pensam a si mesmos (Alonso, 2016, p. 8).

Ainda sobre a pesquisa qualitativa, Creswell nos ensina que:

Os procedimentos qualitativos apresentam um grande contraste com os métodos da pesquisa quantitativa. A investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados. Embora os processos sejam similares, os procedimentos qualitativos se baseiam em dados de texto e imagem, têm passos únicos na análise de dados e usam estratégias diversas de investigação (Creswell, 2007, p.184).

Por fim, importante destacar o pensamento de Minayo sobre a pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (Minayo, 2009, p. 21).

A finalidade da pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais é justamente analisar o que o sujeito interpreta. No caso desta pesquisa, considerando que cada indivíduo, a partir de sua história e vivência, produz a sua própria interpretação da realidade social, o objetivo é tentar compreender o que pensam os evangélicos, quais são os seus argumentos e através de quais perspectivas constroem suas linhas de pensamento. Na igreja católica, há católicos conservadores, carismáticos, os adeptos

da Teologia da Libertação etc. Apesar de internamente diversificada, estruturalmente trata-se de uma única igreja, que é hierarquizada, com sede no Vaticano, e tem um líder, o Papa. Já os evangélicos são estruturalmente fragmentados em diversas denominações, cada uma com seu líder, sua interpretação da bíblia e suas visões de mundo. O ESEB de 2022 listou 99 denominações evangélicas naquele ano²⁸.

Por esta razão, o termo “os evangélicos” não serve para definir a pluralidade de expressões dentro de suas várias denominações.

A escola estadunidense de análise de discurso, durante a primeira metade do século XX, se destacou pelas primeiras sistematizações que denotaram um rigor científico na análise de conteúdo, a princípio, em textos essencialmente jornalísticos. Desta forma, com palavras que saíam na imprensa dos Estados Unidos, foram feitos diferentes estudos que acabaram por promover outros interesses e, assim, gerando aprofundamento daquele método como pertinente para pesquisa, em especial para o que concerne ao presente trabalho.

O desenvolvimento da análise de conteúdo se aproximou da linguística e, assim, de outra metodologia: a análise de discurso. E considerando que para ambos o objeto de estudo é o mesmo (discurso), não surpreendeu o encontro daqueles métodos investigativos que, no entanto, seguiram caminhos diferentes. Enquanto a análise de discurso se atentava a analisar estruturas textuais, a análise de conteúdo se viesou pela investigação política.

Laurence Bardin desmembrou a análise de conteúdo da análise do discurso. Ao simplificar a análise, ela elevou o nível conceitual de pesquisas qualitativas no sentido de poder analisar a fala do entrevistado de uma maneira mais ampla. Para Bardin, a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1977, p. 42).

Segundo a autora, a análise de conteúdo se divide em: organização, onde é feito o levantamento das entrevistas e documentos; codificação em unidades de

²⁸ Estudo Eleitoral Brasileiro 2022. **Centro de Estudos de Opinião Pública - Cesop**. Disponível em: https://www.cesop.unicamp.br/por/banco_de_dados/v/4680 Acesso em: 1 nov. 2024.

registro, que podem ser os verbos ou termos contidos nas falas dos entrevistados, e unidades de contexto, onde se verifica a situação em que a palavra é usada; categorização, quando os verbos ou palavras são agrupados em categorias para respondermos às perguntas de pesquisa.

O objetivo da análise de conteúdo é criar inferência válidas a partir dos dados coletados. Bardin a tratar da inferência explicou que: “A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (Bardin, 2016, p. 44).

Rafael Sampaio ao tratar da análise de conteúdo reforçou ainda que:

Análise de conteúdo é uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos (Sampaio, 2021, p. 17).

Para esta pesquisa, optei pela realização de entrevistas em profundidade a partir de um questionário semiestruturado com pessoas de uma denominação específica, no caso a IURD.

A entrevista em profundidade é um mecanismo que gera uma riqueza de informações coletadas e proporciona a possibilidade de registro das reações dos entrevistados. O objetivo dessa modalidade de entrevista “é o de conhecer as estruturas cognitivas utilizadas pelos cidadãos ao pensar sobre questões políticas” (Gondim; Veiga, 2001, p. 6) e permite acessar temas e opiniões de maneira muito mais aprofundada em comparação a uma visita a um templo religioso, por exemplo

A forma de recrutamento mais comum em pesquisas qualitativas é por critério de conveniência. Nesta pesquisa, o alistamento das pessoas se deu por meio de abordagem de fiéis nas portas dos templos e a partir de pessoas conhecidas deste pesquisador que indicavam integrantes da referida igreja para serem entrevistados.

A partir dos dados coletados, as conversas dos entrevistados foram categorizadas e foi feita uma análise de conteúdo das entrevistas para entender quais argumentos dos entrevistados contidos por trás de suas falas explicam suas opiniões sobre os termos esquerda e direita. Vejamos:

O processo de análise de dados consiste em extrair sentido dos dados de texto e imagem. Envolve preparar os dados para análise, conduzir análises diferentes, aprofundar-se cada vez mais no entendimento dos dados, fazer representação dos dados e fazer uma interpretação do significado mais amplo dos dados (Creswell, 2007, p. 194).

Com base nas conversas, foi possível analisar como a identificação dos entrevistados com a esquerda ou à direita influenciam suas preferências político-partidárias; orienta a definição de seu voto em eleições e em especial, como pode interferir em sua propensão de voto para presidente. Verificou-se ainda que o peso do aspecto econômico e do conservadorismo sobre os entrevistados.

Os tópicos a serem abordados nas entrevistas foram inseridos em um roteiro semiestruturado. Além de dados básicos dos entrevistados, como denominação de igreja, tempo como evangélico e outros, o roteiro trará perguntas pertinentes aos objetivos gerais e específicos. Também foi interessante inserir perguntas referentes à temas importantes para os evangélicos como o aborto, e outras que estão no cotidiano da população, como racismo, homofobia e violência contra a mulher. A intenção é verificar a opinião sobre esses temas específicos e correlacioná-las com sua identificação política.

Os nomes e demais dados pessoais serão mantidos em sigilo para preservação da identidade dos entrevistados. A estes foram atribuídos nomes fictícios ao longo da dissertação. Além das entrevistas, a pesquisa usou como fontes bibliografia especializada e matérias jornalísticas de veículos de imprensa. O recorte geográfico da pesquisa foram igrejas locais da IURD localizadas em Mesquita, Nova Iguaçu e São João de Meriti.

Quanto aos objetivos específicos, optei pela conformidade da pesquisa nos seguintes grupos: exploratórios, descritivos e explicativos (Gil, 2002).

Em caráter exploratório, serão apresentados os principais conceitos envolvidos, como esquerda, direita, neopentecostalismo, conservadorismo, economia e costumes nas falas dos entrevistados.

De perfil descritivo, o objetivo da pesquisa se dará pela busca em entender o comportamento do grupo selecionado, ou seja, quando os referenciais das pessoas entrevistadas são confrontados pelas opções eleitorais que se lhes apresentam. Por exemplo: um eleitor evangélico assalariado pode optar por um candidato cristão que tem ideias na economia que desfavorecem pessoas assalariadas como ele. Por que ele escolheria esse candidato apenas por ser cristão quando a visão desse político

sobre economia pode lhe ser desfavorável? Nesse caso, esse eleitor pode sentir a necessidade de optar por um nome que represente não apenas sua opção naquele pleito ou seus interesses financeiros, mas seus conceitos e valores atrelados à sua visão abrangente de mundo, onde se insere sua religião. A ideia é levantar as opiniões e atitudes dos entrevistados diante dessa conjuntura que mescla os aspectos político, eleitoral e religioso.

Ademais, sob o ângulo explicativo, será feita uma reflexão sobre os conceitos de direita e esquerda e a relação deles com as escolhas e/ou intenções de voto para presidente nas eleições de 2018 e 2022.

3.2 As entrevistas com fiéis da IURD

Algumas entrevistas foram realizadas nas portas dos templos da IURD, sempre quando o fiel estava saindo do culto. Antes não era muito apropriado, pois as pessoas estavam chegando para a reunião e não queriam se atrasar. Essas entrevistas foram realizadas nas igrejas de Mesquita, no bairro de Edson Passos, Nova Iguaçu, no bairro Centro, e em São João de Meriti, no bairro de Vilar dos Teles, em dias alternados como domingo, segunda, quinta-feira e sexta-feira, e tiveram duração de cerca de 40min cada.

Outras entrevistas foram realizadas por indicação de pessoas conhecidas deste pesquisador que conheciam os fies da IURD. Nestes casos as entrevistas foram realizadas por telefone ou pelo aplicativo de videoconferências “Zoom”, sua duração foi de cerca de 1h00 e os entrevistados preferiram não marcar uma segunda entrevista. Os fiéis contatados nessa modalidade de entrevistas frequentavam os mesmos templos mencionados acima.

As perguntas iniciais foram de qualificação do entrevistado, e dizem respeito aos seus dados pessoais como idade, profissão, raça/etnia e estado civil. Com relação ao aspecto religioso, indagou-se há quanto tempo é evangélico, o tempo na IURD, se já tinha pertencido a outra igreja, se classificava a IURD como pentecostal, neopentecostal ou outra categoria. Por fim, as demais questões indagaram o que um cristão pensa dos termos “direita e esquerda”, se o cristão deveria se envolver com a política, a influência do líder na escolha ou rejeição do candidato-partido, se um cristão poderia ter um pensamento político de “esquerda”, o que pensava sobre violência contra mulher, racismo e homofobia e se já tinha sido alvo de intolerância religiosa.

Todos os nomes e dados dos entrevistados estão mantidos em sigilo. Para este trabalho, atribuí nomes fictícios aos entrevistados. Embora o recorte temporal da pesquisa fosse o voto nas eleições de 2018 e 2022, sempre perguntava ao entrevistado se ele lembrava em quem ele tinha votado também nas eleições de 2010 e 2014, para ampliar o conhecimento a respeito do interlocutor e observar eventual variação no seu voto.

Considerando os dados do Censo 2022 sobre a população do Estado do Rio de Janeiro, onde as mulheres são 52,8% e os homens 47,2%, sendo brancos 42%, pretos 16,2%, pardos 41,6%, e ainda o fato de ser uma pesquisa qualitativa com entrevistas em profundidade, optei pelo quantitativo de 16 entrevistados distribuídos da seguinte forma: 4 mulheres brancas, 4 mulheres pretas e pardas, 4 homens brancos e 4 homens pretos e pardos.

Tabela 5 - População Do Estado Do Rio De Janeiro

	QUANTIDADE	PERCENTUAL
HOMENS	7.577.675	47,2%
MULHERES	8.477.499	52,8%
TOTAL	16.055.174	100%
BRANCOS	6.739.901	42%
PRETOS/PARDOS	9.276.993	57,8%

Fonte: Elaboração do autor com dados do Censo 2022 - IBGE²⁹.

Em muitas abordagens as pessoas estavam chegando para o culto e preferiam não falar naquele momento. Ao final do culto, elas estavam com pressa e alegavam ter compromissos. Assim, na busca por entrevistas dentro de cada perfil, terminei por fazer 6 entrevistas com mulheres pretas e pardas, o que me forneceu no total 18 entrevistas. Distribuídas por localidade, foram 11 em Nova Iguaçu, 4 em Mesquita e 3 em São João de Meriti. As conversas ocorreram entre os meses de novembro de 2023 e janeiro de 2025.

²⁹ Censo 2022. **IBGE**. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 15 jun. 2024. Na tabela não foram incluídos indígenas ou amarelos, que são 15.904 e 21.837, respectivamente.

Os dados abaixo mostram o crescimento da população evangélica no Estado do Rio de Janeiro. Como explicado acima, o Censo de 1991 não categorizava os evangélicos totais. Naquele ano, pentecostais e tradicionais juntos somavam 12,08% da população do estado³⁰.

Tabela 6 - Estado do Rio de Janeiro - Religião

Tabela 137 - População residente, por religião															
Variável - População residente - percentual do total geral															
Unidade da Federação	Ano x Religião														
	1991					2000					2010				
	Total	Católica Romana	Católica Apostólica Romana	Evangélicas	Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus	Total	Católica Romana	Católica Apostólica Romana	Evangélicas	Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus	Total	Católica Romana	Católica Apostólica Romana	Evangélicas	Evangélicas de origem pentecostal - Igreja Universal do Reino de Deus
Rio de Janeiro	100,00	66,67	...	...	...	100,00	...	55,70	21,98	2,75	100,00	...	45,81	29,37	1,71

Fonte: IBGE

Dados do Censo 2022 mostram que a quantidade de templos religiosos no Brasil é maior que a de escolas e hospitais juntos³¹. Abaixo, elaborei uma tabela com a quantidade de templos das três cidades pesquisadas, sua área territorial e sua população.

Tabela 7 - População/Quantidade de Igrejas e Templos

CIDADE	POPULAÇÃO	IGREJAS/TEMPLOS	ÁREA
Mesquita	167.127	580	41,17 km ²
Nova Iguaçu	785.867	4.187	520,58 km ²
São João de Meriti	440.962	1.387	35,22 km ²

Fonte: Elaboração do autor com dados do Censo 2022- IBGE obtidos no site G1.³²

A tabela seguinte, foi elaborada com algumas frases proferidas nas entrevistas para codificar por tema o que os entrevistados entendiam sobre os termos direita e

³⁰ Censo. IBGE - Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137#resultado> . Acesso em: 07 fev. 2025.

³¹ Brasil tem mais templos religiosos do que hospitais e escolas juntos; Região Norte lidera com 459 para cada 100 mil habitantes. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/centro/noticia/2024/02/02/brasil-tem-mais-templos-religiosos-do-que-hospitais-e-escolas-juntos-regiao-norte-lidera-com-459-para-cada-100-mil-habitantes.ghtml>. Acesso em: 17 jan. 2025.

³² Casas, templos, hospitais, escolas: IBGE mapeia 111 milhões de endereços no Brasil; consulte os mais comuns na sua cidade. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/centro/noticia/2024/02/02/casas-templos-hospitais-escolas-ibge-mapeia-111-milhoes-de-enderecos-no-brasil-consulte-os-mais-comuns-na-sua-cidade.ghtml>. Acesso em: 17 jan. 2025.

esquerda, se um cristão poderia ou não ser de esquerda e qual assunto seria mais importante no momento de definir seu voto, família e costumes ou combate à pobreza e desigualdade. Cada frase foi inserida na coluna pertinente ao seu conteúdo ideológico. Esses assuntos foram tratados nas perguntas do formulário em anexo.

Destaquei na tabela com a cor azul os trechos em que a resposta era sobre um cristão poder ser ou não de esquerda. Destaquei ainda em vermelho, falas sobre economia, renda, pobreza e desigualdade. Após a tabela, inseri fotos das fachadas das igrejas escolhidas e seguirei num novo tópico para categorizar o conteúdo das entrevistas.

Tabela 8 - Falas Selecionadas Dos Entrevistados

Entrevistado	Voto no 2º turno	Esquerda	Direita
1 - Maria	2010 – Não lembra 2014 - Dilma 2018 - Bolsonaro 2022 - Lula	“Não entendo muito sobre esses termos.” “Penso que os governos do PT focaram mais em questões sociais”. “Em cada eleição, tomei a decisão que entendia correta”	“Mais importante para mim na hora do voto são questões como família e costumes.” “Um cristão não deve ser de esquerda.”
2 - Leandro	2010 – Não votava 2014 - Não votava 2018 - Bolsonaro 2022 - Bolsonaro	“Não entendo sobre esses termos, mas acho que um cristão pode sim ser de esquerda. ”	“Mais importante para mim na hora do voto são questões referentes à família.”
3 - Joana	2010 - Não lembra 2014 - Não lembra 2018 - Bolsonaro 2022 - Bolsonaro	“Esquerda é o Lula.” “Os governos de esquerda são os que focam mais no combate à pobreza e desigualdade.”	“Direita é o Bolsonaro.” “Na hora do voto, são assuntos sobre família e costumes que me chamam a atenção.” “Um cristão não pode ser de esquerda.”
4 - Aline	2010 - Dilma 2014 - Dilma 2018 - Haddad 2022 – Lula “Sempre votei no PT”	“Esquerda eu associo ao Lula.” “Os governos de esquerda combateram mais a pobreza.” “Um cristão pode ser de esquerda, mas é melhor conciliar coisas de ambos os lados.” “Família é um tema importante, mas penso mais na realidade econômica atual e voto em quem tem propostas boas para mim.”	“Direita eu associo à família.”

5 - Cátia	2010 – Não lembra 2014 - Não votou 2018 - Não votou 2022 – Lula	“Não me preocupo com esquerda e direita.” “Um cristão pode ser de esquerda sim.” “Os governos de esquerda combatem mais a pobreza.” “Eu voto pensando no social e na família.” “Mais no social, porque família cada um constrói a sua.”	“Não me preocupo com esquerda e direita.”
6 - Ester	2010 - Dilma 2014 - Não lembra 2018 - Haddad 2022 – Lula “Sempre fui Lula”	“Eu penso mais nos direitos sociais.” “Os governos de esquerda procuram fazer mais pelos pobres, mas os ricos ganham em qualquer governo.” “Não vejo diferença entre esquerda e direita.”	“Os dois lados são muito insuficientes.” “Um cristão não deveria se envolver com política, nem ser de esquerda.”
7 - Lucas	2010 - Dilma 2014 - Dilma 2018 - Bolsonaro 2022 - Bolsonaro	“Não vejo problema um cristão ser de esquerda, é uma forma de pensar que deve ser respeitada.” “Acho que o Lula fez mais pelo social.”	“A direita é mais ligada à economia.” “O Bolsonaro fez pelos pobres e pelos ricos.” “Penso em questões sociais e família na hora do voto. Acho que a esquerda tem propostas que vão contra a família.”
8 - João	2010 – Não lembra 2014 - Dilma 2018 - Bolsonaro 2022 - Bolsonaro	“Esquerda e direita têm coisas boas e ruins.” “A esquerda pensa mais nos pobres, mas é muito leniente com os criminosos.” “Um cristão pode ser de esquerda e olhar mais para o social, não quer dizer que ele vai concordar com drogas ou questões de gênero.” “Ele pode ser de esquerda e permanecer conservador.” “A esquerda tem bons programas de distribuição de renda.”	“A direita vê o criminoso como alguém que não tem solução.” “O capitalismo exagerado massacra e descarta as pessoas.” “Toda essa ganância não combina com o cristianismo.” “Os programas de governo da direita excluem os que estão abaixo da linha da pobreza.”
9 - Judith	2010 - Serra 2014 - Aécio 2018 - Bolsonaro 2022 – Bolsonaro “Nunca gostei e nunca votei no PT.”	“Um cristão pode ser de esquerda, pois ele tem livre arbítrio pra escolher o que quiser.” “Ninguém fez muito pelos pobres.” “Foi tudo uma maquiagem.”	“Penso que os termos direita e esquerda se definem como opostos.” “O Bolsonaro tentou fazer pelos pobres, mas não conseguiu.” “Mais importante na hora de votar são as propostas sobre família e costumes.” “Questões sobre pobreza e desigualdade não me

			chamam muita atenção.”
10 - Pedro	2010 – Não votei 2014 - Não votei 2018 - Bolsonaro 2022 – Bolsonaro “Eu não voto no PT, nunca gostei ... PT é comunista”	“Esquerda e direita são termos iguais para mim.” “Ninguém fez nada pelos pobres, os preços só aumentam.” “Um cristão pode ser de esquerda, eu não concordo, mas é a escolha de cada um.”	“Nunca votei no PT, é comunista.” “Em segundo turno sempre voto contra o PT.” “Na hora de votar penso na família e nos costumes, pobreza sempre vai existir.”
11 - Caio	2010 - Dilma 2014 - Dilma 2018 - Bolsonaro 2022 – Bolsonaro “Até 2014 eu considerava o PT um bom governo, mas a gente nunca sabe dos podres que tem por detrás.”	“Não vejo diferença entre a esquerda ou a direita, é tudo política.” “É como lado A e lado B, mas sem diferença.” “Eu vejo a esquerda como oposição ao governo.” “Um cristão pode ser de esquerda, muitos cristãos que conheço votaram no Bolsonaro, outros votaram no Lula.” “Acho que Lula e Bolsonaro combateram a pobreza da mesma forma, só que o Lula fez mais propaganda disso.”	“Na hora de votar eu olho para as propostas de emprego e investimento, é isso que vai tirar as pessoas da pobreza.” “Eu penso que o bolsa família não ajuda as pessoas a saírem da pobreza.”
12 - Vicente	2010 - Dilma 2014 - Dilma 2018 – Não votei 2022 – Bolsonaro “De 2002 a 2014 votei no PT”	“O Lula parece ter feito muito pelos pobres, mas teve muita maquiagem.” “Eu não consigo ver melhora nem pela esquerda nem pela direita.” “Um cristão pode ser de esquerda, cada um é livre pra escolher, mas se a pessoa buscar um pouco mais, ela não vai querer ser de esquerda.”	“Esquerda e direita são ideologias opostas.” “Ambas têm coisas boas e ruins. Eu prefiro ver primeiro a ideologia do partido, para depois ver as propostas, porque família nunca é uma proposta, já está ou não ideologia do partido.”
13 - Ronald	2010 – Não lembra 2014 - Dilma 2018 - Bolsonaro 2022 - Bolsonaro	“O Lula fez muito pelos pobres, mas no interesse de reeleger.” “Sim, um cristão pode ser de esquerda, pode ser de direita também, é o livre arbítrio de cada um.” “Não vejo ideologia em progressismo e	O entrevistado apesar de ter votado em Bolsonaro não teceu comentários positivos sobre a direita. “Eu não consigo ver melhora nem pela esquerda nem pela direita.”

		conservadorismo, os dois representam posições do ser humano, não vejo nenhum dos dois lados de forma negativa”	
14- Ana	2010 - Não lembra 2014 - Dilma 2018 - Bolsonaro 2022 - Bolsonaro	“..., um cristão pode ter qualquer pensamento (esquerda), é o livre arbítrio.” “Eu achei importante votar numa mulher, achei que tinha que dar uma chance para Dilma, para vermos como uma mulher se sairia na presidência. Mas ela desandou, a Dilma não teve fé, ela ficou confusa.” “A Dilma empinou o nariz, foi ruim para o povo. Precisa dar ‘trigo’ para as pessoas, sustento, dar oportunidade.”	“Penso que sou de direita porque a gente precisa de estratégia econômica...” “O Bolsonaro foi militar. Eu achei que ele colocaria as coisas em ordem, ache que ele iria nos conduzir a uma ‘marcha da vitória’, ele te motivava, mas não foi isso que aconteceu.” “O Bolsonaro não olhou para os mais pobres, o governo dele deu errado. Hoje o Lula está melhor que o Bolsonaro e melhor do que no primeiro mandato dele (Lula).”
15 - José	2010 – Serra 2014 - Aécio 2018 - Bolsonaro 2022 - Bolsonaro	“A esquerda é o Lula, é um modo de ser” “Sim, cada um tem direito a ter uma opinião (cristão ser de esquerda).” “A esquerda fala em fazer muito pelos pobres, mas não faz.”	“A direita eu vejo como alguém que quer fazer mais” “Bolsonaro fez pouco (pelos pobres). Eu acho que o FHC fez mais pelos pobres.”

16 - Catarina	2010 - Não votava 2014 - Não votava 2018 - Não votava 2022 - Bolsonaro Sua primeira eleição foi em 2020.	“Esquerda eu vejo o PT...” “ Não, a esquerda não respeita o cristianismo (sobre o cristão ser de esquerda). ” “ Eu acho que hoje nossa condição (de vida) está pior. ”	“... direita os outros partidos.” “Eu acho que independente dos governos, o Brasil nunca saiu do lugar. As coisas estão sempre como estão. É mais do mesmo. Eu acho que o Bolsonaro foi quem fez mais pelos mais pobres. ”
17 - Cláudia	2010 - Não lembra 2014 - Não lembra 2018 - Anulei 2022 - Bolsonaro	“Esquerda é o erro.” “ Não, um cristão não deve ser de esquerda. ” “Nunca votei no PT. Não concordo com as atitudes dele. Como assim? Aquela questão da educação nas escolas, a Dilma ia deixar passar. Não posso concordar com isso.”	“Direita é a verdade.” “Eu não acho que nenhum presidente fez algo pelos mais pobres, exceto o Bolsonaro que foi o que mais combateu a pobreza. Hoje em dia está tudo caro. ”
18- Vitória	2010 - Dilma 2014 - Dilma 2018 - Bolsonaro 2022 – Bolsonaro	“Eu já votei no Lula, eu acreditava neles, mas não acredito mais por conta do que eles fizeram. Como assim? Por causa das coisas erradas que eles fizeram na política, corrupção, apoiando aborto e muitas coisas.” “ Não, se ele ainda é de esquerda ele ainda não entendeu o evangelho. ”	“Eu sou de direita, eu vejo a direita como aquilo que é certo.” “ Eu acho que a esquerda não fez pelos mais pobres, o Bolsonaro fez. ”

Fonte: Elaboração própria.

Figura 1 - Fachada do templo da IURD em Mesquita



Fonte: foto do autor 06, jan. 2025.

Figura 2 - Fachada do templo da IURD em Nova Iguaçu



Fonte: foto do autor 06, jan. 2025.

Figura 3 - Fachada do templo da IURD em São João de Meriti



Fonte: foto do autor 17, jan. 2025.

3.3 Análise de conteúdo das entrevistas

3.3.1 Introdução

Preliminarmente, porém, quero relembrar a posição da IURD dentro do espectro evangélico. Paul Freston, em sua tese citada acima, classificou as igrejas protestantes em históricas e pentecostais. O pentecostalismo se deu em três ondas. A primeira no início do século XX, a segunda nos anos 1950 e 1960 e a terceira nos anos 1970 e 1980, onde se enquadra a IURD. Já Ricardo Mariano classifica o movimento pentecostal em três vertentes: o pentecostalismo clássico, o deuteropentecostalismo e o neopentecostalismo, onde inserimos a IURD. Este autor chama de Neopentecostalismo, o que Freston chamou de terceira onda.

A colocação da IURD como uma igreja pentecostal de terceira onda ou neopentecostal é uma classificação histórica e acadêmica. Os autores acima mencionados são estudiosos da religião com diversas obras publicadas e amplamente citados por outros autores. No entanto, pelas respostas, essa é uma catalogação que não é de conhecimento ou sequer é relevante para os fiéis.

Para melhor compreensão do conteúdo das entrevistas, fiz uma divisão em três categorias de falas dos entrevistados: política, economia e questões morais.

Nas entrevistas, ao serem indagados sobre como classificavam sua própria igreja, os entrevistados deram respostas muito variadas. Ela foi classificada como “neopentecostal”, “pentecostal”, “tradicional” e “evangélica”, além do uso de expressões como é uma igreja “centrada na palavra” e “a Universal não se compara a nenhuma outra”. Uma das entrevistadas, Judith, disse ver a IURD uma “pentecostal com diferenças”, pois segundo ela, não seria pentecostal “no sentido da Assembleia de Deus”. O entrevistado Pedro disse que a igreja era “uma faculdade” que lhe ensinou muito na vida. Assim, é possível perceber que os próprios integrantes estão alheios à forma como sua igreja é conceituada e classificada academicamente. No entanto, entendo que os estudos de Freston e Mariano ajudam a compreender o impacto desse movimento na construção da identidade religiosa brasileira contemporânea, mostrando como o pentecostalismo e o neopentecostalismo, influenciam valores, comportamentos e até mesmo a estrutura de poder na sociedade.

Nesta pesquisa, vou me referir a IURD como uma igreja Neopentecostal, pois oriunda do último movimento de expansão dentro do protestantismo estudado e categorizado de maneira relevante e científica (Mariano, 2014).

3.3.2 Do aspecto político

Nesta sessão, selecionei algumas falas que a meu ver tem um conteúdo político, como a distinção entre esquerda e direita, se um cristão pode ser de esquerda, progressismo e conservadorismo e a postura do líder religioso com relação ao período eleitoral.

No que fiz respeito à postura do líder religioso, todos os entrevistados concordaram que um pastor não pode determinar em quem os fiéis têm que votar, mas apoiaram o sacerdote orientar sobre política de uma forma geral. A distinção de opiniões se dá quando um pastor fala especificamente de um determinado candidato, ou até mesmo afirma que vai votar nele. Outra distinção é se a fala pode ocorrer dentro dos templos.

O entrevistado João fez parte da IURD por 23 anos e concordou em dar a entrevista falando daquele período em que esteve naquela igreja. Ele afirmou que havia indicação para votar em pessoas da igreja que resolvessem ser candidatos, o que se dava geralmente para cargos do legislativo, e que havia uma cobrança para saber em que havia votado, postura com a qual o entrevistado não concordava. Já o entrevistado Caio, acha válido um líder religioso falar de um determinado candidato para orientar as pessoas, desde que não seja muito incisivo e desde que não seja dentro na igreja, no “altar”. Semelhante é a opinião de Vicente. Vejamos as falas:

A universal sempre foi muito envolvida com política, eles diziam que é necessário ter representantes evangélicos. Para eles, os membros devem votar naquela pessoa indicada pela liderança da igreja. Sempre que a universal tem um candidato a um determinado cargo numa determinada região, a pessoa deve votar naquele candidato (geralmente vereador, deputado federal e deputado estadual – senador às vezes). Eles distribuem panfletos do candidato na igreja, ou seja, fazem campanha de graça. Quando eu estava lá, eu achava que era uma coisa boa eles indicarem um candidato. Hoje não acho mais. Porém, naquela época eu já achava estranho o pastor ou um líder ficar perguntando se de fato eu tinha votado no candidato indicado, pois eles tratavam como se fosse uma obrigação as pessoas votarem no indicado. (João, 19 maio 2024).

(...) ... quando o pastor lê de fato um comentário sobre um candidato que serve a Deus, eu acho válido. O povo ter, pelo menos, uma esperança de um homem de Deus que vai falar por ele. (...) Só não concordo de ser muito

incisivo. Pode até comentar. Fora da igreja. Não lá no altar na igreja. Está pregando. Mas sim, reunir lá fora, lá no pátio da igreja mesmo. Agora lá no altar da igreja, não. Lá fora. (Caio, 05 jun. 2024).

(...) ... como cidadão ele pode expressar dentro (da igreja no caso) seu voto. E também pode orientar, conversar sobre dar a posição dele sobre o assunto, como qualquer um (...) então, normalmente, tem o nosso candidato da Igreja. Normalmente é um candidato da Igreja que você já conhece, já trabalha com a gente, já era membro antes de entrar na política. (Vicente, 20 jul. 2024).

Apenas a entrevistada Aline disse que um pastor “não deve falar sobre política e/ou candidaturas políticas dentro da igreja”. (Aline, 21 jan. 2024). Na opinião de Cláudia, “um pastor deve orientar os fiéis, mas não deve dizer publicamente em quem vai votar. Isso é uma coisa particular dele” (Cláudia, 27 dez. 2024).

Com relação às expressões “esquerda” e “direita”, elas foram vistas como vocábulos antagônicos pela maioria dos entrevistados. Nestes casos, as palavras “PT” e “Lula” apareceram associadas à esquerda, enquanto a palavra “economia” foi utilizada ao falar da direita. Alguns afirmaram não ver distinção, e que eram termos que “representavam dois lados de uma mesma moeda”, “tudo a mesma coisa”.

Observei que, para os entrevistados, votar em candidatos de esquerda, não significa que eles, os eleitores, o associam à esquerda. Verifiquei isso na primeira entrevista, em que Maria disse que “um cristão não deveria ser de esquerda” e que para ela o mais importante na hora de votar são os temas “famílias e costumes” (Maria, 24 nov. 2023). Ela mesma votou no PT em 2014 e 2022, a exceção foi em 2018 quando votou em Bolsonaro. Perguntada sobre o assunto, Ester afirmou que um cristão não deveria ficar se envolvendo com política, “muito menos ser de esquerda”. No entanto, ela votou no PT nas quatro últimas eleições e afirmou que “sempre foi Lula” (Ester, 08 mar 2024), o que mostra que para ela esquerda são apenas as questões identitárias, não a histórica luta por mais igualdade e direitos sociais.

O entrevistado Lucas, por exemplo, disse entender que esquerda e direita representam não ideias, mas partidos diferentes e que a direita estaria vinculada aos aspectos econômicos: “Entendo como dois partidos distintos, mas os dois tem que representar o povo. Cada um apoia suas ideologias. Entendo que a direita é mais ligada à economia” (Lucas, 07 maio 2024).

O entrevistado João, que votou em Bolsonaro em 2018 e 2022, e em Dilma em 2014 e 2010, afirmou que a esquerda tem aspectos bons e ruins e que nenhum dos dois lados são eficazes em resolver certos problemas, como o da criminalidade por

exemplo. A direita por sua vez quando se trata desse mesmo tema, não olha para o indivíduo como alguém recuperável.

A esquerda tem muitas coisas boas. Pensa mais nos pobres, na divisão de renda. O lado contrário são as bandeiras de sexualidade, apagar crimes, ou seja, que a população esqueça do crime que foi cometido. Passar a mão na cabeça do criminoso, colocá-lo como vítima. Não existe um programa para recuperar o criminoso, e isso independe do governo. A direita trata a pessoa como alguém que não tem solução. Eles falam que tem que cortar o mal pela raiz. Nenhum dos lados tem ação eficiente. (João, 19 maio 2024).

Neste trecho da fala do entrevistado, podemos ver como a esquerda é vista associada a “bandeiras de sexualidade” e como leniente com a criminalidade, quando ele diz que “apagar crimes” é uma das propostas da esquerda.

Questionado sobre o tema, o entrevistado Caio disse não acreditar numa distinção entre esquerda e direita.

Em vez de ser direto, fica falando ah o povo da direita, ah o povo mortadela, outros batem panela. Acho isso uma bobeira, em vez de ir direto ao ponto. Tem o pessoal que é contra o governo de fulano ou beltrano, é isso. Fica falando direita e esquerda, ah o pessoal da direita, ah o pessoal da esquerda, acho isso uma bobeira.
Acha que são visões de mundo, visões políticas distintas?
Não vejo diferença, é tudo política, tudo eleitores, lado A lado B, esquerda e direita. (Caio, 25 jun. 24).

O entrevistado Vicente disse que direita e esquerda representam duas ideologias opostas que tem coisas boas e ruins.

Acho que são dois lados opostos que defendem suas ideologias. E aí a gente que é cidadão, eleitor, a gente tenta ver qual ideologia simpatiza mais com a tua. Sabendo que tanto esquerda quanto direita tem coisa boa de cada lado, mas também tem falhas de cada lado, mas é mais ideologia. (Vicente, 20 jul. 24).

No entanto, o mesmo entrevistado também afirmou que se um cristão buscar um pouco mais de conhecimento ele verá que não pode seguir a ideologia de esquerda.

Um cristão é um ser humano, é um cidadão comum, ele tem direito de escolher o que ele quiser, claro que normalmente não opta pela esquerda. O cara que conhece um pouco mais, que é inteirado um pouco mais, mas como eu também acredito, eu votei na esquerda, muito por falta de conhecimento político,” (Vicente, 20 jul. 24).

Outro ponto que me chamou atenção foi a definição de esquerda como oposição. Em outro ponto de sua entrevista, Caio, que disse não ver muita diferença entre esquerda e direita, definiu a esquerda como uma “oposição” ao governo vigente. Encontrei essa referência de esquerda, como força contraposta ao governo corrente, em outras entrevistas que fiz no curso de Especialização em Ciência Política em 2021. Tal conceito é explicado por Singer. Em seu livro *Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro*, tal associação pode ser vista tanto no Brasil quanto no exterior. Vejamos: “Esse tipo de resposta, ..., corresponde tanto à história brasileira quanto aos padrões internacionais, em que a esquerda é vista como sendo uma força de oposição” (Singer, 2000, p. 142). Por esse raciocínio, atualmente a oposição ao governo federal, nitidamente de direita, seria de esquerda, ao que o mesmo entrevistado respondeu que sim.

Ronald afirmou em sua entrevista não ver distinção entre esquerda e direita: “São duas imbecilidades, no Brasil não existe esquerda e direita. ‘Eles’ são inimigos apenas na campanha. Depois disso, deixam de lado as adversidades. Não vejo diferença entre elas”. Disse ainda que: “sim, um cristão pode ser de esquerda, pode ser de direita também, é o livre arbítrio de cada um”. (Ronald, 18 nov. 2024). Perguntei a ele se os dois termos não representariam formas distintas de pensar. Ao que ele respondeu: “Não, é tudo a mesma coisa. Na década de 1970 não tinha subversivo no nosso país, havia pessoas mal alimentadas, passando fome”, referindo-se ao período do regime militar (Ronald, 18 nov. 2024).

A maioria dos entrevistados entendeu que um cristão pode sim ser de esquerda. Nas palavras de Ana: “Pode, um cristão pode ter qualquer pensamento, é o livre arbítrio” (Ana, 09 dez. 2024). O entrevistado José teve o mesmo entendimento: “Sim, cada um tem direito a ter uma opinião.” (José, 13 dez. 2024).

Com relação aos vocábulos “progressista” e “conservador”, a maioria dos entrevistados afirmou conhecê-los, mas poucos atribuíram significado a eles.

A entrevistada Aline disse não conhecer o sentido dos termos progressista e conservador, mas “que o que for feito para melhorar a vida das pessoas é válido”. Sobre um cristão ser de esquerda, ela disse que concorda, mas o “melhor é ser equilibrado, conciliando coisas de ambos os lados” (Aline, 21 jan. 2024).

O entrevistado Caio afirmou que “conservador, pela palavra é aquele que conserva as boas práticas políticas e “progressista é quem está sempre inovando”, não atribuindo nenhum juízo de valor (Caio, 25 jun. 2024).

O entrevistado Vicente conferiu um sentido positivo ao termo conservador ao dizer que o “conservador defende mais a família tradicional, pessoas mais recatadas, que gostam de manter um padrão”. É interessante que nesta última fala o conservadorismo acabou circunscrito a um ideal de modelo familiar. “Recato” e “manutenção de um padrão” de família foram as ideias que nortearam a noção que o interlocutor tem do conservadorismo³³. Já com relação à palavra progressista, o mesmo entrevistado a definiu inicialmente com um sentido positivo, mas ao final deu a entender que o progressismo³⁴ pode não ser algo tão bom. Sua fala foi que o “progressista, como a palavra diz, é quem está sempre em progresso, querendo desenvolver, mudar, querendo transformar, às vezes coisas que não precisavam ser mudadas” (Vicente, 20 jul. 2024).

Esta e outras falas deste entrevistado sobre manutenção da família tradicional e “ideologia de gênero” me levam à conclusão de que ao falar de “coisas que não precisam ser mudadas” ele está se referindo à sexualidade. Para ele, o progressista e a esquerda querem interferir nas decisões acerca do gênero das pessoas, o que corrobora a indagação da pesquisa de que a esquerda é, na visão dos evangélicos, fortemente associada a questões identitárias. Vejamos a fala abaixo:

Quando se fala em progresso é uma coisa boa. Estar em evolução. Mas não pode querer mudar certas coisas tradicionais, que dentro do entendimento geral já são corretas. Quando você começa a querer deturpar essas coisas, eu acho o progresso trágico, ruim. Deixa eu dar um exemplo: pessoas trans ou gay entrar no banheiro feminino, não acho que isso é uma evolução, acho um retrocesso; se você falar de um homossexual você ganha um processo; homem entrar com saia no quartel, que é uma instituição séria, isso não é um progresso, é uma falta de respeito” (Vicente, 20 jul. 2024).

³³ O conservadorismo é uma visão política que tem uma abordagem cautelosa em relação a mudanças bruscas. Edmund Burke, um dos principais expoentes do conservadorismo em sua obra “Reflections on the Revolution in France” critica a Revolução Francesa por destruir tradições que, segundo ele, sustentavam a ordem e a civilização (BURKE, 1982, p. 50). O conservadorismo defende a manutenção de valores relacionados à moral, à religião e à família, e é cético com relação às mudanças. Acredita ainda que as instituições funcionam como mantenedoras da ordem social e que a atuação do Estado na sociedade deve ser limitada.

³⁴ Progressismo é uma visão política que se orienta pela mudança e pelo progresso. Vê a liberdade como um valor central para o desenvolvimento da sociedade (MILL, 1998, p. 16). É favorável à redução das desigualdades, às mudanças nas estruturas das instituições e de um papel ativo do Estado na promoção do bem-estar social.

Por outro lado, a fala de Ronald sobre o mesmo tema revela-se interessante ao atribuir um sentido negativo ao conservadorismo e um sentido econômico ao progressismo. Ele disse que: “conservador é um ignorante. Ele só pensa no futuro para si mesmo. Ele quer crescer, mas não quer mudanças para os outros, ele quer manter tudo como está. Progressista é aquele que quer expandir, crescer financeiramente”. Perguntado se via algum conteúdo ideológico nesses termos, no sentido de bom e mau, disse: “Não, todos os dois representam posições do ser humano, não vejo nenhum dos dois de forma negativa” (Ronald, 18 nov. 2024).

O entrevistado Pedro, ao ser questionado sobre esquerda e direita, deu um viés econômico à sua resposta.

Não sei dizer, é difícil. Para mim é tudo igual, esquerda e direita. O salário-mínimo está em 1.400,00, a gente não consegue fazer nada com esse valor. Você vai no mercado, gasta tudo e volta sem nada. Eu acho que nenhum deles fez nada pelos pobres. Está tudo igual. Lula não vai conseguir fazer nada (Pedro, 13 jun. 2024).

A fala dessa entrevistada, que propositalmente deixei por último neste tópico, é interessante porque ao falar sobre seu voto para presidente em 2014, 2018 e 2022, ela inseriu diversos conceitos em sua resposta, tais como fé, ordem, gênero, vício etc., o que diferencia seu discurso dos demais acima. Afirmou que em 2014 votou “em Dilma, não votaria no Aécio, ele era envolvido com drogas”. Disse ainda:

Eu achei importante votar numa mulher, achei que tinha que dar uma chance para Dilma, para vermos como uma mulher se sairia na presidência. Mas ela desandou, a Dilma não teve fé, ela ficou confusa.
E por que você votou no Bolsonaro?
O Bolsonaro foi militar. Eu achei que ele colocaria as coisas em ordem, achei que ele iria nos conduzir a uma “marcha da vitória”, ele te motivava, mas não foi isso que aconteceu.
Se arrepende de ter votado nele?
Não, era a opção que eu tinha naquele momento. As pessoas até estranharam eu votar nele, mas eu achei que deveria votar (Ana, 09 dez. 2024).

Por fim, ressalto que durante as dezoito entrevistas, cinco pessoas disseram que um cristão não pode ser de esquerda. Uma sexta pessoa disse que um cristão poderia ser de esquerda, mas à medida que buscasse mais conhecimento, seria natural não concordar com essa ideologia. Observei ainda que dos oito entrevistados homens, nenhum votou no PT nas duas últimas eleições. Seis deles votaram no PT

em 2010 e 2014 e mudaram seu voto a partir de 2018. No caso das mulheres, a opinião já foi dividida. Das 10 entrevistadas, 4 sempre votaram no PT, 3 nunca votaram no PT, duas deixaram de votar no PT a partir de 2018 e uma começou a votar em 2020, e não votou no PT em 2022.

3.3.3 Do aspecto econômico

Quanto às questões econômicas, este tópico acabou por ser surpreendentemente o mais expressivo da análise de conteúdo.

A maior parte dos entrevistados afirmou que os governos de esquerda se preocupam mais em resolver os problemas decorrentes da desigualdade social. Até mesmo os que votaram em Bolsonaro em 2018 e 2022 como a entrevistada Joana, reconheceram que “os governos de esquerda são os que combatem a pobreza e a desigualdade” (Joana, 21 jan. 2024).

Vejamos também a fala desse interlocutor: “não sei dizer ao certo, mas acho que o Lula fez mais pelo social, enquanto o Bolsonaro ficou no ‘meio’, fez pelo povo, mas também fez pelos mais ricos” (Lucas, 07 maio 2024). Lucas afirmou ter votado duas vezes em Dilma e duas vezes em Bolsonaro, indicando, como em muitos casos, uma flutuação do voto evangélico. Outra eleitora, que afirmou sempre votar no PT, disse:

Não acredito se o que dizem sobre ajuda aos pobres de fato ajuda mesmo, pois os ricos também são muito beneficiados em qualquer governo. Os governos de esquerda procuram fazer mais pelos pobres, mas eles encontram “a casa muito desarrumada”, não conseguem fazer muita coisa (Ester, 08 mar. 2024).

Assim como Ester, outras eleitoras de esquerda como Aline e Cátia concordaram que os governos petistas tentaram fazer mais para combater a pobreza. Aline disse: “penso que os governos do Lula e da Dilma (de esquerda) foram mais eficazes no combate à pobreza” (Aline, 21 jan. 2024). Cátia disse: “os governos de esquerda buscaram combater a miséria e a fome” (Cátia, 21 jan. 2024).

Indagada sobre qual tema é mais importante para ela na hora de decidir seu voto para presidente, se família e costumes ou economia e renda, Cátia disse que: “os dois juntos, mas eu olho mais pra área social, porque família você constrói a sua.

Não adianta alguém falar o que você deve fazer com relação à sua família” (Cátia, 21 jan. 2024).

O entrevistado Ronald, que votou em Dilma em 2014 e em Bolsonaro em 2018 e 2022, ao ser perguntado sobre a atuação dos governos de esquerda e de direita nesse assunto afirmou que:

Só Deus mesmo. Ninguém combate a pobreza. Ninguém tem interesse de mudar a situação do pobre.
O Lula fez alguma coisa, mas fez com o interesse de reeleger.
O Bolsonaro não fez nada, ele é um recalcado, insubmisso, analfabeto, canalha, não tem amigos.
Tem que concordar com tudo que ele fala, do contrário a pessoa não presta (Ronald, 18 nov. 2024).

O interrogado João teve uma resposta bem assertiva sobre direita e esquerda nesse campo econômico, eu diria até menos favorável à direita:

Os governos de esquerda têm bons programas de distribuição de renda, infelizmente entra a corrupção. Querem se perpetuar no poder. Oferecem às pessoas apenas um paliativo. Não oferecem verdadeiras oportunidades, apenas uma ‘boa esmola’. A direita é muito capitalista, seus programas de governo excluem e são exclusivistas. Esquecem quem está abaixo da linha da pobreza. Seria bom se juntassem as duas ideias (João, 19 maio 2024).

Para ele, o capitalismo prezado pela direita é muito cruel e agressivo. Para ele, nesse aspecto a esquerda tem um ponto positivo, pois traz para o debate público a necessidade de se combater as desigualdades, o que reforça a percepção de que as igrejas devem estar próximas dos mais pobres e vulneráveis, atentas às necessidades e exercendo um papel de assistência e cuidado (REIS, 2021, p. 406). Indagado sobre sua fala quanto à direita e os seus votos em 2018 e 2022, respondeu que se desapontou com a esquerda por causa da corrupção e que resolveu apostar da direita:

Votei em Lula e Dilma. As propostas deles na teoria eram excelentes, porém na prática não funcionaram devido à corrupção. Os políticos embolsam dinheiro público. Achei que a esquerda não estava dando tão certo, e pensei que talvez as propostas da direita funcionariam um pouco mais. Achei que o governo Bolsonaro apresentou mais propostas do que a esquerda. (João, 19 maio 2024).

Já a entrevistada Judith, eleitora de Bolsonaro, acredita que ele tentou adotar medidas para melhorar a vida dos mais pobres, mas não conseguiu. E ainda, pensa que os governos petistas na verdade fizeram uma “maquiagem” na sociedade:

Todos eles fizeram tão pouco pelos pobres. O Bolsonaro tentou. Não conseguiu, mas pelo menos tentou, os outros tentaram bem pouco. O Fernando Henrique “meu Deus”. Nos 8 anos do Lula parecia que estava sobre controle, mas hoje vejo que foi um pouco de maquiagem. Carregamos problemas até hoje. Acho que ninguém fez, só tentaram. O Bolsonaro tentou, mas não conseguiu. Temos que escolher melhor os candidatos, mas está tão difícil. (Judith, 07 jun. 2024).

Vicente em sua entrevista teve a mesma percepção dos governos petistas com relação à aparente melhora na economia. Também usou o termo “maquiagem” para definir a situação econômica. Ele votou no PT até 2014. Não votou em 2018 e em 2022 votou em Bolsonaro.

É complexo. Na época do Lula, nos anos dele, teve desenvolvimento sim, mas no macro parece que não durou grande coisa, parece que foi uma maquiagem, tanto de um lado quanto de outro. Não consigo ver melhora nesse sentido. Quanto mais o tempo passa, vai piorando algumas situações. Não consigo ver grandes melhoras, nem da esquerda nem da direita. (Vicente, 20 jul. 2024).

Em suas respostas Caio também entende que não há diferença na postura dos governos de direita e esquerda com relação ao combate à pobreza.

Ambos fazem, fizeram, só que um sempre faz mais do que o outro. Dizem que o Lula fez mais, mas o Bolsonaro também fez, sendo que ambos fizeram. Só que uma faz mais propaganda de que faz para os mais pobres. O governo Lula faz mais propaganda de que fez coisas em favor dos mais pobres. Mas para mim, ambos fizeram na mesma medida. (Caio, 25 jun. 2024).

Chamou a atenção durante as conversas o fato de que, em três ocasiões, os entrevistados afirmaram que a melhoria econômica nos primeiros anos do PT não foi tão relevante assim. Judith, Vicente e Caio afirmaram, respectivamente, que “foi tudo uma maquiagem”, “mas teve muita maquiagem” e “só que o Lula fez mais propaganda disso”. Os dois últimos afirmaram, em tom de decepção, ter votado no PT até 2014.

Dados do Produto Interno Bruto (PIB) mostram que no governo Dilma houve um declínio no crescimento real do salário-mínimo, o chamado poder de compra do salário, assim como o aumento do desemprego.

Nos oito anos do governo FHC, o valor do salário-mínimo cresceu, em termos reais (já descontada a inflação), 5,3% por ano. Nos anos Lula, 9% ao ano. E, sob Dilma, até janeiro de 2016, 3,2% ao ano. (...) O crescimento do PIB nos anos FHC foi de, em média, 2,5% ao ano. Nos anos Lula, o país cresceu em média 4,1% ao ano. O balanço geral do período do PT no governo federal é de alta de 2,9% do PIB por ano — número puxado para baixo devido à

recessão de 2015, de 3,8% do PIB. (Nexo Jornal, acesso em 08-10-2024). (...) A taxa hoje utilizada pelo governo é estimada pela PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) Contínua, que começou a ser realizada no início de 2012 e tem abrangência nacional. (...) A PNAD retrata com mais precisão a deterioração do mercado de trabalho após a reeleição de Dilma. A taxa passou de 6,5% em dezembro de 2014 para 11,2% em abril deste ano (Nexo Jornal, 2016).³⁵

Os indicadores econômicos acima mencionados corroboram as afirmativas dos entrevistados sobre a percepção de que o crescimento do país nos governos do PT não se sustentou. Na visão deles, as propostas dos governos petistas eram muito boas, mas não funcionaram, conforme trecho da entrevista que segue: “as propostas deles na teoria eram excelentes, porém na prática não funcionaram devido à corrupção...” (João, 19 maio 2024).

O seguinte trecho de um artigo sobre o aspecto econômico no governo Dilma vai ao encontro das falas dos entrevistados nesse assunto.

Constata-se assim que a avaliação da economia que não explicou o voto na reeleição da Presidente elucidou a perda de adesão a ela em seu segundo mandato. Tal resultado é esperado quando se utiliza o modelo oportunista, que descreve o momento pós-eleitoral marcado por recessão, desemprego e inflação. O impacto dessa realidade no dia a dia dos eleitores despertou a insatisfação e eles responsabilizaram a Presidente Dilma pelo desempenho da economia. Surge daí a pré-disposição para penalizá-la. Esse comportamento é previsto pela teoria do voto econômico.” (...) A insatisfação com o governo foi canalizada para movimentos de rua, que serviram para encorajar a ação parlamentar pró-impedimento (Dutt-Ross; Martins; Veiga, 2019, p. 19).

O entrevistado Ronald, indagado sobre o que considerava mais importante na hora de votar para presidente, se o combate à pobreza ou costumes disse que:

Eu não vejo isso, eu vejo quem promete menos e quem eu acho que mente menos. Nenhum deles vai poder melhorar a vida das pessoas e também ninguém vai mudar nada em questões morais e de família, não tem como mexer nisso (Ronald, 18 nov. 24).

A entrevistada Ana, que votou em Bolsonaro em 2018 e 2022, perguntada sobre o que seria mais importante para ela na hora de votar para presidente, se o combate à pobreza ou se temas como família e costumes, novamente inseriu diversos

³⁵ 10 Índices econômicos e sociais nos 13 anos de governo PT no Brasil. **Nexo Jornal**. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/especial/2016/09/02/10-indices-economicos-e-sociais-nos-13-anos-de-governo-pt-no-brasil>. Acesso em: 08 out. 2024.

conceitos em sua resposta. Ela respondeu falando de família, economia, evangelho, caráter e militares. Afirmou que:

Família, família é a base de tudo, tem que ter foco na família, um candidato não pode deixar de falar nesse assunto.
 Quem a Sra. acha que fez mais pelos pobres, Lula, Dilma, Temer ou Bolsonaro?
 Lula.
 Se o Lula vier candidato de novo, a Sra. votaria nele?
 Votaria sim. No Bolsonaro só se Deus mandasse!
 O Bolsonaro precisava ser mais humilde, precisava falar melhor, ele não sabia nem falar, precisava levar Deus pra dentro do Planalto. Ele falava muito “e conhecerei a verdade e a verdade vos libertará”, simpatizava com Deus, mas não tinha isso dentro dele, não transparecia isso. O Bolsonaro, falava que ia arrasar com todo mundo, tinha que ter uma fala mais branda. Os militares que estavam com ele foram envergonhados.
 Quem fez mais pelos pobres, o Lula ou a Dilma?
 A Dilma empinou o nariz, foi ruim para o povo. Precisa dar trigo para as pessoas, sustento, dar oportunidade (Ana, 09 dez. 2024).

Sobre as políticas de combate à pobreza e desigualdade pelos governos de esquerda e direita, Ana disse que “o Bolsonaro não olhou para os mais pobres, o governo dele deu errado. Hoje o Lula está melhor que o Bolsonaro e melhor do que no primeiro mandato dele (Lula)”.

Já o entrevistado José afirmou que nem Lula nem Bolsonaro tomaram alguma medida pelos mais pobres: “A esquerda fala muito em fazer para os pobres, mas não faz. Bolsonaro fez pouco. Eu acho que o FHC fez mais pelos pobres”. Para ele, o mais importante na hora de decidir seu voto são as propostas sobre combate à pobreza e desigualdade. Afirmou ainda que: “Eu acho que a melhor época foi a do FHC. O Lula agora no terceiro mandato está fazendo mais pelos pobres do que nos anteriores. Na época da Dilma eu não vi melhora. Temer e Bolsonaro fizeram muito pouco” (José, 13 dez. 2024).

Sobre esse mesmo tema, a entrevistada Aline, que sempre votou no PT, disse que “os governos do Lula e da Dilma foram os mais eficazes no combate à pobreza” e que apesar de prezar pela família, na hora de votar para presidente analisa propostas sobre direitos sociais e renda: “família é importante, mas também penso na realidade atual; eu vou votar em alguém que pensa de acordo com o que eu penso” (Aline, 21 jan. 2024).

O entrevistado Lucas, ao ser indagado sobre família ou renda nas propostas dos candidatos, disse que observa os dois lados, mas que apesar de ver a esquerda mais associada aos costumes, vê ideologias dos dois lados:

Ambos são importantes. Nos costumes, surgem certas ideologias que eles querem impor aos cidadãos. Eu vejo a esquerda mais associada aos costumes do que a direita, mas também tem pessoas de direita a favor do casamento gay, por exemplo, enquanto tem pessoas de esquerda que não apoiam o casamento gay (Lucas, 07 maio 2024).

A entrevistada Catarina ao ser indagada sobre quais governos combatiam mais a pobreza, disse o país está na mesma condição há muitos anos e que o Bolsonaro foi quem fez mais pelos pobres. Mesmo assim, não votaria na esquerda, ainda que a economia melhorasse, por entender que esquerda é uma ideologia muito agressiva para a fé cristã:

Como você acha que políticos e governos de esquerda e de direita lidam com questões como o combate à pobreza e à desigualdade social?

Eu acho que independente dos governos, o Brasil nunca saiu do lugar. As coisas estão sempre como estão. É mais do mesmo. Eu acho que o Bolsonaro foi quem fez mais pelos mais pobres.

(...)

Como você acha que está a nossa condição de vida, o poder de compra do nosso salário, está melhor ou pior. Vê diferença entre os governos Temer, Bolsonaro e Lula?

Eu acho que hoje a nossa condição está pior.

(...)

Deixa-me voltar na questão da economia. Se nos próximos dois anos o nosso país melhorar e as políticas do Lula forem bem-sucedidas, você votaria nele? Não votaria, mesmo que a economia melhorasse.

Por quê?

Porque ele representa algo que vai contra minha fé.

Você não votaria na esquerda mesmo se ela tivesse boas propostas e estivesse dando bons resultados na economia? E por outro lado se na direita não tiver boas propostas, ainda assim você votaria na direita?

Sim. Eu vejo pessoas de esquerda dizendo que ser cristão é ultrapassado, cafona e até que um cristão tem que morrer, que é uma raça maldita. Não tenho como votar na esquerda.

Onde você passou por essas situações? Quem falou essas coisas?

Eu vi pessoas famosas em vídeos, não me lembro quais, mas falavam isso. Também ouvi coisas semelhantes na escola, não tão agressivas, mas contrária aos cristãos (Catarina, 20 dez. 2024).

A entrevistada Cláudia pensa que hoje nossa situação econômica está pior. Indagada sobre quem combate a pobreza, disse que apenas o Bolsonaro o fez: “Eu não acho que nenhum presidente fez algo pelos mais pobres, exceto o Bolsonaro que foi o que mais combateu a pobreza. Hoje em dia está tudo caro.” Indagada sobre se

o atual governo Lula estaria melhor que os dois primeiros, disse: “Não, acho que este está pior” (Cláudia, 27 dez 2024).

Quando eu pretendia voltar ao tema da economia, a entrevista foi abruptamente interrompida por um obreiro todo vestido de branco, era uma sexta-feira, que perguntou se eu estava vendendo seguros. Eu disse que estava conversando com a senhora e ele me indagou novamente do que se tratava. Eu disse que era uma entrevista. “De que?”, ele perguntou. Eu falei que era universitário e ele disse que não poderia estar fazendo aquilo ali. Como a entrevista foi feita em um pátio, que fica entre o portão e a escadaria de acesso ao templo, dentro da propriedade da igreja, tive que encerrar e ir embora.

Sobre o mesmo tema, o entrevistado João respondeu que:

Os governos de esquerda têm bons programas de distribuição de renda, infelizmente entra a corrupção. Querem se perpetuar no poder. Oferecem às pessoas apenas um paliativo. Não oferecem verdadeiras oportunidades, apenas uma “boa esmola”.

A direita é muito capitalista, seus programas de governo excluem e são exclusivistas. Esquecem quem está abaixo da linha da pobreza. Seria bom se juntassem as duas ideias.

Você falou sobre as coisas boas da esquerda e que a direita capitalista é muito excludente, mas você votou no Bolsonaro que é de direita, como explica isso?

Votei em Lula e Dilma. As propostas deles na teoria eram excelentes, porém na prática não funcionaram devido à corrupção. Os políticos embolsam dinheiro público. Achei que a esquerda não estava dando tão certo, e pensei que talvez as propostas da direita funcionariam um pouco mais.

Achei que o governo Bolsonaro apresentou mais propostas do que a esquerda (João, 19 maio 2025).

Seguindo nessa discussão sobre percepção da economia, Vitória, a última entrevistada que votou em Dilma em 2014 e depois em Bolsonaro, apontou que seu descontentamento com os governos petistas se deu por conta da corrupção, da economia e devido a queda do poder de compra dos salários. Sua fala chama atenção para a percepção de estagnação. Segundo ela, o país não melhorou, “está tudo como está” e “hoje nossa vida é pior. Naquela época (2003-2010) teve um pouco de melhora, mas não foi pra frente” (Vitória, 06 jan. 2025). Disse ainda:

Eu acho que a esquerda não fez pelos mais pobres, o Bolsonaro fez.

O que ele fez? O auxílio emergencial que era de 600,00, hoje é de 300,00, foi o Lula que baixou.³⁶

O Lula está aumentando as taxas. Isso não é bom.

(...)

A senhora acha que as medidas adotadas pelo atual governo têm tido resultado para a população?

Não, tudo continua como está, o preço das coisas não para de subir (Vitória, 06 jan. 2025).

Ao idealizar esta pesquisa, pensei que o aspecto moral e temas como família e costumes fossem os mais relevantes para os evangélicos na distinção direita/esquerda. Espantosamente, economia, renda e pobreza foram os que mais desencadearam as respostas dos entrevistados, fornecendo relevante material empírico em 2/3 das entrevistas.

Como já ressaltado acima, a redemocratização e o maior acesso aos bens de consumo proporcionaram aos evangélicos a inserção em nichos que antes não poderiam acessar. Estudo sobre as eleições de 2010 atestou que foi a percepção de mobilidade social ascendente que beneficiou Dilma naquele ano (Rennó; Peixoto, 2011). Os efeitos dessa mobilidade, apesar da mudança no cenário econômico, a beneficiaram em 2014, embora com uma diferença menor de votos.

Com a crise econômica, alta do índice de desemprego e inflação, o consumo das classes mais baixas foi profundamente afetado. Além de não haver uma mobilidade ascendente, houve um declínio do padrão de vida. Ademais, as diversas investigações sobre corrupção criaram um clima de desencantamento com relação ao aperfeiçoamento da máquina pública. Isso foi manifestado nas entrevistas: “Na época do Lula, nos anos dele, teve desenvolvimento sim, mas no macro parece que não durou grande coisa, parece que foi uma maquiagem, tanto de um lado quanto de outro. Não consigo ver melhora nesse sentido” (Vicente, 20 jul. 2024); “Dizem que o Lula fez

³⁶ O auxílio emergencial foi criado pela lei 13.982/2020 como medida excepcional de proteção social para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus e vigorou nos anos de 2020 e 2021.

Inicialmente no valor de R\$ 600,00, o auxílio foi reduzido posteriormente para R\$ 300,00 e depois para R\$ 250,00. O governo Bolsonaro por meio da lei 14.284/2021 instituiu os programas Auxílio Brasil e Alimenta Brasil em substituição aos programas Bolsa Família e Aquisição de Alimentos e como etapa do processo gradual e progressivo de implementação da universalização da renda básica de cidadania.

Em 2023, já no governo Lula, a lei 14.401/2023 reinstituiu o Programa Bolsa Família mantendo a proposta de um processo gradual e progressivo de implementação da universalização da renda básica de cidadania. O valor é de R\$ 600,00 acrescido de parcelas provisórias de R\$ 150,00 e R\$ 50,00 a título de Benefício Primeira Infância e Benefício Variável Familiar, respectivamente. **Planalto**. Legislação disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Lei/L13982.htm

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14284.htm

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14601.htm

Acesso em: 06 jan. 2025.

mais, mas o Bolsonaro também fez, sendo que ambos fizeram. Só que um faz mais propaganda de que faz para os mais pobres. O governo Lula faz mais propaganda de que fez coisas em favor dos mais pobres” (Caio, 25 jun. 2024). Vejamos a fala do entrevistado João.

Como você acha que políticos e governos de esquerda e de direita lidam com questões como o combate à pobreza e à desigualdade social?

Os governos de esquerda têm bons programas de distribuição de renda, infelizmente entra a corrupção. Querem se perpetuar no poder. Oferecem às pessoas apenas um paliativo. Não oferecem verdadeiras oportunidades, apenas uma “boa esmola”. A direita é muito capitalista, seus programas de governo excluem e são exclusivistas. Esquecem quem está abaixo da linha da pobreza. Seria bom se juntassem as duas ideias.

Você falou sobre as coisas boas da esquerda e que a direita capitalista e muito excludente, mas você votou no Bolsonaro que é de direita, como explica isso?

Votei em Lula e Dilma. As propostas deles na teoria eram excelentes, porém na prática não funcionaram devido à corrupção. Os políticos embolsam dinheiro público. Achei que a esquerda não estava dando tão certo, e pensei que talvez as propostas da direita funcionariam um pouco mais. Achei que o governo Bolsonaro apresentou mais propostas do que a esquerda (João, 19 maio 2024).

Essa insegurança com relação à própria sobrevivência, um cenário prolongado de recessão econômica, após uma pequena melhora na condição de vida, gera uma mágoa e um anseio por mudanças.

É, nesse sentido, que o “ressentimento”, o “medo” e “desamparo” estão relacionados aos afetos morais que, atravessados pelo antagonismo mundo-igreja, mobilizam setores conservadores através de discursos morais – sendo traduzidos pelas disputas em torno de moralidades como a preservação da família diante das ameaças “mundanas”, típicas do universo religioso evangélico (Gracino; Goulart; Frias, 2021, p. 571).

Finalizo esta subseção com trecho do interessante artigo “O direito de brilhar: pobreza, consumo e (des)politização do neoliberalismo Brasil”, que tratou sobre consumo, política e pobreza no Brasil, mostrando o quão relevante foi para os mais pobres, e sabemos que os evangélicos ocupam esses estratos mais baixos da sociedade, o empoderamento através do consumo.

Betinho told us that it was important to wear branded items in order to not be confused with a ‘bandit’. This was a point stated by many of the boys we interviewed. They all stressed that they need to wear ‘good stuff’ when entering shopping malls. As Roberto said, ‘these clothes are important to go

to the mall, so the guards will not stop me' (Pinheiro-Machado; Scalco, 2022, p. 323)³⁷.

3.3.4 Do aspecto moral

Com relação às questões morais que tangenciam a relação dos eleitores com a direita e a esquerda, optei por inserir no roteiro semiestruturado quatro perguntas sobre os seguintes temas: aborto, racismo, violência contra a mulher e homofobia.

Quanto aos assuntos racismo e violência contra a mulher, os entrevistados de uma maneira geral disseram que a igreja se posiciona de forma contrária, mas que não chega ser um discurso específico sobre o tema, é um discurso genérico. “Não deve existir a violência contra nenhuma pessoa, não só a mulher” e “o preconceito é inadmissível entre cristãos, qualquer preconceito, inclusive o racial”.

Já os temas aborto e homofobia se mostraram mais espinhosos. Alguns entrevistados acreditam que o aborto deve ser proibido em qualquer situação. Sobre os homossexuais, apesar de entender que a homofobia é algo grave, entendem que os homossexuais ao serem discriminados acabam “pagando o preço” por suas escolhas. A dificuldade com esses temas, reflete a postura das lideranças evangélicas, parlamentares e religiosas, conforme podemos verificar na pesquisa sobre medos sociais e extremismo religioso (Vital da Cunha; Lopes; Lui, 2017, p. 111). Há nos discursos desses líderes uma postura radical contra o aborto, inclusive há projetos de lei propostos por deputados evangélicos para restringir ainda mais as possibilidades de aborto legal³⁸.

Começando pelos temas da violência contra a mulher e racismo, a entrevistada Maria disse que a igreja “não fala tanto como deveria” quando o tema é a violência contra a mulher, e sobre o racismo, afirmou que a igreja “não se posiciona contra o racismo” (Maria, 24 nov. 2023).

A entrevistada Cátia disse que a posição da igreja é errada no tema da violência contra a mulher pois não se incentiva a denunciar os atos de violência: “Se posiciona de forma equivocada, porque mandam a mulher orar quando apanha.” Já a

³⁷ Betinho nos disse que era importante usar itens de marca para não ser confundido com um “bandido”. Esse foi um ponto declarado por muitos dos meninos que entrevistamos. Todos eles enfatizaram que precisam usar “coisas boas” ao entrar em shoppings. Como Roberto disse, “essas roupas são importantes para ir ao shopping, então os guardas não vão me parar” (Tradução do autor).

³⁸ Novos projetos de lei sobre aborto visam tornar a legislação mais rígida. **Câmara dos Deputados**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/1085816-NOVOS-PROJETOS-DE-LEI-SOBRE-ABORTO-VISAM-TORNAR-LEGISLACAO-MAIS-RIGIDA>. Acesso em: 01 nov. 2024.

entrevistada Judith da igreja de Mesquita disse exatamente o contrário: “A Universal orienta a denunciar e procurar ajuda”.

O entrevistado Vicente disse que, sobre a violência contra a mulher, a igreja: “Não [fala] especificamente. Fala contra qualquer tipo de violência. Sempre que o assunto surge é por conta de testemunhos sobre o tema”. Sobre o tema racismo, disse que a igreja: “Faz abordagens [sobre o tema], mas não diretamente, sem pauta. Só quando o assunto surge. Fala de amar ao próximo. Isso inclui tudo, ser contra qualquer preconceito”.

Nas palavras de Lucas: “A igreja prega o amor de Cristo, de uma forma geral, a todos os seres humanos, então nesse sentido sim, mas sem ser muito específica nessa questão”. João disse que: “Na universal sempre ouvi falar que o racismo não era aceitável”.

A entrevistada Aline fez uma colocação interessante. Para ela, o racismo não se manifesta tanto nas igrejas locais da IURD, mas nos programas de TV da própria igreja: “Muitas vezes a igreja é até mais racista. Na Universal eu vejo pastores negros, mas nos programas de TV dela, só colocam pastores brancos.”

A entrevistada Ana sobre esses temas, respondeu que:

Não, a igreja não se posiciona, manda orar. Mas tem mulher que é causadora, bota um short curto, rebola e o homem não pode olhar. As vezes a mulher trabalha e tem uma posição financeira superior à do marido, aí ela quer levar essa hierarquia pra dentro de casa. Não pode, em casa ela não manda como manda no trabalho.

(...)

Racismo é falta de amor. A igreja não fala sobre isso. Eu vejo muitos pastores negros na Universal, mas nos programas (evangélicos) de TV da Universal ou dos outros canais não vejo pastores negros (Ana, 09 dez. 2024).

A fala da entrevistada sobre a hierarquia dentro do casamento chama atenção para um aspecto da questão de gênero, que é o empoderamento feminino. Diante de um episódio de violência ou uma crise conjugal séria, uma mulher com independência financeira não precisa se sujeitar ao parceiro, ficando livre para uma possível separação. Ocorre que a visão cristã é uma visão de reconciliação, de não se permitir facilmente o fim do casamento e a IURD adota uma postura que busca tornar mais dócil o marido convertido.

Se na lógica das mulheres com maior escolaridade a solução para questões como violência doméstica é a separação do casal, o caminho de

empoderamento das mulheres da Universal passa por uma defesa da reeducação e de uma redomesticação do homem evangélico, para fortalecer as bases de uma família heterossexual saudável” (Spyer, 2020, p. 127).

O autor nos explica que o cristianismo evangélico, ao contrário de subjugar a mulher a uma postura servil, na verdade a empodera não só dentro da casa, mas também financeiramente, na vida profissional, como pregadora do evangelho e até como militante política.

Em resumo, a adoção do cristianismo evangélico geralmente amplia a esfera de atuação da mulher para além da vida doméstica e da responsabilidade de criar os filhos para incluir também trabalho formal e atuação em espaços públicos. O trabalho formal oferece o tipo de segurança financeira que tradicionalmente dependia da presença do parceiro (Spyer, 2020, p. 130).

Com relação à homofobia, todos os entrevistados disseram que o preconceito e a discriminação são errados. Na visão deles, os homossexuais são bem recebidos e acolhidos nas igrejas, com exceção de duas opiniões. Transcrevi três falas que afirmam que há acolhimento nas igrejas e as duas entrevistas que disseram o contrário.

“Pelo que vejo na igreja eles são bem recebidos. Homossexuais e drogados são acolhidos. Homofobia eu não vejo na igreja. Eles acolhem bem, mas não passam a mão na cabeça” (Judith, 07 jun. 2024).

“São bem tratados. Na minha igreja tem membros que são homossexuais. Não deveriam ser maltratados, pois são seres humanos” (Ester, 08 mar. 2024).

“Sim, são bem tratados. A homofobia é algo errado, não se deve tratar mal” (José, 13 dez. 2024).

“Não são bem tratados na igreja. Tenho um filho homossexual e ele sofre muitas discriminações da parte de pessoas cristãs” (Maria, 24 nov. 2023).

“A igreja fecha os olhos para os homossexuais, não há acolhimento” (Cátia, 21 jan. 2024).

Para a entrevistada Cláudia, que afirmou nunca ter votado no PT, um partido defender bandeiras de orientação sexual é um aspecto que lhe desagrada bastante.

Nunca votei no PT. Não concordo com as atitudes dele.
Como assim?
Aquele questão da educação nas escolas, a Dilma ia deixar passar. Não posso concordar com isso.
(Cláudia, 27, dez. 2024).

A fala refere-se ao projeto Escola sem Homofobia do governo federal que, após ser retratado como “kit-gay”, acabou não sendo colocado em prática³⁹.

A entrevistada Ana também tocou num ponto interessante sobre esse assunto. Indagada, respondeu que:

São acolhidos sim, o preconceito é errado. Mas não concordo com as pessoas quererem reescrever a Bíblia para justificar a homossexualidade. O amor de Davi e Jonatas (personagens do Antigo Testamento) era um amor de irmãos, de amigos. Não pode pegar isso e dizer que eles eram gays, isso é um exagero, um desrespeito com a Bíblia (Ana, 09 dez. 2024).

O discurso da entrevistada deixa claro que, para um cristão, interpretar trechos bíblicos da forma como ela afirmou que já viu acontecer, é algo que desagrade os evangélicos e os afasta do debate público, o que pode levá-los a se aproximarem mais ainda de ideias e candidatos conservadores. De modo geral, a IURD, como a maioria das igrejas, encara a homossexualidade como algo incompatível com os ensinamentos bíblicos.

Sobre o tema aborto, no geral os entrevistados concordaram com o formato da legislação atual, que permite o aborto em caso de estupro, risco de vida para a mãe e, por decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), em casos de fetos anencéfalos. Duas entrevistadas disseram que não deveria ser permitido em nenhum caso. Vejamos:

“Não deveria ser permitido em nenhuma hipótese” (Joana, 21 jan. 2024).

“Em caso de risco para a mãe eu acho que a mãe deve dar a vida pelo filho, mesmo que seja pela vida dela, não abortar. Não sou a favor do aborto em hipótese alguma” (Judith, 07 jun. 2024).

Respostas interessantes vieram de dois homens eleitores do Bolsonaro. João disse o seguinte:

Na universal sempre se falava contra o aborto, que até mesmo em caso de estupro a gestação deveria prosseguir. Eu pensava da mesma forma, mas agora, na nova igreja, penso diferente. Em caso de estupro a escolha deve ser da mulher, porque devido ao trauma, a mulher pode não querer a gravidez e ser obrigada a manter a gestação após um trauma desses, pode não ser uma coisa boa para a mulher e nem para a criança (João, 19 maio 2024).

³⁹ Facebook e YouTube têm 48h para retirar do ar vídeos com inverdades sobre livro de educação sexual. TSE. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/facebook-e-youtube-tem-48-horas-para-retirar-do-ar-videos-com-inverdades-sobre-livro-de-educacao-sexual> Acesso em 15 fev. 2025.

João foi um entrevistado que falou com base no período de 23 anos em que foi membro da IURD. Disse que com o passar dos anos, percebeu que não queria ficar mais naquela igreja, e hoje, na Igreja Adventista do Sétimo Dia, sua opinião sobre o aborto não é mais tão radical.

A opinião de Caio, eleitor de Bolsonaro, também destoa dos eleitores identificados com a direita, pois se diz a favor do aborto não apenas em caso de estupro, mas também em casos de extrema pobreza ou de moradores de rua.

Sou a favor, mas depende. Se for decorrente de estupro ou em caso de extrema pobreza, sim. Se a pessoa não tiver condições de criar, de colocar uma pessoa no mundo. Se não vai ficar passando fome, vai ficar largado na rua. Por isso tem muitas crianças que nascem e viram bandidos. Pessoas em situação de rua deveriam ter acesso ao aborto, se não a criança vai nascer na rua. Vai morar, vai crescer vai virar pivete. Nesse caso sim. Eu acho que o acesso ao aborto tinha que ser ampliado no caso que eu falei aqui (Caio, 25 jun. 2024).

Uma das entrevistas ressaltou a questão do descaso com as crianças que vieram ao mundo: “pelo lado espiritual, sou contra o aborto, mas penso que as vezes é melhor uma criança não nascer do que ser abandonada. Sobre a legislação atual do aborto, eu concordo como está” (Cátia, 21 jan. 2024).

O entrevistado Ronald, ao responder sobre o aborto, disse: “sou contra o aborto, entendo que pode apenas nos casos previstos em lei. “Abortar porque não queria engravidar é um assassinato, a vida começa na concepção” (Ronald, 18 nov. 2024).

A entrevistada Catarina afirmou que a IURD se posiciona contra o aborto e afirmou considerar a legislação atual como adequada, não devendo o acesso ao aborto ser ampliado nem restringido. “Eu penso que a legislação atual é suficiente. Em caso de violência ou risco de vida pra mãe, deve ser permitido o aborto, fora desses casos não” (Catarina, 20 dez. 2024).

Embora atualmente tenha havido uma mudança no discurso, a IURD sempre defendeu muito o planejamento familiar, e nesse contexto não estava excluída uma perspectiva de descriminalização do aborto. Isso constou na tese da professora Edilaine Gomes, desta universidade.

A busca pela “vida em abundância”, individual e familiar, é condição necessária à edificação da fé, assim como a transmissão desses valores. Ao questionar os aspectos socioeconômicos, religiosos e emocionais inscritos no

debate sobre o aborto, Edir Macedo e outras lideranças da igreja utilizam categorias constitutivas da cosmovisão iurdiana, o que marca a distinção desta igreja no campo religioso, inclusive entre as neopentecostais. Nesta perspectiva, a efetividade do planejamento familiar e a descriminalização do aborto estão em consonância com a boa conformação da “família de Deus” concebida pela IURD (Gomes, 2009, p. 117).

Finalizo este capítulo com o trecho de uma conversa que retrata uma percepção dos evangélicos sobre a esquerda e o PT. A entrevistada Vitória afirmou que um dos motivos de ter se decepcionado com governos petistas (ela votou na Dilma em 2010 e 2014 e em Bolsonaro em 2018 e 2022) foi por conta das questões morais.

Eu já votei no Lula, eu acreditava neles, mas não acredito mais por conta do que eles fizeram.
 Como assim?
Por causa das coisas erradas que eles fizeram na política, corrupção, apoiando aborto e muitas coisas.
 (...)

 Se a nossa economia melhorasse, nosso salário nossa renda, a Sra. voltaria a votar no PT?
 Não, não voto mais, me decepcionei. O Lula mudou, ele não era assim.
 Como assim?
 Ele antigamente não trazia essas propostas que depois ele passou a trazer.
 O que pensa sobre os termos “esquerda” e “direita”?
 Eu sou de direita, eu vejo a direita como aquilo que é certo.
 A esquerda tem essas propostas ruins para a família, a Anitta e aquelas músicas horríveis dela (Vitória, 06 jan. 2025).

A fala da entrevistada refere-se ao fato de que Lula e o PT, assim como outros partidos de esquerda, não defendem mais apenas direitos sociais ou trabalhistas, mas aproximaram-se de temas comportamentais elencados no início desta secção. Em resumo, as opiniões deles se alinham com a postura conservadora das lideranças evangélicas.

É importante lembrar da proposta do governo federal sobre o 3º Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH3)⁴⁰, lançado em 2009 no segundo mandato de Lula, que previa, dentre outros assuntos, a descriminalização do aborto. Este e outros pontos do projeto geraram forte reação da sociedade, o que levou o governo a recuar em

⁴⁰ DECRETO Nº 7.037. Aprova o Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH-3 e dá outras providências. **Planalto.** 21 dez. 2009. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm Acesso em 18 fev. 2025.

2010. Uma das entrevistas já citadas deixou bem claro que a população percebeu essa mudança no discurso do petista. A eleitora abaixo votou em Dilma em 2010 e 2014 e em Bolsonaro em 2018 e 2022, deixou bem claro que a população percebeu essa mudança no discurso do PT.

Eu já votei no Lula, eu acreditava neles, mas não acredito mais por conta do que eles fizeram.

Como assim?

Por causa das coisas erradas que eles fizeram na política, corrupção, apoiando aborto e muitas coisas (Vitória, 06 jan. 2025).

Outras falas sobre o aborto transpareceram nas entrevistas.

Acho um crime. A igreja combate muito. Mesmo em caso de estupro eu acho difícil porque é uma vida e Deus sabe de todas as coisas, não deveria abortar. Em caso de risco para a mãe eu acho que a mãe deve dar a vida pelo filho, mesmo que seja pela vida dela, não abortar. Não sou a favor do aborto em hipótese alguma (Judith, 07 jun. 2024).

Aborto para mim é uma forma de assassinato, tem situações e situações, mas para mim é assassinato.

Em caso de estupro, eu acho que deveria tomar as providências nos primeiros dias, na primeira semana, no máximo até o primeiro mês. Existem métodos contraceptivos, e se acontecer a gestação a pílula do dia seguinte. Se já estiver formado, lá pelo quarto ou quinto mês não deveria tirar (Vicente, 20 jul. 2024).

À medida que a população percebia o avanço dessa agenda, crescia a reprovação ao governo Dilma. Além disso, as investigações por corrupção realizadas pela operação Lava-Jato, iniciada em 2014, principalmente na Petrobrás, foram muito exploradas pela imprensa e pelos políticos de oposição da época, gerando uma descrença nos eleitores petistas com relação ao discurso de ética do PT.

Até 2014 eu considerava o PT um bom governo, mas a gente nunca sabe dos podres que tem por detrás. Veio depois em 2015 a lava-jato. Apareceram muitas falcatruas e teve o impeachment da Dilma e veio o outro presidente e mais problemas pro PT (creio que aqui ele pode ter falado da prisão do Lula), então eu vendo e ouvindo, decidi mudar meu voto (Caio, 25-06-2024).

Eu olhei um pouco mais para as propostas de esquerda e fiquei descrente com a esquerda, por isso acabei mudando. Acho que o Lula tem que pagar a conta dele na justiça. Não achei certo ele virar a mesa, concorrer e ganhar a eleição. Esses fatores me levaram a votar no Bolsonaro (Vicente, 20-07-2024).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

4.1 Evangélicos À Esquerda/Progressistas No Brasil

O livro “Religião e Política: medos sociais e extremismo religioso e as eleições 2014”, informa que as ações progressistas se caracterizam pela defesa das minorias e por uma postura crítica em relação aos comportamentos extremistas e conservadores, sobretudo na política. O evangélico progressista é aquele que entende que o propósito da igreja é contribuir para que haja uma melhora na qualidade de vida das pessoas e em suas comunidades. Além disso, o cristão progressista se inspira em princípios de inclusão e piedade de seu mestre, acreditando que esses valores vão além das ideologias. Creem, pela própria Bíblia, que ele não tratou com discriminação os grupos marginalizados na sua época. Por outro lado, as ações conservadoras consistem em resistência às mudanças em favor das minorias, em omissões diante das ações de extremismo e numa contribuição para o silenciamento dos evangélicos progressistas (VITAL DA CUNHA; LOPES; LUI, 2017, p. 121).

As eleições de 2020 também mostraram que muitos evangélicos se consideram de esquerda, e manifestaram-se publicamente em defesa da sua opinião política. O pastor Ariovaldo Ramos, fundador da Frente de Evangélicos pelo Estado de Direito, movimento suprapartidário que não se vê representado pela Bancada Evangélica no Congresso Nacional, ajudou a fundar também o movimento Bancada Evangélica Popular, destinado a agrupar pessoas dispostas a participar ativamente do processo político. Outros grupos recentemente criados são o Cristãos Contra o Fascismo, que é um movimento de ação política, e o Plural, que foi uma candidatura coletiva ao cargo de vereador em Belo Horizonte nas eleições municipais de 2020, dentre outros (VITAL DA CUNHA, 2021, p. 29) Esses coletivos progressistas, oriundos do próprio movimento evangélico, fazem uma leitura mais humanista da Bíblia e têm obtido espaço frente aos seus irmãos conservadores (GRACINO; GOULART; FRIAS, 2021, p. 569).

Artigo do Jornal Folha de São Paulo, do sociólogo, pastor e professor da Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente Valdinei Ferreira, traz à baila alguns motivos que levam os cristãos a votarem na esquerda. Nem todos, por exemplo, concordam com a ampliação do acesso ao aborto ou a descriminalização

das drogas, mas são a favor de um estado de bem-estar social, políticas públicas de transferência de renda e ações em prol dos mais vulneráveis.

É na Bíblia que os evangélicos que votam na esquerda encontram razões para resistir à pressão para alinhar sua fé às bandeiras da direita. A artilharia com base na pauta dos costumes mobilizada pela direita não funciona contra esses evangélicos justamente porque eles acreditam que sua escolha política é coerente com sua fé bíblica.

(..)

Evangélicos que votam na esquerda pensam que enquanto a pobreza e a sua face mais cruel, a fome, estiverem presentes fará sentido o apelo para combater politicamente esses males. Eles entendem que a esquerda está preocupada na atuação política em favor dos pobres e que isso é coerente com a Bíblia (FERREIRA, 2024).⁴¹

Esses diversos grupos de evangélicos progressistas buscam viver de maneira prática a religião, promovendo justiça social, acesso a direitos universais e à cidadania (REIS, 2021, p. 410). Para estes grupos, todo ser humano deve ter a oportunidade de viver uma vida digna.

Contudo, os cristãos progressistas são minoria e na seara política, ainda há pouca interlocução entre os evangélicos conservadores e os políticos progressistas. Há um “desinteresse de políticos e partidos progressistas pelo fenômeno do cristianismo evangélico” e ao invés de buscarem “um diálogo honesto e de longo prazo com a base evangélica, representantes dos partidos de esquerda acabam buscando alianças de ocasião” (SPYER, 2020, p. 175-176).

4.2 Conclusão

A análise dos dados indica que a adesão ou rejeição a ideologias políticas está menos ligada a um posicionamento formal sobre esquerda e direita e mais associada a fatores práticos e contextuais, como a identificação com lideranças políticas e as respostas a questões econômicas e sociais.

Os evangélicos neopentecostais da IURD, apesar de terem preocupação com as desigualdades sociais, se autodefinem normalmente como sendo de direita na medida em que associam a esquerda com pautas identitárias, mas não com agendas

⁴¹ FERREIRA, Valdinei. Evangélicos votam na esquerda inspirados pela Bíblia. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/10/evangelicos-votam-na-esquerda-inspirados-pela-biblia.shtml>. Acesso em: 27 jan. 2025.]

como pobreza e justiça social. Como vimos nas conversas, as falas dos entrevistados tanto no aspecto econômico quanto no aspecto moral mostraram a tendência de um perfil conservador do integrante da IURD, o que mostra que nas últimas eleições o conservadorismo vem funcionando como um elemento organizador do voto, o que se reproduz em temas como aborto e sexualidade.

Os casos de corrupção, as discussões sobre aborto e outros temas tiveram impacto relevante para o grupo. Contudo, o que as entrevistas também revelaram, foi que muitos que votaram no PT até 2014 se desencantaram com o partido por conta do mal desempenho da economia, fator que impactou severamente o consumo das classes médias e baixas, resultando em um declínio do padrão de vida e na falta de mobilidade social. A falta dessa mobilidade, impacta o eleitor no momento de escolher seu candidato à presidência. Os evangélicos, principalmente os neopentecostais, são majoritariamente das classes mais baixas e essa variável também impacta o voto evangélico.

Como afirmado nas conversas, havia já na época dos mandatos de Dilma Rousseff, e ainda hoje, uma percepção de que os resultados dos governos petistas não foram duradouros e pareciam superficiais, sendo nada mais que uma “maquiagem”. Esse cenário de insegurança e recessão prolongada, após uma leve melhora nas condições de vida, alimentou um desejo de mudança, mostrando o quão relevante para os evangélicos foi o empoderamento através do aumento da capacidade de consumo.

Para o fiel da IURD, acostumado a um discurso de cunho neoliberal, à Teologia da Prosperidade e a uma ideia de “guerra santa”, lutar diariamente e não ver resultados na melhoria de sua condição de vida é muito frustrante. Assim, a descrença da população pela fissura gerada na economia e pelas questões morais, levou a uma flutuação do voto evangélico para a direita em 2018. Quando Lula foi candidato em 2022, a situação econômica permanecia ruim e, apesar de toda resistência à Lula e ao PT, essa insatisfação canalizou os votos para o petista.

Contudo, a situação econômica do país hoje, com inflação, juros e dólar altos, está pior do que em 2022. Pesquisa Datafolha divulgada dia 14 de fevereiro de 2025 mostra que 41% da população em geral considera que Lula tem feito um trabalho ruim

ou péssimo. Entre os evangélicos, esse percentual é de 48%.⁴² Reportagem do jornal O Globo de 17 de fevereiro de 2025 mostra uma projeção em que os evangélicos devem chegar a 35,8% da população brasileira em 2026.⁴³

Assim, o grupo neopentecostal, que se torna cada vez mais relevante na política brasileira, mantém-se refratário, distante da esquerda e cada vez mais conservador, buscando alternativas que atendam suas necessidades e expectativas. A evolução do voto evangélico e sua crescente influência nas eleições futuras serão cruciais para entender o cenário político do Brasil.

⁴²Aprovação ao Governo Lula cai de 35% para 24%, índice mais baixo de seus mandatos. **DataFolha**. 14 dez. 2025. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/avaliacao-de-governo/2025/02/aprovacao-ao-governo-lula-cai-de-35-para-24-indice-mais-baixo-de-seus-mandatos.shtml> Acesso em 18 fev. 2025.

⁴³ Um dos pilares do bolsonarismo, evangélicos serão 35,8% da população em 2026, projeta estudo. **O Globo**. 17 fev. 2025. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2025/02/17/um-dos-pilares-do-bolsonarismo-evangelicos-serao-358percent-da-populacao-em-2026-projeta-estudo.ghtml> Acesso em: 18 fev. 2025.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, A. C. Rio de Janeiro, 2018: Como uma cidade de maioria católica elege um bispo evangélico? *In*: MONTEIRO, G. T.; ISMAEL, R. (org.). **O Brasil nas Urnas: eleições municipais 2016**. Rio de Janeiro: Gramma, 2018. p. 41-70.
- ALONSO, A.; MIRANDA, D. S. **Método de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Sesc/CEBRAP, 2016.
- ANTONIAZZI, A.; MARIZ, C. L.; SARTI, I.; BITTENCOURT FILHO, J.; SANCHIS, P.; FRESTON, P.; VALLE, R.; FERNANDES, R. C.; GOMES, W. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BERGER, P. L. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Revista Religião e Sociedade (ISER)**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 9-24, 2001.
- BERGER, P. L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BERLIN, I. Dois conceitos de liberdade. *In*: HARDY, H.; HAUSHEER R (coord.). **Estudos sobre a humanidade: Uma antologia de ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BERUTTI, F. C.; FARIA, R. M.; MARQUES, A. M. **História Moderna através de textos**. 10. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- BOBBIO, N. **Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política**. Tradução: Marco Aurélio Nogueira. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BOTELHO, Maurilio Lima. Formas pós-estatais de desagregação social: evangélicos e milícias na Zona Oeste do Rio de Janeiro. *In*: ALCANTARA, Denise de e SILVA, Marcio Rufino (org.). **Reflexões em Desenvolvimento Territorial: limites, vivências e políticas no Oeste Metropolitano do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.
- BURITY, J. A.; MACHADO, M. D. C. A ascensão política dos pentecostais no Brasil na avaliação de líderes religiosos. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, p. 601-631, 2014.
- BURITY, J. A. **Identidade e política no campo religioso: estudos sobre cultura, pluralismo e o novo ativismo eclesial**. Recife: EdUFPE, 1997.
- BURITY, J. A. The Brazilian conservative wave, the Bolsonaro administration, and religious actors. **Brazilian Political Science Review (BPSR)**. 2021. Disponível em: <https://brazilianpoliticalsciencereview.org/article/the-brazilian-conservative-wave-the-bolsonaro-administration-and-religious-actors/>. Acesso em 26 jan. 2025.

BURKE, E. **Reflexões sobre a revolução em França**. Tradução: Renato de Assunção Faria *et al.* Brasília, EdUNB, 1982.

CARREIRÃO, Y. S. Identificação ideológica e voto para presidente. **Opinião Pública**, Campinas, v. 8, n. 1, p. 54-79, 2002.

COSER, I. Dois conceitos de liberdade: 60 anos após sua publicação. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 34, n. 100, p. 1-21, 2019

COWAN, B. A. **Majorities across the Americas**: Brazil, the United States, and the creation of the religious right. Chapel Hill: University of North Carolina Press. 2021.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Tradução: Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, M.; EVANGELISTA, A. C. Relação do campo religioso com a política. **Religião e Poder**, 23 out. 2020. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/analise/relacao-do-campo-religioso-com-a-politica/>. Acesso em 23 jan. 2025.

DOLIN, T. **George Eliot**. New York: Oxford University Press, 2005.

DOWNS, A. **Uma teoria econômica da democracia**. Tradução: Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos. –São Paulo: EdUSP, 2013.

DOYLE, W. **The Oxford history of the French revolution**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2002.

DUTT-ROSS, S.; MARTINS, F. B.; VEIGA, L. F. Os efeitos da economia e da Operação Lava-Jato na popularidade da Presidente Dilma Rouseff no período pré-impedimento. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 27, n. 72, e002, 2019.

FERRARI, O. A. **Bispo S/A**: A Igreja Universal do Reino de Deus e o Exercício do Poder. Goiânia: Ave Maria. 2007.

FERREIRA, V. Evangélicos votam na esquerda inspirados pela Bíblia. **Folha de São Paulo**. 03 out. 2024. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/10/evangelicos-votam-na-esquerda-Inspirados-pela-biblia.shtml>. Acesso em 27 jan. 2025.

FRASER, N. **The end of progressive neoliberalism**. Disponível em: <https://www.bresserpereira.org.br/terceiros/2017/fevereiro/17.02-End-of-Progressive-Neoliberalism.pdf>. Acesso em: 10 out 2024.

FRESTON, P. **Protestantes e política no Brasil**: da constituinte ao Impeachment. 1993. Tese (Doutorado em Filosofia e Ciências Humanas) – Universidade de Campinas, Campinas, 1993.

GRACINO JR., P.; GOULART, M.; FRIAS, P. “Os humilhados serão exaltados”: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 23, n. 51, p. 547-579, maio/ago. 2021.

GIDDENS, A. **Para além da esquerda e direita: O futuro da política radical**. Tradução: Alvaro Hattner. São Paulo: EdUNESP, 1996.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, E. C. “Fé racional” e “Abundância”: família e aborto a partir da ótica da Igreja Universal do Reino de Deus. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 97-120, 2009.

GONDIM, S.; VEIGA, L. F. A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. **Opinião Pública**, Campinas, v. 7, n. 1, 2001, p. 1-15, 2001.

HAIDT, J. **The righteous mind: why good people are divided by politics and religion**. New York: Pantheon Books, 2012.

HOODFAR, H.; SADR, S. Irã: políticas islâmicas e mulheres em busca de igualdade. **Revista Mandrágora**, v. 25, n. 1, p. 157-176, 2019.

HOBBSBAWM, E. **A era das revoluções: 1789-1848**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HUNTER, J. D. **American evangelism: conservative religion and the quandary of modernity**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1983.

LOCKE, J. **Carta sobre a tolerância**. Tradução: F. Fortes; W. Ferreira Lima. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LOCKE, J. **Segundo tratado sobre o governo civil: ensaio sobre a origem, os limites e os fins verdadeiros do governo civil**. Tradução: Magda Lopes; Marisa Lobo da Costa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LØLAND, O. J. As condições políticas e os fundamentos teológicos da nova direita cristã no Brasil. **Revista Antropológicas**, Recife, v. 32, n. 2, p. 46-75, 2021.

LUTERO, M. **Sobre a autoridade secular**. Tradução: Hélio de Marco Leite de Barros; Carlos Eduardo Silveira Matos. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

MAFRA, C. **Os evangélicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

MAPRIL, J.; BLANES, R.; GIUMBELLI, E.; WILSON, E. K. **Secularisms in a postsecular age? Religiosities and subjectivities in comparative perspective**. Cham: Palgrave Macmillan, 2017.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARIANO, R.; PIERUCCI, A. F. O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 34, p. 92-106, nov. 1992.

MCKINNON, C. **Toleration: a critical introduction**. London: Routledge, 2006.

MENDUS, S. **Tolerations and the limits of liberalism**. Hampshire: Macmillan Education, 1989.

MILL, J. S. **On Liberty**. Hazleton: The Pennsylvania State University, 1998.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MONTERO, P.; NICÁCIO, C.; VAGGIONE, J. M. Percepções da diversidade étnico-racial e religiosa no Brasil e na Argentina e suas expressões político-jurídicas. **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 99-126, 2021.

MURRIN, J. M. Religion and politics in America from the first settlements to the civil war. In: NOLL, M. A; HARLOW, L. E. (eds) **Religion and American politics: from the colonial period to the present**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2006.

NASCIMENTO, G. **O Reino: a história de Edir Macedo e uma radiografia da Igreja Universal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ORO, A. P. Algumas interpelações do Pentecostalismo no Brasil. **Revista Horizonte**. Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p. 383-395, jul./set. 2011.

PEIXOTO, V.; RENNÓ, L. Mobilidade social ascendente e voto: as eleições presidenciais de 2010 no Brasil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 17, n. 2, p. 304-332, nov. 2011.

PERLATTO, F. Política, religião e democracia no Brasil: Um diálogo com Habermas, Taylor e Eagleton. **Revista de Estudos e Pesquisa da Religião**, Juiz de Fora, v. 16, n. 1, p. 685-710, 2013.

PINHEIRO-MACHADO, R.; SCALCO, L. M. The right to shine: Poverty, consumption and (de) politicization in neoliberal Brazil. **Journal of Consumer Culture**, v. 23, n. 2, p. 312-330, 2023.

QUINTANA, F. **Ética e Política: da antiguidade clássica à contemporânea**. São Paulo: Atlas, 2004.

REIS, L. Tempos de pandemia, práticas cotidianas e projeto de nação: de que evangélicos estamos falando? **Debates do NER**, Porto Alegre, n. 40, p. 391-414, 2021.

SAMPAIO, R. C. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021.

SILVA, I. D. **Jerry Falwell e a maioria moral: um estudo sobre a relação entre religião e política no espaço público americano entre 1979 e 1989**. 2016. Tese (Doutorado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2016

SILVA, T. M. **Para além da esquerda e direita: a multifuncionalidade das crenças no Brasil contemporâneo (1989-2014)**. 2017. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

SINGER, A. V. **Esquerda e Direita no Eleitorado Brasileiro**: A identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994. São Paulo: EdUSP, 2000.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

SPYER, J. **Povo de Deus**: Quem são os evangélicos e porque eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.

VITAL DA CUNHA, C. **Oração de traficante**: uma etnografia. Rio de Janeiro: Garamond, 2015.

VITAL DA CUNHA, C.; LOPES, P. V. L.; LUI, J. **Religião e Política**: medos sociais, extremismo religioso e as eleições de 2014. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll/Instituto de Estudos da Religião, 2017.

VITAL DA CUNHA, C. Irmãos contra o Império: evangélicos de esquerda nas eleições 2020 no Brasil. **Debates do NER**, Porto Alegre, n. 39, p. 13-80, 2021.

WAITZ, L. F. **Um estudo sobre a educação neoliberal na Igreja Universal do Reino de Deus**. 2019. Dissertação (Mestrado em Direito) – Pontífice Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2019.

WALDRON, J. **The harm in hate speech**. Cambridge: Harvard University Press, 2012

WEAVER, C. D. **In search of the New Testament church**: the Baptist history. Macon: Mercer University Press, 2008.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução: Pietro Nasseti. 4. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

APÊNDICE A - FORMULÁRIO DE ENTREVISTA*Dados do entrevistado*

Nome: _____

Idade: _____ Estado civil: _____ Profissão: _____

Gênero: _____ Etnia: _____

Cidade onde reside: _____ UF: _____

Cidade em que está localizada sua igreja: _____

Há quanto tempo é evangélico: _____

Há quanto tempo está na IURD: _____

Já fez parte de outra igreja? _____

Qual? _____

Considera a IURD:

() pentecostal

() neopentecostal

() outro: _____

1. Na sua opinião, o líder da igreja deve orientar os fiéis a escolher determinado candidato? O pastor deve apoiar publicamente determinado candidato?

2. Você lembra em quem você votou para presidente nas eleições de 2010, 2014, 2018 e 2022? Lembra de seus votos no primeiro e no segundo turno? Por qual motivo votou nesse candidato?

3. O que pensa sobre os termos “esquerda” e “direita”?

4. Conhece os termos “progressista” e “conservador”? O que pensa a respeito?

5. Na sua opinião, um cristão pode ter um pensamento político “de esquerda”?

6. Como você acha que políticos e governos de esquerda e de direita lidam com questões como o combate à pobreza e à desigualdade social?

7. Ao escolher seu candidato para presidente, o que é mais importante para você, as propostas do candidato sobre direitos sociais e renda ou as propostas sobre família e costumes?

8. Você acha que a igreja evangélica se posiciona de forma contrária com relação à violência contra a mulher?
9. Na sua opinião, a igreja evangélica se posiciona contra o racismo?
10. De que forma acha que os homossexuais são tratados na igreja? O que pensa sobre homofobia?
11. O que pensa sobre o aborto? Na sua opinião, a legislação atual é razoável? Deveria ser mais flexível ou mais rígida?
12. Você considera que já sofreu algum tipo de preconceito ou atitude de intolerância por ser evangélico?